

Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

**Enfoque:
Desenvolvimento
Transnacional**



VOLUME 27

NÚMERO 1

2 0 0 6

A Fundação Interamericana (IAF) é um organismo autônomo de ajuda externa do Governo dos Estados Unidos, criado em 1969 para promover o desenvolvimento de auto-ajuda mediante a concessão de doações diretamente a organizações da América Latina e do Caribe. Seu orçamento operacional da consiste de alocações do Congresso dos Estados Unidos e de recursos provenientes do Fundo Fiduciário de Progresso Social.

O Escritório de Relações Exteriores da IAF publica a revista *Desenvolvimento de Base* em inglês e espanhol. Pode também ser lida no website da Fundação na Internet – ww.iaf.gov – em inglês, espanhol e português em formato de gráficos ou texto. O material original produzido pela IAF e publicado na revista é de domínio público e pode ser livremente reproduzido. No entanto, certos materiais foram proporcionados por outras fontes e poderão ter direitos autorais. A reprodução desse material poderá requerer autorização prévia do detentor de direitos autorais. A redatora solicita menção da fonte e cópia de qualquer reprodução. *Desenvolvimento de Base* aparece no catálogo do *Standard Periodical Directory*, no *Public Affairs Information Service Bulletin*, no *Hispanic American Periodical Index* (HAPI) e no banco de dados de *Agricultural Online Access* (WORLD). Números anteriores, em microfilme, podem ser obtidos da University Microfilms International, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, USA. Para receber a revista, favor enviar e-mail a publications@iaf.gov ou carta ao seguinte endereço:

Grassroots Development
Inter-American Foundation
901 North Stuart St. 10th Floor
Arlington, VA 22203

O propósito da revista é compartilhar experiências em desenvolvimento de base com uma variedade de leitores. A redatora incentiva o envio de artigos sobre temas relevantes que tratem, embora sem exclusividade, dos seguintes temas:

- como a população de baixa renda da América Latina e do Caribe se organiza e trabalha para melhorar as suas condições de vida;
- problemas e tendências da comunidade em desenvolvimento; e
- como as instituições colaboram para promover o desenvolvimento da região.

Para obter informações mais detalhadas, favor dirigir-se por correio a Paula Durbin ao endereço acima indicado ou por e-mail a pdurbin@iaf.gov.

Fotos da capa dianteira: Patrick Breslin. O festival de Guelaguetza celebrado na Universidade de San Marcos na Califórnia tinha um estande de comidas apresentado e dirigido por uma cooperativa de mulheres de Oaxaca, México, financiada pela IAF. O artigo sobre o assunto pode ser encontrado na página 26.

Impressão em papel reciclado com tinta derivada da soja.



A Fundação Interamericana

Roger Wallace, Presidente do Conselho Diretor
Nadine Hogan, Vice-Presidente do Conselho Diretor
Larry L. Palmer, Presidente

Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

Editora: Paula Durbin

Editor fotográfico: Mark Caicedo

Edições traduzidas: Dario Elias

Desenho e impressão: U.S. Government Printing Office

Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana

VOLUME 27

NÚMERO 1

2 0 0 6



Índice

Cartas de nossos leitores..... ii

Enfoque: Desenvolvimento Transnacional

Migração e desenvolvimento: encontros e desencontros
Jonathan Fox..... 2

O universo das associações de emigrados mexicanos nos Estados Unidos
Gaspar Rivera-Salgado, Xóchitl Bada e Luis Escala-Rabadán..... 6

Heróis locais: Como os emigrados mexicanos melhoram as condições de suas terras natais
Dan Gordon 9

Instantâneos das mesas-redondas da IAF: doações na era do transnacionalismo
Kathryn Smith Pyle..... 12

A IAF e as comunidades transnacionais de El Salvador
Kathryn Smith Pyle..... 16

Destaques transnacionais da carteira da IAF no México
Jill Wheeler 22

Um grupo de base aproveita um mercado de “nostalgia”
Patrick Breslin 26

Nativos da Baja California: raízes profundas, grandes esperanças
Miguel Wilken-Robertson..... 32

Wyclef Jean: mega-estrela trabalha para mudar o Haiti
Tina L. Balin-Brooks..... 36

Soluções e estratégias

A superpoupança de Ayacucho: Introdução de bancos comunitários nas aldeias dos Andes peruanos
Kevin Healy..... 40

Quando ocorre um desastre
Depois de Mitch, o desenvolvimento local
Luis González Amaya and John Reed..... 48

Rumo à recuperação depois do furacão Stan
Patrick Breslin 51

Na IAF

Chegando aos afrodescendentes 56

A marcha do desenvolvimento 60

Revisão de livro: *Weaving a Future: Tourism, Cloth, and Culture on an Andean Island (Tecendo um futuro: turismo, vestimenta e cultura em uma ilha andina)* 64

Recursos 66

In Memoriam..... 72

Cartas de nossos leitores

O último número da revista *Desenvolvimento de Base* trouxe-me lembranças maravilhosas de Bill [Dyal]. Tive a sorte de trabalhar sob a coordenação dele, na Colômbia, como membro da equipe do Corpo da Paz e, na década de 1990, como Diretor Nacional no Uruguai e na Argentina. A última vez que encontrei Bill foi em 1995, no Panamá, mas ele está sempre na minha lembrança. Era um tipo de pessoa e líder muito especial, que sentia verdadeiro amor e respeito pela América Latina. Ele foi importante para mim e para outras pessoas. Manos del Uruguay foi e ainda é uma grande iniciativa. Por favor, diga-me como posso obter outras cópias para compartilhar com os amigos.

Bob Arias

Dallas, Ore

Parabéns! Adorei o artigo [“Sonhos entre as Ruínas”] de [Patrick Breslin] publicado em *Desenvolvimento de Base* 2005. Na verdade, é maravilhoso ver a IAF celebrar seu passado, seu legado e seu aprendizado nesses últimos anos.

William Reese

International Youth Foundation

Baltimore

Primeiro eu gostaria de parabenizá-los pela excelente revista (2005). Suponho que a revista seja publicada há muito tempo, mas só a conheci agora. Nossa ONG é a Asociación de Formadores Docentes en Educación Ambiental (AFDEA). A maior parte dos membros é composta por professores, alguns já aposentados. Chamamos de “desenvolvimento de base” um de nossos pequenos projetos na área rural de nosso país, que implementamos no ano passado. Aqui é muito raro ouvir esse termo, mas esperamos que o conceito seja desenvolvido e aplicado. Adoraria receber outras revistas que abordassem essa questão. As revistas serão levadas para nossa biblioteca e podem ter certeza de que serão uma excelente fonte de informação para todos nós.

Gladys Beretta

Ciudad de Minas, Uruguay

Recebo muitas publicações, muitas das quais eu praticamente só folheio. Mas li atentamente a revista *Desenvolvimento de Base* por causa de seus interessantes artigos e suas belas fotos. Achei encantadora a capa em que aparece um garoto tomando banho. (Fiquei imaginando por que a legenda interna dizia que ele estava curtindo um “banho”). Gostaria de saber por que há uma foto do Beltran na página 62, se o artigo começa na página 63; faria mais sentido se estivesse na página 64 com a foto de seu colega. *Desenvolvimento de Base* foi um bom antídoto para *Collapse*, de Jared Diamond— um grande livro que mostra como estamos destruindo ambientalmente o mundo. Vocês dão exemplos de como as populações de baixa renda estão ajudando a salvar o mundo.

Chuck Frankel

Honolulu

Achei simplesmente espetacular o artigo “Pensando fora da caixa de Newton: Metáforas para o desenvolvimento de base”. Há algum tempo discutimos a questão da complexidade e a abordagem sistêmica a tudo o que fazemos a fim de escaparmos um pouco do reducionismo no qual a maioria de nós foi educado. O artigo de Patrick Breslin resume fantásticamente todas as coisas das quais temos falado e também estabelece paralelos entre a pesquisa científica e o mundo do desenvolvimento. É um ótimo material para reflexão e debate e já o divulguei em meu escritório. O tema é estimulante em termos conceituais e desafiante em termos operacionais. Se for verdade que um tema central e inicial deve começar a mudar nosso foco ao enfrentarmos “projetos de desenvolvimento”, outro tema não menos importante é como trazer à realidade muitas dessas questões.

Yan Speranza

Fundação Moisés Bertoni

Buenos Aires

Saudações dos membros da Alianza Verde, uma organização não-sectarista de interesse público. Trabalhamos na região da Moskitia de Honduras, uma área com 74.000 habitantes indígenas dos povos Miskitu, Tawahka, Pech e Garifuna. Os artigos da revista *Desenvolvimento de Base* têm sido muito úteis para nós. As experiências envolvendo a luta e a perseverança de outros grupos desfavorecidos em nossa querida América Latina têm servido de exemplo para nosso povo. Nesse momento, estamos organizando a biblioteca da Alianza Verde e solicitamos a doação de livros, revistas, pôsteres, vídeos, etc., para nos ajudar em nosso trabalho e compartilhar com nosso povo na região de Moskitia. Além disso, gostaríamos de estabelecer contato com nossos irmãos indígenas que dirigem a Ceibo Ltda. em Alto Beni, Bolívia. Acreditamos que eles tenham realizado um trabalho valioso na produção, processamento e comercialização do cacau e estamos começando a cultivá-lo em nossas comunidades. Talvez as realizações da Ceibo possam nos ajudar a seguir um rumo mais favorável em busca de um mercado justo para nossos produtores.

Edgardo Benítez Maclin
Tegucigalpa

Saudações calorosas do Equador. Sou coordenador do Projeto de Conservação Páramo Tushin Burgay. Um dos objetivos é a reintrodução da alpaca como uma alternativa sócio-econômica para a população rural dos *páramos*, especialmente para as mulheres. Começamos armazenando fibra de alpaca e passamos a produzir fios e confeccionar cachecóis, gorros e suéteres artesanalmente. Estamos buscando alternativas para permitir que as camponesas desenvolvam seu sistema manual de produção de fios. Li a revista *Desenvolvimento de Base 2005*, que contém uma reportagem muito interessante sobre a experiência da associação Manos del Uruguay, incluindo uma fotografia de mulheres fiando com a ajuda de máquinas. Onde podemos obter essas máquinas e quanto elas custam?

Wilson Pintado
Biblian, Cañar

Mais uma vez eu vou ensinar um grupo de centro-americanos, desta vez um grupo de gerentes e líderes de instituições de microfinanciamento de toda a região, que inclui a República Dominicana. Vocês nos poderiam enviar 30 exemplares – em espanhol – da revista *Desenvolvimento de Base*, vol.25 e vol. 26? Suas publicações continuam sendo uma inspiração para todos nós.

Richard Harris
*California State Polytechnic University
Pomona*

Leio sua revista com muito interesse há vários anos e depois a envio para minha irmã que mora e trabalha em uma comunidade indígena Wichi, na província de Formosa, onde foi fundada uma escola bilíngüe há cerca de 20 anos. Todos os temas abordados no volume 26 são excelentes, como sempre, repletos de relatos encorajadores para aqueles que trabalham em circunstâncias semelhantes.

Nora Kelly
Buenos Aires





Patrick Breslin

Celebração Guelaguetza, California

Enfoque: Desenvolvimento transnacional

Não faz muito tempo, no final da década de 1990, a comunidade de ajuda externa despertou para o extraordinário fluxo de caixa que os trabalhadores migrantes residentes nos Estados Unidos enviam para seu país de origem. Uma estimativa recente do Banco Mundial coloca a cifra total mundial em US\$232 bilhões. Boa parte da discussão inicial profissional focou o volume total dessas remessas, o custo das transações e o papel que os bancos podem ter nessas transações. Esse dinheiro é importante, é claro, mas não pode ser considerado, em termos oficiais, como ajuda externa. Boa parte desse dinheiro é destinado à sobrevivência básica dos familiares; somente uma pequena parcela é destinada a algo que se assemelha ao desenvolvimento comunitário.

Nos últimos anos, a IAF recebeu propostas de organizações da América Latina e do Caribe que queriam incluir aspectos do fenômeno das remessas em seus projetos e respondemos com financiamentos. Algumas buscavam parceria com associações de migrantes residentes nos Estados Unidos e as primeiras lições dessa série de doações relacionaram as condições necessárias para uma colaboração bem-sucedida. Outras envolveram diferentes tipos de vínculos externos.

Este número de *Desenvolvimento de Base* focaliza as recompensas e os desafios da pequena carteira transnacional da IAF. Examinamos projetos no México e El Salvador que recebem recursos de associações de migrantes nos Estados Unidos, projetos criados para ajudar as famí-

lias a economizar e investir uma parcela do rendimento proveniente de remessas e dois donatários que conectam grupos indígenas divididos entre dois países. Mas a IAF não realizou essa experiência transnacional isoladamente. Os representantes da IAF percorreram todos os Estados Unidos – e foram além – para conhecer melhor a participação dos migrantes no desenvolvimento da comunidade em países estrangeiros. Portanto, este número inclui um relato da filantropia dinâmica dos Zacatecanos residentes nos Estados Unidos e uma entrevista com o artista de hip-hop haitiano-americano Wyclef Jean sobre suas iniciativas para que a diáspora contribua para a melhoria das condições no Haiti. Além disso, compartilhamos informações coletadas pelos acadêmicos de destaque nesse campo: Jonathan Fox especialista em migração e desenvolvimento; Gaspar Rivera-Salgado em associações migrantes; e Katherine Andrade, Luin Goldring e Andrew Selee que oferecem percepções acadêmicas a respeito de recentes publicações sobre o assunto.

Há mais de 35 anos, a IAF tem estado alerta para novas oportunidades de investimento em desenvolvimento de base que ofereça melhores condições para a população de baixa renda da América Latina e do Caribe. Uma política de receptividade permitiu recentemente que a IAF buscase as possibilidades de projetos transnacionais, uma busca que nos levou além da função de remessas. Ainda estamos aprendendo com essa experiência e continuaremos a compartilhar as lições enquanto documentamos nossos investimentos.

Migração e desenvolvimento: encontros e desencontros

De Jonathan Fox

Nos dias de hoje, poder-se-ia pensar que existe uma relação direta entre a migração e o desenvolvimento. Afinal, o subdesenvolvimento persistente estimula claramente a migração, tanto do campo para as cidades quanto de um país para outro. O aumento das remessas feitas por trabalhadores migrantes, combinado com a disseminação de associações para o desenvolvimento da cidade natal, tem provocado grande otimismo com relação às perspectivas de investir no desenvolvimento de comunidades internacionais. Sim, a migração e o desenvolvimento estão claramente ligados, mas a definição da natureza dessas ligações é mais fácil na teoria do que na prática. Busca-se uma sinergia positiva entre as agendas do desenvolvimento e da migração e a Fundação Interamericana está em situação privilegiada para contribuir para esse impulso incipiente apoiando o fortalecimento de capacidades, os testes de campo e o aprendizado dessas iniciativas de base que levam em conta a migração. Contudo, para entender os desafios que essas estratégias devem enfrentar, vale a pena reconhecer primeiro alguns dos “desencontros” que mantiveram a distância entre as agendas da migração e do desenvolvimento, pelo menos até bem pouco tempo.

Para os iniciantes, muitos dos profissionais e analistas que trabalham com as questões de migração e desenvolvimento ainda estão muito distantes uns dos outros. Cada agenda geralmente trata a outra como “outra”. No que tange ao desenvolvimento, a maioria das pessoas com uma visão macro pressupõe que amplas reformas de políticas oferecem alternativas para a migração – a versão moderna da economia de infiltração. (Não esquecer que o NAFTA foi vendido nos Estados Unidos como uma receita para reduzir a migração). Enquanto isso, no nível de base, muitos profissionais do desenvolvimento, analistas e líderes comunitários ainda se referem aos migrantes como aqueles que “abandonam” suas comunidades, mesmo que muitos continuem a participar dessas comunidades à distância.

Do ponto de vista da migração, os altos volumes de remessas vêm chamando grande atenção. Até o momento, a estruturação das questões de migração e desenvolvimento pela ótica dos fluxos de remessas tem focado a maneira pela qual as instituições financeiras podem captar os recursos e se preocupado menos com o que acontece na realidade com as comunidades locais. Embora “dar banco a quem não tem banco” seja, sem dúvida, importante para aqueles que enviam as remessas, o vínculo com um desenvolvimento mais amplo

continua incerto. Para os migrantes e suas famílias, o impacto mais concreto das discussões públicas generalizadas tem sido a redução dos custos das transações, o que também é impulsionado pela maior concorrência no setor privado. Quase todos os bilhões transferidos são considerados como sendo para “consumo”, um termo que oculta os investimentos das famílias em educação e moradia. Avançados programas de governo que apoiam as remessas sociais coletivas, como a contrapartida de três para um do México, têm um importante histórico que os analistas estão examinando cuidadosamente, mas o perfil eminentemente público do programa contrasta significativamente com sua dimensão bastante modesta. Em 2004, o Ministério do Desenvolvimento Social do México gastou cerca de US\$18 milhões, menos de 1% de seu orçamento, no emprego dos recursos gerados pelos migrantes em projetos de desenvolvimento social nas comunidades natais desses migrantes e muito pouco desses recursos apoiou projetos de produção.

Apesar de quase uma década de discussões, ainda há poucas evidências concretas de investimentos de remessas que gerem empregos sustentáveis, a não ser alguns casos no nível micro. Esse fato não deve surpreender ninguém, diante da falta de oportunidades de investimento em tantas comunidades de envio, além da grande necessidade de capacidade empresarial local. Mas os obstáculos não são exclusivamente econômicos. Quando os migrantes reúnem seu dinheiro suado para investir em projetos em suas cidades natais, eles valorizam os investimentos que beneficiam a comunidade em geral; a maioria dos investimentos que geram empregos só afeta diretamente uma pequena parcela da comunidade. Isso sugere a importância de identificar os investimentos produtivos que também tenham efeito de “bens públicos”, tais como a melhoria da infra-estrutura do processamento do café em comunidades onde a maioria das pessoas depende desse produto e já tem anos de experiência em trabalhar em conjunto em cooperativas comerciais.

Há duas décadas, os analistas consideravam que o processo migratório suprimia capital humano e liderança, deixando as comunidades em condições piores. Hoje, cada vez mais as remessas dos migrantes e os migrantes que retornam são vistos como possíveis fontes de desenvolvimento. Como de costume, tudo é uma questão de ponto de vista. A migração é um problema ou uma solução? Quando o experiente organizador de uma cooperativa ou um certificador de café orgânico decide tentar a sorte no

norte, a migração parece ser uma solução para aquela pessoa, mas um sério problema para a organização.

Os profissionais e analistas criativos estão começando a abordar esse antigo desencontro entre as agendas da migração e do desenvolvimento. A rede de pesquisa internacional Migración y Desarrollo, sediada na Universidade de Zacatecas, está fazendo uma importante contribuição, bem como o grupo de interesse público com sede em Chicago, Enlaces Americas, que auxilia as organizações de migrantes mexicanos e da América Central a fortalecerem sua capacidade para participar de debates sobre políticas de desenvolvimento. As organizações afiliadas internacionais, tais como a Frente Indígena de Organizações Binacionais (FIOB), apóiam agendas de desenvolvimento de base tanto nas comunidades de origem quanto nas comunidades de assentamento. Organizações como a FIOB estão consolidando suas redes de microcrédito com a participação das comunidades de base em seus países de origem para construir um fundamento institucional de responsabilidade local que possa efetivamente receber e investir as remessas.

Num esforço para criar uma nova forma de estruturar o relacionamento entre a migração e o desenvolvimento, Armando Bartra, estrategista mexicano de desenvolvimento rural, estabelece o vínculo entre as agendas da migração, do desenvolvimento e dos direitos com o pedido de respeito pelo “direito de não [ter que] migrar”. Afinal, o Artigo 123 da Constituição do México fala do direito dos cidadãos ao “trabalho digno e socialmente útil.” O “direito de não migrar” pode ser um conceito útil de ligação para promover a reflexão e a discussão entre os diferentes e, algumas vezes antagônicos, atores que não vêem o processo da mesma forma. Esse princípio reconhece que, embora a migração seja uma opção, ela é uma escolha feita dentro de um contexto imposto por políticas públicas que favorecem mais algumas estratégias do que outras. A idéia sugere também que o termo “política de migração” seja um tanto ilusório na medida em que fica muitas vezes limitado às políticas que negociam com os migrantes, tais como fundos de contrapartida para projetos, ou proteção contra o abuso policial quando estão a caminho de casa para passar os feriados. A idéia de “política de migração” também deve levar em conta o modo pelo qual todas as políticas públicas, tais como a retirada do apoio à agricultura familiar, afetam a decisão de migrar. Todavia, a transformação de um conceito útil de estruturação em estratégias práticas para

as organizações de base revela-se um sério desafio.

O que poderia explicar esse constante desencontro entre migração e desenvolvimento? Afinal, cada vez mais os latino-americanos reconhecem que a migração está em toda parte, que as remessas são amplamente vistas como um recurso para o desenvolvimento e os profissionais e analistas que trabalham com a migração reconhecem hoje a necessidade de levar em conta a dinâmica das comunidades de origem. Talvez as raízes sejam mais profundas e seja necessário examinar os contextos básicos utilizados para definir as estratégias de mudança. Até mesmo alguns dos mais sofisticados e experientes profissionais e analistas do desenvolvimento rural ainda consideram que a migração está ocorrendo *fora* do contexto. Essas pessoas tratam a migração como um processo externo que ocorre “em torno” do processo de desenvolvimento de base, enquanto que para as pessoas *com as quais* eles estão trabalhando a migração está *dentro* do processo, é um elemento central de uma estratégia diversificada de sobrevivência familiar. Em contraste, para a maioria dos profissionais e analistas que trabalham com a migração, o aspecto do desenvolvimento na relação entre a comunidade que recebe e aquela que envia concentra-se no processo de “filantropia que vem de baixo”, inclusive os desafios de obter e enviar os recursos, além de encontrar projetos de grande destaque, “algo para todos”. Mas quem decide como investir os recursos, quem acaba gerenciando os projetos, qual é o seu grau de sustentabilidade? Como os impactos do desenvolvimento de longo prazo entram no processo de tomada de decisão? Onde se encaixam as outras políticas sociais, econômicas e ambientais do governo?

Um indicador do desafio de integrar as agendas da migração e do desenvolvimento está relacionado à desigualdade dos cenários das principais organizações baseadas nas comunidades. Os migrantes mexicanos, por exemplo, têm criado uma série ampla e diversificada de organizações afiliadas, mas estas variam muito em densidade e distribuição. Estão muito mais disseminadas em grandes cidades dos EUA do que em pequenas vilas e áreas rurais e alcançam maior destaque nas cidades de Los Angeles e Chicago. Ao mesmo tempo, o mapa desses migrantes mexicanos organizados não corresponde exatamente ao mapa da origem da maioria deles. Notadamente, um quarto de todas as associações para o desenvolvimento da cidade natal dos mexicanos nos Estados Unidos representa o estado de Zacatecas; outros estados,

tais como Michoacan, respondem por uma parcela maior de migrantes que vão para os EUA, mas seus membros são menos organizados. O “mapeamento” do mundo organizado dentro da sociedade migrante mexicana ainda está em sua fase inicial e é necessário mais trabalho para traçar seus contornos com precisão.

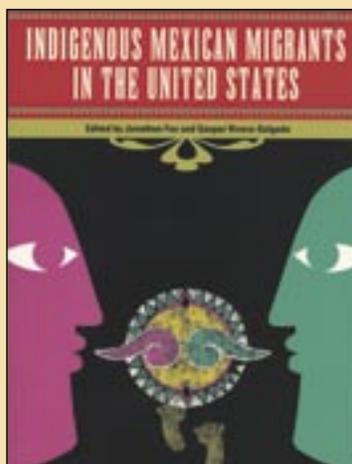
Para contribuir mais diretamente para as estratégias de desenvolvimento de base no local é necessário uma próxima etapa de mapeamento. Talvez no nível de estado ou região seja muito útil traçar o mapa daquelas comunidades cujos migrantes deram origem a associações para o desenvolvimento da respectiva cidade natal e colocá-lo em um mapa das comunidades que também geraram organizações de desenvolvimento social, civil e econômico que poderiam servir como contrapartes. Algumas comunidades “de envio” do estado de Oaxaca têm perspectivas econômicas muito limitadas, mas outras têm importantes iniciativas baseadas na comunidade, tais como cooperativas de café orgânico e madeira. Na realidade, várias dessas iniciativas de desenvolvimento, que combinam uma comunidade de base, responsabilidade local, ampliação do impacto de local para regional e sustentabilidade ambiental, receberam o apoio da IAF em momentos críticos do início de sua história, nas décadas de 1980 e 1990. O enfoque nessas organizações de migrantes que saem de sua cidade natal com histórias de desenvolvimento econômico baseado na comunidade pode avançar muito no sentido de tratar das questões que dificultam a transformação das remessas em investimentos produtivos. Essas questões incluem a necessidade de perspectivas de investimentos viáveis; de experiência empresarial; de sentimento de responsabilidade por suas comunidades de origem; e de efeitos colaterais positivos que ultrapassem as partes imediatamente interessadas. Mas o estabelecimento do vínculo entre migrantes organizados e iniciativas de base ainda está por acontecer.

Por muitos motivos, a Fundação Interamericana está em posição de destaque para contribuir para a solução do desencontro entre a migração e o desenvolvimento. A IAF foi uma das primeiras organizações a abordar a desafiante questão de como construir parcerias internacionais de desenvolvimento entre os migrantes e as comunidades locais. Na década de 1980, a IAF proporcionou apoio à Cooperativa Sin Fronteras uma iniciativa internacional de investimento social pioneira. Essa cooperativa surgiu de uma campanha para organizar um sindicato de agricultores no Arizona. O sindicato havia negociado um contrato que abriu um novo caminho com a exigência de que a empresa contribuísse para um fundo de investimento social que beneficiasse as comunidades de origem dos trabalhadores. A cooperativa formada para canalizar esses fundos apoiou uma diversificada série de projetos produtivos e sociais em vários estados mexicanos e desfrutou de muitos anos de inebriante crescimento e otimismo. No início da década de 1990, contudo, já não existia. Não há dúvida de que uma recapitulação séria de sua história poderia revelar os motivos. Mas, segundo Manuel Fernández de Villegas, o consultor de campo da IAF que entrevistou o líder fundador da cooperativa durante o período em que ela estava fracassando, uma questão-chave foi o desequilíbrio entre a coerência da or-

ganização nos EUA e suas raízes sociais pouco profundas nas comunidades do México. Em sua opinião, enquanto estavam nos EUA, os membros compartilhavam seu local de trabalho e seu esforço pelo sindicato. Quando alguns retornavam ao México em busca de projetos produtivos ou quando a cooperativa investia nas discrepantes comunidades de origem de seus membros, não havia base social ou experiência empresarial para organizar iniciativas amplas de desenvolvimento comunitário. Isso indica a importância de parcerias internacionais equilibradas.

Em linhas mais gerais, a IAF oferece pelo menos seis vantagens comparativas para a agenda da migração e do desenvolvimento. Em primeiro lugar, está sua premissa filosófica básica de considerar as pessoas de baixa renda como participantes de seu próprio desenvolvimento. Esta ainda não é uma visão amplamente divulgada a respeito dos migrantes, nem nos EUA nem na América Latina. Os migrantes ainda são considerados por muitos como vítimas implicitamente passivas, ou como fluxos maciços porém anônimos, mas não como atores e certamente não como pessoas capazes de se organizar e conquistar uma posição de comando. Em segundo lugar, a rica experiência da IAF gerou uma sensibilidade especial no tocante às sempre delicadas e complexas relações entre organizações de base afiliadas e ONGs. Mais uma vez, as parcerias equilibradas são fundamentais. Muitas iniciativas de desenvolvimento de base surgem ou desaparecem nos termos da integração entre as organizações afiliadas e as ONGs. Terceiro, está implícita no legado institucional da IAF uma profunda conscientização da importância da sinergia entre processos sociais abrangentes e boa assistência técnica, de como um precisa informar o outro. Isso pode parecer óbvio, já que é tão lógico, mas alguns órgãos de desenvolvimento preocupam-se apenas com questões técnicas, enquanto outros focam somente o processo social. Quarto, a IAF tem diferentes relacionamentos com importantes atores sociais, cívicos e econômicos em toda a América Latina e nos EUA, cercados de processos migratórios, mas que estão apenas começando a pensar em uma maneira de incorporar as questões de migração às suas estratégias de desenvolvimento. Em quinto lugar, a combinação do profundo conhecimento local da IAF com uma perspectiva hemisférica possibilita a troca de experiências nos países e nos setores, capaz de enriquecer as estratégias de desenvolvimento e ajudar a não reinventar a roda. Por último, porém não menos importante, o foco coerente da IAF no desenvolvimento de base na América Latina assegura uma sensibilidade especial com aqueles que ficaram em casa, uma vez que recebem o apoio direto da fundação. Mais uma vez são necessárias as parcerias equilibradas. Estratégias estritamente voltadas para remessas ou exclusivamente voltadas para migrantes não considerarão necessariamente como parceiros plenos aqueles que ficaram em seus países. Na verdade, em retrospecto, torna-se evidente que a IAF vem apoiando “o direito de não migrar” desde o início.

Jonathan Fox é professor de estudos latinos e latino-americanos da University of California, Santa Cruz, e ex-membro da IAF.



**Indigenous Mexican Migrants in the United States
(Migrantes indígenas mexicanos nos Estados Unidos)**

Editado por Jonathan Fox e Gaspar Rivera-Salgado

Centro de Estudos Mexicanos e Centro de Estudos Comparativos sobre Imigração da University of California, San Diego: 2004

Editorial Miguel Angle Porrúa/Universidad de Zacatecas: Cidade do México, 2004

Disponível em inglês e espanhol

Há décadas, os indígenas migram do México para os Estados Unidos. Nos últimos anos, a crescente pobreza nas áreas rurais do México aumentou seu número e sua proporção na população de migrantes. Jonathan Fox e Gaspar Rivera-Salgado documentam as alterações desses padrões em *Indigenous Mexican Migrants in the United States* (Migrantes indígenas mexicanos nos Estados Unidos) e analisam a evidência de uma “sociedade civil binacional” que está transformando as práticas culturais, sociais e políticas nesses dois países.

Segundo os editores, as populações Mixtec e Zapotec têm histórias incrivelmente longas de migração para os Estados Unidos, principalmente para a Califórnia. Os fluxos mais recentes, que representam quase todos os importantes grupos indígenas do México, agora se deslocam para Illinois, Nova York, Oregon, Flórida, além de outros estados. Fox e Rivera alegam que esses indígenas mexicanos muitas vezes enfrentam a discriminação em vários níveis: como migrantes, como trabalhadores com baixos salários e como indígenas, especialmente se não falarem espanhol. Enfrentam barreiras na sociedade dos Estados Unidos e até entre outros migrantes mexicanos. Conseqüentemente, quando chegam aos Estados Unidos, muitos migrantes que se consideravam, principalmente,

membros de suas comunidades locais, começam a identificar-se com outros de sua própria etnia ou simplesmente como indígenas.

Apesar desses desafios – e por causa deles – os migrantes indígenas formaram inúmeras organizações que estão transformando suas comunidades de origem e suas novas comunidades nos Estados Unidos. Fox e Rivera observam que “identidades sociais são criadas e recriadas” à medida que esses migrantes adaptam suas práticas sociais, culturais e políticas para tratar de suas atuais necessidades de, por exemplo, comemorar festas religiosas, preservar tradições, exercer direitos trabalhistas ou negociar projetos financiados por remessas com governos estaduais no México. Entre as várias associações fundadas por migrantes indígenas, a Frente Indígena Binacional Oaxaqueño, binacional e pan-étnica, destaca-se pela crescente diversidade de seus membros indígenas e por causa de suas afiliadas, tanto no México quanto nos Estados Unidos.

O livro de Fox e Rivera-Salgado inclui capítulos escritos por destacados líderes migrantes indígenas, jornalistas e acadêmicos documentando os desafios que as organizações de migrantes indígenas enfrentam quando elaboram agendas políticas binacionais. São de especial importância os meios alternativos que facilitam a troca de idéias. Entre eles figuram o jornal mensal da FIOB e o *El Oaxaqueño*, ambos com circulação ao norte e ao sul da fronteira, bem como a Radio Bilingue, uma estação que serve a migrantes na Califórnia e que acrescentou transmissões em Mixteco e tem uma estação de rádio pública em Fresno. Fox e Rivera concluem que os migrantes indígenas estão desenvolvendo o que os editores chamam de “cidadania comunitária translocal” – a capacidade de moldar condições e controvérsias no México e nos Estados Unidos por meio da participação ativa na ação coletiva binacional. O livro acrescenta também uma sutil diferença ao constante debate sobre imigração que geralmente não leva em consideração a diversidade entre os migrantes. – *Andrew D. Selee, Diretor do Mexico Institute, Woodrow Wilson International Center for Scholars*

O Universo das Associações de Emigrados Mexicanas

De Gaspar Rivera-Salgado, Xóchitl Bada e Luis Escala-Rabadán

As organizações de base de migrantes mexicanos proliferaram nos Estados Unidos desde o início da década de 1980, principalmente nas áreas metropolitanas de Los Angeles e Chicago. Recentemente, essas organizações também se tornaram mais visíveis em áreas menos urbanas, como San Joaquin Valley na Califórnia e as comunidades menores no centro-oeste e no sul que se tornaram os novos destinos da migração mexicana. Embora os migrantes de diversas regiões do México tenham promovido vários tipos de organizações, incluindo comitês, frentes e coalizões, no final da década de 1990 as associações para o desenvolvimento da cidade natal e as federações do estado natal tornaram-se os grupos predominantes de migrantes mexicanos e da América Central (principalmente de El Salvador e da Guatemala).

Em contraste com a informalidade relativa e o isolamento político que as caracterizavam no meio da década de 1990, essas associações consolidaram suas estruturas. Suas atividades filantrópicas também se modificaram. No passado, esses projetos eram organizados com pouca frequência e de modo ocasional; atualmente, o levantamento de fundos e os investimentos internacionais em infra-estrutura de comunidades natais cresceram e tornaram-se mais formalizados e sistemáticos. A maior visibilidade levou ao reconhecimento nas esferas pública e política, encorajando o diálogo com os governos federal, estaduais e municipais do México.

As associações para o desenvolvimento da cidade natal são pontos de referência poderosos para uma identidade coletiva entre migrantes da mesma comunidade ou região. A “conexão *paisano*” tornou-se uma parte essencial da organização social dos migrantes, semelhante aos laços familiares e de amizade. Fora dessa conexão, as redes de *paisanos* crescem e geralmente levam à formação de associações, uma forma privilegiada de propriedade “translocal”. O trabalho em conjunto nos Estados Unidos como um grupo organizado permite que os migrantes promovam e consolidem um sentimento de identidade cultural compartilhada. De 1998 a 2003, o número total de associações para o desenvolvimento da cidade natal registradas em todo o país passou de 441 para 623 (Tabela 1). Embora os dados sobre os números exatos estejam incompletos, existe um padrão claro de crescimento. Esse tipo de organização inclui migrantes mexicanos de praticamente todos os estados. Em 2003, 80% estavam concentrados na Califórnia e em Illinois, um número coerente com o agrupamento da população de migrantes mexicanos (Tabela 2).

As associações para o desenvolvimento da cidade natal promovem eventos para levantamento de fundos durante todo o ano: danças, jantares, rifas, concursos de beleza e outras atividades culturais e sociais. Esses eventos têm duas finalidades: financiam projetos filantrópicos no México e criam um sentido de comunidade entre os migrantes paisanos. Desse modo, constituem um elemento importante nas relações entre as comunidades mexicanas dos dois lados da fronteira.

Outro nível organizacional – a federação – une os clubes ou as associações. O primeiro desses órgãos, a Federación de Clubes Mexicanos Unidos de Los Angeles, foi fundado em 1972 para unificar oito clubes de migrantes dos estados mexicanos de Jalisco, Chihuahua, Michoacán, Guanajuato e Zacatecas. Seu principal objetivo era fortalecer os laços sociais entre essas associações e apoiar seus projetos filantrópicos de uma forma mais consistente.

Os clubes para o desenvolvimento da cidade natal e as federações de unificação atenderam às comunidades mexicanas nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980, quando a população migrante se tornou mais numerosa e mais permanente devido às concessões de anistia da Lei de Reforma e Controle de Imigração de 1986. Nesse período, o contato com os órgãos governamentais mexicanos – com o governo federal por meio dos consulados nos Estados Unidos e com os governos estaduais mexicanos – era bastante esporádico e informal. Na segunda metade da década de 1980, contudo, diversos fatores fortaleceram essas relações. Por exemplo, com a proliferação de clubes de zacatecanos, a Federación de Clubes Mexicanos Unidos transformou-se na Federación de Clubes Zacatecanos del Sur de Califórnia, um modelo de federações mexicanas com base no estado de origem. Ao mesmo tempo, o governo do estado de Zacateca ampliou os contatos com as comunidades de migrantes nos Estados Unidos, principalmente com os clubes zacatecanos da área de Los Angeles. Essas ações formalizaram a relação entre as associações de migrantes e o governo do estado, o que, por sua vez, gerou mais projetos sociais em Zacatecas. O Governo mexicano seguiu o exemplo de Zacatecas com seu Programa para Comunidades Mexicanas en el Exterior, incentivando a expansão de clubes e federações de migrantes. As comunidades com uma grande tradição migratória e organizacional conseguiram aproveitar essa nova direção para consolidar suas redes organizacionais, principalmente as de Jalisco, Michoacán, Oaxaca e Zacatecas.

Tabela 1.

Associações mexicanas para o desenvolvimento da cidade natal nos Estados Unidos * por estado de origem

Estado de origem no México	1998	2003
Aguascalientes	3	1
Baja Califórnia	1	1
Chihuahua	6	10
Coahuila	2	2
Colima	1	4
Distrito Federal	3	6
Durango	19	20
México	6	11
Guerrero	23	51
Guanajuato	40	48
Hidalgo	4	11
Jalisco	74	100
Michoacán	19	51
Morelos	0	5
Nayarit	22	27
Nuevo León	2	4
Oaxaca	22	36
Puebla	12	34
Querétaro	1	0
San Luis Potosí	39	23
Sinaloa	12	17
Sonora	2	5
Tamaulipas	2	3
Tlaxcala	7	13
Veracruz	2	12
Yucatán	4	2
Zacatecas	113	126
Total	441	623

As associações para o desenvolvimento da cidade natal e as federações de Chicago datam de 1925, com a fundação do Círculo de Obreros Católicos San José por migrantes de Jalisco e Guanajuato e da Confederación de Sociedades Mexicanas de los Estados Unidos de América, uma organização matriz de cerca de 35 sociedades mexicanas de ajuda mútua, cuja missão era proteger os direitos legais dos cidadãos mexicanos. Todas elas funcionavam como grupos de auto-ajuda, oferecendo apoio em épocas de dificuldades econômicas devido a desemprego, doença, lesões e despesas com funerais, bem como facilitando a adaptação de recém-chegados e combatendo a discriminação. Durante e após a Depressão, muitas associações desapareceram em consequência de deportações em massa e problemas organizacionais. Na década de 1960 as associações para o desenvolvimento da cidade natal reapareceram na área metropolitana de Chicago, preenchendo a lacuna.

Em 1995, o consulado mexicano em Chicago registrou 35 dessas associações mexicanas na área metropolitana.

Tabela 2.

Localização das associações para o desenvolvimento da cidade natal nos Estados Unidos *

State	1998	2003
Arizona	5	9
Califórnia	240	329
Colorado	4	5
Flórida	3	1
Geórgia	2	2
Illinois	82	170
Indiana	-	2
Michigan	-	1
Nevada	-	1
Novo México	-	3
New York	15	27
Carolina do Norte	-	1
Oregon	3	4
Pennsylvania	5	11
Texas	73	48
Utah	2	2
Washington	7	7
Total	441	623

*Fonte: Directorio de Oriundos en los Estados Unidos (SRE, 1999) e Programa para las Comunidades Mexicanas en el Exterior (SRE, 2003).

Atualmente, seu banco de dados tem 270 associações, organizadas em 17 federações e na Confederação de Federações Mexicanas, reunindo as associações formadas por migrantes de Chihuahua, Durango, Estado de México, Guanajuato, Guerrero, Hidalgo, Jalisco, Michoacán, Oaxaca, Puebla, San Luis Potosí e Zacatecas. As organizações registradas em 46 consulados mexicanos de 31 estados dos Estados Unidos atualmente são estimadas em 1.000 e os números continuam a crescer.

Nos últimos 10 anos, as atividades das associações para o desenvolvimento da cidade natal em Chicago tornaram-se mais diversificadas. Hoje em dia, esses grupos estão cada vez mais dirigidos para questões de desenvolvimento rural no México e na América Latina, bem como questões internas dos Estados Unidos. Os líderes das associações para o desenvolvimento da cidade natal cada vez mais exercem funções importantes nos sindicatos de Chicago, clubes de bairros, órgãos públicos de assuntos de imigrantes, organizações de bairros, atividades da March of Dimes e Associações de Pais e Professores. As associações para o desenvolvimento da cidade natal de Chicago também formaram parcerias com grupos de americano-mexicanos, tais como o Mexican-American Legal Defense and Education Fund (Fundo Americano-Mexicano de Defesa Jurídica e Educação – MALDEF), para desenvolver programas de liderança para seus membros, bem como com a Igreja Católica para defender os direitos dos migrantes.



Membros da Mujeres Empacadoras de Nopal de Ayoquezco (MENA) preparando produtos para vender...



...por meio de uma associação para o desenvolvimento da cidade natal do Sul da Califórnia.

Embora a participação cívica e política das associações mexicanas para o desenvolvimento da cidade natal esteja em fase inicial e sua orientação ainda precise ser definida, a criação de novas formas e estratégias de participação sugerem não somente sua vontade de interferir “aqui” e “agora”, mas, acima de tudo, a consolidação de uma “sociedade civil migrante” que atua no México e nos Estados Unidos.

Gaspar Rivera-Salgado é professor visitante na Universidade de Utrecht, na Holanda. Xóchitl Bada é candidata ao doutorado pela Universidade de Notre Dame. Luis Escala-Rabadán é pesquisador do El Colegio de la Frontera Norte em Tijuana. Uma versão completa deste artigo foi apresentada no Woodrow Wilson International Center for Scholars em novembro de 2005.

Heróis locais: Como os imigrantes mexicanos melhoram as condições de suas terras natais

De Dan Gordon

No que se refere à filantropia no nível de aldeias, poucos grupos podem afirmar que levantam dólares do governo para infra-estrutura de forma tão efetiva como a Federación de Clubes Zacatecanos del Sur de California. Sendo o grupo mais antigo e bem-sucedido de associações mexicanas para o desenvolvimento da cidade natal – grupos de imigrantes recém-chegados que levantam recursos para melhorar as condições das aldeias de origem – a federação agora ajuda a gerar um investimento anual cada vez maior que já se elevou a quase US\$16 milhões por ano para projetos de infra-estrutura social no estado mexicano central de Zacatecas.

A federação é capaz de quadruplicar cada dólar levantado por meio dos seus 74 “clubes” separados para projetos filantrópicos no México – desde a pavimentação de estradas e construção de sistemas de água potável até a reforma de igrejas, hospitais e escolas – por meio dos fundos de contrapartida fornecidos por todos os três níveis de governo no México: municipal, estadual e federal. As associações para o desenvolvimento da cidade natal constituem uma nova forma de filantropia — de base por natureza, democrática na prática e de âmbito transnacional. Embora os imigrantes venham para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor, as aldeias de seus ancestrais, onde muitos membros da família e amigos ainda vivem, permanecem sendo o núcleo de suas vidas, envolvendo seus laços de afeto e servindo como um ponto de referência que os reúne nas redes de *paisanos* que surgem nos Estados Unidos.

Estima-se que existam atualmente pelo menos 1.000 associações para o desenvolvimento da cidade natal nos Estados Unidos, com a maior concentração na Califórnia e a maioria com foco nas aldeias do México. Outros países, incluindo El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua, também têm associações para o desenvolvimento da cidade natal, mas os grupos mexicanos foram os mais bem-sucedidos até agora.

As remessas feitas pelos imigrantes mexicanos nos Estados Unidos devem chegar quase a US\$20 bilhões neste ano, número ultrapassado somente pelas exportações de petróleo e pelo turismo como principal fonte de renda. A



Efraín Jiménez, Diretor Eexecutivo de projetos para a Federação de Clubes Zacatecanos da Califórnia do Sul, ao lado de Jill Wheeler, representante da IAF para o México.

grande maioria é proveniente de migrantes individuais para suas famílias a fim de atender às suas necessidades, como alimentação, casa e cuidados médicos. Atualmente existem aldeias inteiras nas quais as remessas são a *única* fonte de renda da maioria das famílias. Há dois anos, o censo mexicano contabilizou cerca de dois milhões de famílias em todo o país que declararam essas remessas como sua principal fonte de renda.

Mas são as remessas coletivas feitas pelas associações para o desenvolvimento da cidade natal que estão recebendo mais atenção dos acadêmicos e dos políticos. “Esses tipos de pagamentos são muito mais interessantes, devido ao seu potencial de ter um efeito multiplicador no desenvolvimento local e regional”, diz Luis Escalera-Rabadán, acadêmico do El Colegio de la Frontera Norte em Tijuana, México, que começou a estudar o funcionamento interno das associações para o desenvolvimento da cidade natal como aluno de doutorado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) em 1997.

As associações para o desenvolvimento da cidade natal normalmente compõem-se de um grupo central de cinco a 15 voluntários que mobilizam centenas de compatriotas expatriados em suas comunidades por meio de danças, rifas, rodeios e outros eventos para financiar projetos filantrópicos específicos em suas cidades de origem. A maioria dos clubes tem um papel ativo não somente na identificação dos projetos que beneficiariam a cidade natal, mas também na implementação e monitoração desses esforços, trabalhando em estreita colaboração com as contrapartes na aldeia.

As doações individuais geralmente são pequenas, em torno de US\$10 a US\$20 por mês, condizentes com as rendas modestas da maioria dos imigrantes, mas devido à intensa lealdade às aldeias e aos resultados tangíveis das doações passadas, as taxas de participação são altas. “Quando há várias pessoas dando uma pequena parte e ela é multiplicada pelo programa três por um, é possível fazer muito bem às comunidades”, diz Guadalupe Gómez, segunda Vice-Presidente da Federação Zacatecana do Sul da Califórnia.

Foram necessários 30 anos para construir

O programa de contrapartida três por um é a menina-dos-olhos da federação, mas demorou para se concretizar. A federação foi fundada em 1972, porém somente em meados da década de 1980 o governo do estado de Zacatecas começou a recorrer aos líderes da federação. Em 1986, Genaro Borrego Estrada, então governador de Zacatecas, esteve em Los Angeles e concordou em um programa de contrapartida de dólar por dólar para os fundos levantados pelos clubes zacatecanos para projetos filantrópicos. Em 1992, o governo federal uniu-se à iniciativa, formando um programa de contrapartida de dois para um. Em 1999, a federação e o governo zacatecano convenceram os municípios a participarem das atividades e o Presidente da Federação Zacatecana, o Governador de Zacatecas e um representante do Governo mexicano assinaram o



programa três para um no Consulado Mexicano em Los Angeles.

Com o incentivo adicional da contrapartida de fundos, a participação do clube floresceu: Em dois anos, muitos novos clubes zacatecanos foram criados em todos os Estados Unidos, representando quase 50.000 membros. E como era necessária a filiação para participar do programa três para um, as federações de clubes se fortaleceram. Neste ano, os clubes zacatecanos enviarão aproximadamente US\$4 milhões para a cidade natal para financiar projetos, com os três órgãos do governo participando com US\$12 milhões adicionais. A Federação Zacatecana do Sul da Califórnia financia mais da metade desses projetos por meio do programa três para um.

“Os projetos mais bem-sucedidos são os que têm prioridade tanto para a comunidade de Zacatecas como para a associação para o desenvolvimento da cidade natal na Califórnia”, diz Efraín Jiménez, diretor executivo de projetos da federação e o único membro assalariado da federação no lado dos Estados Unidos. Muitas vezes, observou ele, os líderes do clube e da federação promovem reuniões municipais quando vão às suas aldeias natais, solicitando idéias antes de retornar às novas comunidades para falar aos seus conterrâneos expatriados sobre as necessidades e levantar fundos para atendê-las.

A federação, que representa os clubes dos municípios de Los Angeles, Ventura e Orange, opera em um edifício na área leste de Los Angeles e é dirigida por voluntários, incluindo uma diretoria eleita por delegados para representar seus interesses. A federação também abriu um escritório em Zacatecas, chefiado por um engenheiro, que aconselha os clubes quanto às prioridades da comu-

nidade. Jiménez vai a Zacatecas pelo menos uma vez por mês e fornece relatórios de andamento aos clubes, que finalmente tomam suas próprias decisões sobre os projetos a serem apoiados.

Alguns prefeitos são mais cooperativos do que outros quanto à autorização dos projetos financiados, observa Jiménez; portanto, a federação aprendeu a usar sua força coletiva como uma poderosa ferramenta de negociação. “A federação percebeu que essa organização matriz daria um maior impulso a cada uma das associações para o desenvolvimento da cidade natal em relação às autoridades estaduais e locais quanto a ter uma voz ativa nos projetos a serem implementados”, diz Escala-Rabadán. “Funcionou de modo notável, fazendo dessa organização um ator político muito poderoso em Zacatecas.”

Esse poder é também exercido de outras maneiras. A federação exigiu transparência e responsabilização em relação ao modo como os fundos do projeto são gastos e seus líderes não tiveram medo de levantar a voz quando achavam que os fundos estavam sendo usados indevidamente. “As pessoas que moram no México geralmente não querem falar sobre os problemas de lá, pois têm medo do governo”, diz Gómez. “Mas nós vivemos aqui e não estamos concorrendo a nenhum cargo público; portanto, se vemos alguma coisa errada, falamos. E a imprensa está sempre interessada no que temos a dizer”.

O respeito obtido com esses projetos filantrópicos e a defesa de direitos transformou a federação e seus membros em líderes de opinião cujo apoio é ansiosamente procurado pelos candidatos políticos em Zacatecas. Por sua vez, a federação permanece oficialmente apartidária, embora, quando os membros do clube pedem, os líderes lhes digam que prefeitos estão trabalhando bem com a federação e quais não estão.

Mas os jovens ainda saem

Contudo, por todo o sucesso no financiamento de importantes trabalhos filantrópicos, os líderes das federações continuam envolvidos por uma tendência inegável:

Independentemente do quanto a infra-estrutura das cidades natais zacatecanas melhorou, os jovens das aldeias continuam a sair em bandos.

“Tivemos casos em que construímos uma escola em uma comunidade e ela continua vazia”, conta Felipe Cabral, o atual Presidente da federação. “Isso fez que começássemos a pensar de um modo diferente.” Portanto, embora continue a apoiar melhorias da infra-estrutura, a federação também começou a endossar o que chama de “projetos produtivos” – que promovem um crescimento econômico de longo prazo e a criação de empregos nas aldeias zacatecanas.

Para isso, a federação convocou uma série de reuniões multissetoriais e binacionais que contam com a participação dos membros de grupos de imigrantes, empresários migrantes, produtores mexicanos, organizações não-governamentais, autoridades governamentais, acadêmicos e outras pessoas para desenvolver um plano de ação.

Os elementos centrais da estratégia da federação são um programa de contrapartida com o governo federal para projetos de criação de empregos financiados pelas associações para o desenvolvimento da cidade natal, fazendo pressão para favorecer um melhor ambiente para investimentos dos migrantes, e iniciativas para ajudar as comunidades a dar os passos necessários para financiar seus próprios negócios de modo que possam tornar-se auto-suficientes.

Essas reuniões foram facilitadas por financiamentos da Rockefeller Foundation, a qual em 2004 concedeu subsídios em um total de US\$382.000 por um período de dois anos para apoiar o pessoal básico e a modernização tecnológica para a federação, bem como ajudá-la a explorar esse novo modelo de investimento filantrópico transnacional. Para a Fundação Rockefeller, os subsídios — financiados como parte do programa de Comunidades Transnacionais da América do Norte – destinam-se não somente a fortalecer a federação, como também para apoiar uma agenda de treinamento mais ampla. Com os fundos canalizados pela Coalizão pelos Direitos Humanos dos Imigrantes de Los Angeles e a Tides Foundation, os subsídios incluem provisões para pesquisas etnográficas e de opinião em mais de 20 comunidades de envio de migrantes em três estados mexicanos. “As famílias mexicanas estão procurando estratégias de sobrevivência simultaneamente nos dois lados da fronteira”, diz Salvatore LaSpada, Diretor Associado da Divisão de Inclusão Global da Fundação Rockefeller, “mas de muitas formas a nossa compreensão, e certamente as nossas políticas, ainda não alcançaram essa fomentação de um movimento muito dinâmico – um movimento de pessoas, dinheiro, idéias e organização.”

O financiamento da Fundação Rockefeller está se tornando o maná da Federação Zacatecana. “As necessidades desses grupos, dos dois lados da fronteira, estão crescendo a ponto de ficarem sobrecarregadas”, afirma Escala-Rabadán, que proporcionou workshops de reforço de capacidades com representantes de associações de cidades natais como parte de uma equipe que também inclui Gaspar Rivera-Salgado, especialista em associações mexicanas e latinas para o desenvolvimento da cidade natal e atualmente professor visitante no Instituto Holandês de Direitos Humanos. “Precisamos lembrar que são grupos de voluntários com outras responsabilidades.”

Independentemente do crescente volume de trabalho, entre os membros da federação e os migrantes que eles representam não existe falta de dedicação para ajudar a respectiva cidade natal a galgar as próximas etapas importantes em busca de uma vida melhor. Conforme explica Jiménez, “Queremos ajudar essas comunidades para que a migração seja uma opção e não uma necessidade.”

Dan Gordon é escritor autônomo residente em Los Angeles. Este artigo foi reimpresso com a gentil permissão da Stanford Social Innovation Review.

Instântaneos das Mesas-Redondas da IAF: Doações na era do transnacionalismo

De Kathryn Smith Pyle



Mesa-redonda em Los Angeles

Há vários anos, a IAF deu início a uma série de debates em mesa-redonda em seis cidades dos Estados Unidos com ênfase nas associações para o desenvolvimento da cidade natal. Essa era uma rara excursão para a IAF; nosso território é a América Latina e o Caribe. Mas como as associações para o desenvolvimento da cidade natal se tornavam cada vez mais evidentes nas aldeias onde financiávamos projetos e, como parceiros nas propostas que recebemos, precisávamos compreendê-los no seu contexto nos Estados Unidos.

Durante as mesas-redondas, o pessoal da IAF conheceu vários representantes de fundações, outros doadores, representantes do governo e organizações de migrantes do México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Panamá, Haiti, República Dominicana, Equador, Colômbia, Venezuela e Brasil. Maias e garifunas, ou descendentes africanos, comunidades da América Central também enviaram representantes.

Há mais de uma década circulam informações a respeito das associações para o desenvolvimento da cidade natal na literatura acadêmica, algumas delas financiadas pelo programa de bolsas de estudo da IAF. Na metade da década de 1990, o volume total de dinheiro enviado por migrantes para a América Latina/Caribe (estimado em US\$55 bilhões em 2005) atraiu a atenção de banqueiros e políticos e as associações para o desenvolvimento da cidade natal identificaram-se com esse fluxo de caixa. O termo “remessas coletivas” foi cunhado para possibilitar a distinção entre as doações das associações para o desenvolvimento da cidade natal e o apoio enviado às famílias. As instituições financeiras queriam “captá-las”, juntamente com as taxas e os juros que geram, e os órgãos públicos queriam direcioná-las para projetos de desenvolvimento comunitário.

Para a IAF, as remessas – até mesmo as remessas coletivas para projetos de infra-estrutura menores que reforçam o desenvolvimento – não são o elemento mais importante do fenômeno do desenvolvimento financiado

por migrantes. Nossa missão é apoiar as comunidades e suas iniciativas de base da forma como eles as definem. A transferência de caixa, embora impressionante, é menos importante para nós do que as associações para o desenvolvimento da cidade natal e sua relação com as comunidades. A questão era como devemos apoiá-los. Acreditávamos que as associações para o desenvolvimento da cidade natal poderiam beneficiar-se com o treinamento e assistência técnica em aptidões organizacionais, interagindo umas com as outras, e com a exposição de modelos participativos. Isso requer financiamento — para consultores, custos operacionais, viagens e sistemas de comunicação. O programa limitado de subsídios de viagem da IAF apoiou a participação de mulheres líderes das associações salvadorenhas de desenvolvimento da cidade natal nas conferências anuais “Salvadorenhas no Mundo” realizadas nos Estados Unidos e trouxe líderes de associações mexicanas para Washington para a conferência do Woodrow Wilson Center de 2005 sobre a participação da sociedade civil binacional. Entretanto, como geralmente nossas doações devem ser concedidas a grupos na América Latina e no Caribe, os financiadores nos Estados Unidos teriam a função de fortalecer as associações para o desenvolvimento da cidade natal. Mas os financiadores nos Estados Unidos valorizam as associações para o desenvolvimento da cidade natal? E o que eles oferecem às comunidades dos Estados Unidos?

As mesas-redondas nos ensinam que as estruturas e atividades das associações para o desenvolvimento da cidade natal eram um tanto uniformes e que o interesse por elas e o apoio fornecido variavam. Entre os lugares onde se realizavam as mesas-redondas figuravam Nova York, Boston, Los Angeles, Miami, Chicago e Washington, D.C., cidades com serviços convidativos para suas comunidades imigrantes. Chicago, que reuniu o maior número de pessoas em nossas mesas-redondas, tem um histórico especialmente intenso. Por mais de cinco anos, 26 fundações e o Departamento de Serviços Humanos de

Illinois, por meio de um Financiamento para Imigrantes e Refugiados, concederam quase US\$6 milhões para que organizações comunitárias realizassem serviços de cidadania, defesa legal, iniciativas de saúde e formação de capacidades. As associações para o desenvolvimento da cidade natal não foram indicadas como participantes, mas seus membros beneficiaram-se por meio de afiliação com organizações latinas participantes. Desde 2002, o Programa sem fins lucrativos Enlaces América, da Heartland Alliance, apoiou as federações mexicanas na área de Chicago em um treinamento de liderança e em um programa de desenvolvimento organizacional. Participaram mais de 100 membros de associações para o desenvolvimento da cidade natal, financiados principalmente pelo Fundo Comunitário de Chicago.

As Associações de Los Angeles tem sido ajudadas por um programa semelhante. A Los Angeles Immigrant Funders' Collaborative (LAIFC), formada em 2000 e composta de 12 fundações privadas, corporativas e comunitárias, fortalece as organizações de imigrantes por meio de doações, assistência técnica e intercâmbios. Em 2003, a LAIFC financiou um projeto de um ano por intermédio da University of Southern California para aproveitar o potencial das associações para o desenvolvimento da cidade natal na integração de imigrantes na sociedade dos Estados Unidos e melhoria das condições em suas comunidades de origem. Participaram representantes de 30 associações do México e da América Central, bem como coalizões e federações de Los Angeles. Além de treinamento em aptidões de liderança, efetividade organizacional e uma abordagem colaborativa, o projeto também proporciona pequenas doações para a participação da sociedade civil, educação em saúde e projetos de formação de capacidades.

Mas pode ser difícil obter apoio das fundações privadas. "É mais fácil ser atingido por um raio do que conseguir uma doação!" disse um líder de outra federação bem-sucedida. A maior parte das fundações só financia organizações isentas de impostos conforme a Seção 501(c) (3) do Código de Tributação Interna. Muitas associações para o desenvolvimento da cidade natal são organizações voluntárias bem estruturadas e algumas têm até mesmo diretorias, representantes eleitos e requisitos para afiliação, mas poucas buscam a aprovação do Código de Tributação Interna. A situação formal é menos importante do que atender às necessidades urgentes da cidade natal. As associações para o desenvolvimento da cidade natal angariaram até US\$50.000 por ano para melhorias na infra-estrutura, equipamento, reformas da igreja, parques e playgrounds, mas elas geralmente operam simplesmente como redes de família e amigos. Relações comprovadas pela confiança e pelo tempo são as únicas garantias de que o dinheiro seja gasto conforme compromissos.

A condição informal e as estruturas não tradicionais são características comuns de movimentos de base, e fundações comprometidas com novas respostas conseguiram apoiar iniciativas de pessoas físicas tais como o ativismo inicial de combate à AIDS, defesa dos direitos da mulher e campanhas para cadastramento de eleitores. Várias fundações nas mesas-redondas da IAF estabeleceram financiamentos especiais, um programa de pequenas doações por meio de uma organização matriz, serviços em espécie

como doações de equipamentos, acesso a instalações ou assistência técnica gratuita – apoio para o qual as associações estão habilitadas. E algumas fundações são encorajadas por diferenças culturais. "As organizações assumem a forma de algo que lhes pareça familiar, o que pode não parecer necessariamente a tradicional organização sem fins lucrativos dos Estados Unidos", afirmou Maria Mottola, Diretora Executiva da New York Foundation. "Uma visita recente ao site de um proponente que está fazendo um excelente trabalho revelou duas características que normalmente disparariam alarmes: um líder carismático de quem a organização depende e uma diretoria composta de famílias e amigos. Esse grupo jamais passaria no teste aplicado pela maioria das fundações!"

Um outro obstáculo é o foco das associações para condições melhores nos países de origem dos membros, o que muitas fundações, cuja missão geralmente é ajudar a comunidade local, interpretam como "dinheiro que sai do país". Mas as associações para o desenvolvimento da cidade natal estão firmemente aqui e representam um recurso para o desenvolvimento aqui. Mais uma vez, a Fundação de Nova York oferece um exemplo de ajuste. Embora seu mandato incluía somente cinco círculos eleitorais da cidade de Nova York, a NYF concedeu doações operacionais gerais para quatro organizações de serviços múltiplos atendendo a comunidades mexicanas na cidade de Nova York e no México. Mottola explica que sua fundação monitora informalmente esses doadores para garantir que o trabalho local realizado por eles seja proporcional à doação da NYF. "Não se pode conceder doações para esses grupos sem reconhecer sua natureza transnacional", acrescentou ela. "Nós não vemos isso como um problema. Isso não enfraquece o trabalho deles aqui; pelo contrário, fortalece o trabalho, pois os mantêm informados a respeito de seus eleitorados. Além disso, é importante para eles saber o que se passa em seus países de origem; é uma das características de uma organização de serviços para imigrantes".

A educação é fundamental para o aumento de oportunidades. A cidade de Nova York tem uma população de latinos e caribenhos grande e em crescimento e a New York Regional Association of Grantmakers (Associação Regional de Fornecedores de Doações de Nova York) está desenvolvendo um programa para seus membros a respeito da natureza transnacional de muitas dessas comunidades e como o fornecimento de doações deve abordar essa situação. Uma fundação comunitária de North Carolina encontrou uma forma de aproveitar as qualidades transnacionais das associações para o desenvolvimento da cidade natal (ver a página 15). Como a despesa (especialmente os custos de comunicação) do trabalho binacional e o estresse associado a grupos inteiramente voluntários se tornam evidentes, algumas associações estão pensando em mudar para terem acesso a um financiamento regular. "Precisamos de apoio agora e não dentro de 10 anos", afirmou José Luis Gutiérrez da Michoacán Federation of Illinois.

Algumas organizações estão fazendo a transição e estão otimistas com relação às compensações. A Comunidad Unida Salvadoreña (CUS), participante da mesa-redonda em Washington, é uma organização matriz de 16 associa-

Mesas-redondas da IAF Co-patrocinadores

Chicago Global Donors Network
Chicago Latinos in Philanthropy
Donors Forum of Chicago
Grantmakers Concerned with Immigrants and Refugees
Heartland Alliance's Enlaces América Program
Hispanics in Philanthropy
The Los Angeles Immigrant Funders' Collaborative
The Public Welfare Foundation.
The Rockefeller Foundation
The Washington Area Partnership for Immigrants of the
Community Foundation for the National Capital Region

Participantes além das associações para o desenvolvimento da cidade natal

Barnard College
The Boston Women's Fund
California Community Foundation
California Endowment, California Wellness Foundation
California State University
Florida International University.
The Ford Foundation
Illinois Bureau of Immigrants and Refugees
The Jesús Guadalupe Foundation
The Levi Strauss Foundation.
The Mayor's Office for New Bostonians
The New York Foundation
New York University
Office of Ed P.Reyes, Los Angeles City Council
The San Francisco Women's Foundation
University of California at Los Angeles
University of California at Santa Cruz
University of Massachusetts
University of Southern California
Wellesley College

ções para o desenvolvimento da cidade natal que apóia projetos educacionais em El Salvador. Quando a revista Desenvolvimento de Base estava pronta para ser impressa, a IAF soube que a CUS havia acabado de receber o status 501 (c)(3). "Não podemos depender de indivíduos para angariar dinheiro porque eles estão trabalhando para enviar dinheiro para suas famílias", explicou Luis Felipe Romero, Presidente da CUS. "Conseguimos obter doações de algumas corporações com as quais nossos membros têm uma conexão pessoal, mas sem a condição de isen-

ção de impostos, até eles limitarem suas contribuições para nós. Agora que estamos habilitados conforme a seção 501(c)(3), esperamos aumentar o financiamento corporativo. Também queremos ajudar a comunidade aqui nos Estados Unidos; por exemplo, estamos formando um comitê consultivo de jovens para nos ajudar a elaborar um programa para preservar a cultura salvadorenha. Procuraremos doadores que nos queiram ajudar nesse empreendimento".

Os doadores de ambos os lados da fronteira podem colaborar para o financiamento de comunidades transnacionais? A IAF envolveu-se em uma inesperada colaboração com as fundações de Los Angeles em dois projetos de desenvolvimento comunitário transnacional. Seis parceiros das associações para o desenvolvimento da cidade natal em um projeto financiado pela IAF em El Salvador eram membros da COMUNIDADES, uma federação de associações salvadorenhas e uma das quatro beneficiárias da doação da LAIFC mencionada anteriormente. A Federación Zacatecan, outra beneficiária da LAIFC, é parceira em um projeto financiado pela IAF no México. Embora inesperado, esse financiamento conjunto proporciona um modelo para o financiamento binacional por meio do qual uma fundação dos Estados Unidos fortalece a associação para o desenvolvimento da cidade natal e a IAF reforça o parceiro nacional, financia componentes de seu projeto e apóia a relação com a organização dos Estados Unidos.

Embora as mesas-redondas não tenham tratado do apoio das fontes públicas e privadas nos países de origem, os líderes das associações estão cientes desse potencial. "A comunidade mexicana de Chicago precisa saber que doadores mexicanos podem trabalhar em Durango e como abordá-los," disse Jesus Garcías, fundador de uma associação para imigrantes de Durango e Diretor Executivo da Corporação de Desenvolvimento Comunitário de Little Village, que atende a comunidade de Chicago. "Se os doadores não contribuírem para o desenvolvimento da comunidade, as únicas fontes de renda nessas aldeias serão as remessas e o narcotráfico".

Peggy Levitt, do Wellesley College, acadêmica especializada em transnacionalismo, observa que mais e mais pessoas se definem como vinculadas a dois lugares, desafiando a sociedade a enxergar além das fronteiras nacionais. A migração recente de latinos e caribenhos para os Estados Unidos e as comunidades transnacionais resultantes mudaram o contexto do desenvolvimento. As associações para o desenvolvimento da cidade natal, como portas de entrada para as novas comunidades latinas e caribenhas e também como incubadoras de líderes, oferecem aos financiadores de doações tanto nos Estados Unidos como na América Latina e no Caribe, um parceiro pronto nas iniciativas de desenvolvimento, seja "aqui" ou "lá".

Kathryn Smith Pyle é Representante Sênior da IAF para a América Central e o México e Representante para El Salvador.

O elo transnacional de um Fundo Comunitário

North Carolina tem cerca de 200 famílias de Mezquital, uma cidade no estado do mexicano de Durango, e uma população crescente de outras regiões da América Latina. Para integrar esses novos residentes, a Fundação Comunitária da Área Metropolitana de Greensboro (CFGG) criou um financiamento assessorado por doador, um mecanismo comum para esse tipo de fundação que inclui uma consulta do doador sobre o modo como as contribuições serão desembolsadas em doações. Mas nesse caso, o financiamento beneficia Mezquital, uma cidade distante dos grupos representados tradicionais da fundação na área central de Piedmont Triad em North Carolina. Além disso, o “doador” da El Fondo del Patronato Mezquital da CFGG não é o indivíduo rico comum ou um grupo cumpridor de seus deveres cívicos focado em um problema local e sim uma associação para o desenvolvimento da cidade natal: Patronato Mezquital. Até o momento, a associação contribuiu com cerca de US\$20.000 por meio do financiamento destinado a uma organização parceira em Durango, Patronato Norteños Mezquital Asociación Civil, criada para gerenciar projetos de desenvolvimento comunitários, mais recentemente um asilo para os idosos pobres de Mezquital. A CFGG dispensa a taxa habitual cobrada para administrar as doações da El Fondo e emite cartas aos doadores agradecendo suas contribuições para fins de tributação.

Tara Sandercock, Vice-Presidente de Programas da CFGG, conheceu a coordenadora da Patronato Mezquital, María Rodríguez, por intermédio de Ivan Parra, líder da Coalizão Latina de North Carolina, outro donatário da CFGG. Sandercock ficou tão impressionada com a energia e as realizações do grupo que enviou dois membros para a convenção anual das associações de Durango de 2005 em Las Vegas para trocar idéias com outros líderes da associação e interceder junto aos representantes do governo de Durango para obter apoio. Enquanto isso, ela trabalhava para desenvolver o financiamento assessorado por doador. “A vantagem imediata” disse Rodríguez, “é ajudar com a angariação de fundos, porque as pessoas estão certas da legitimidade do projeto. Elas podem deduzir contribuições para o fundo e isso tem sido importante. A Patronato Mezquital espera que com a ajuda da CFGG passemos a ser isentos de impostos.”

A associação para o desenvolvimento da cidade natal teve origem em conversas em uma festa para a celebração da vitória estadual do time de futebol de Mezquital em 2001. “Todos concordaram em doar US\$5 para ajudar as pessoas em Mezquital e foi fundado o Patronato”, explicou Rodríguez. “Selecionamos os representantes aqui e enviamos uma carta para três pessoas conhecidas



Modelo arquitetônico do asilo construído com o apoio da Patronatal Mezquital. A parte à esquerda da faixa foi concluída.

em Mezquital por suas atividades em favor dos idosos necessitados para pedir que ajudassem a coordenar as contribuições”. A angariação de fundos, realizada inicialmente entre as famílias locais de Mezquital, foi ampliada para incluir ex-residentes de Mezquital espalhados pelos Estados Unidos. A iniciativa permitiu que o Patronato acumulasse US\$15.000 dos US\$180.000 necessários para construir o asilo, um projeto ambicioso que teve origem a partir do apoio mensal de US\$300 da Patronato destinado à alimentação dos idosos de Mezquital. O prefeito de Mezquital pagou o arquiteto e o terreno foi doado por uma família de Mezquital. Na convenção da associação de Durango, Rodríguez e seu irmão convenceram o governador de Durango a adotar o programa “três para um” por meio do qual outros estados mexicanos fizeram contribuições de contrapartida da associação destinadas a projetos de desenvolvimento. A Patronato Mezquital ofereceu US\$40.000, angariados por meio de contribuições e empréstimos, e o estado de Durango fornecerá o saldo. Agora a Patronato está negociando o compromisso do estado para custear as despesas operacionais, uma vez que as instalações estejam prontas e em funcionamento.—K.S.P.



María Rodríguez com a esposa do governador de Durango em Las Vegas.

Fotos: Cortesia: Patronato Mezquital

A IAF e as comunidades transnacionais de El Salvador

De Kathryn Smith Pyle

Calcula-se que dois milhões de salvadoreños tenham imigrado para os Estados Unidos em diversas décadas. Muitos regressam freqüentemente a seu lugar de origem, mantêm contato estreito com sua família, fazem negócios e oferecem ajuda em áreas sociais. Suas remessas familiares, que em 2005 se elevaram a US\$2,6 bilhões, custeiam necessidades básicas como alimentos, roupa e moradia, sendo quantidades menores investidas em educação e cuidados da saúde. Embora as remessas não tenham resolvido o problema da pobreza – por exemplo, somente 40% dos domicílios de *La Unión*, o departamento mais pobre de El Salvador, recebem remessas – centenas de milhares de famílias salvadoreñas beneficiam-se de rendas provenientes das remessas que podem ser aplicadas para atender a necessidades imediatas e aspirações de longo prazo.

Os salvadoreños residentes nos Estados Unidos formaram 200 associações para o desenvolvimento da cidade natal. Elas representam apenas uma fração das dezenas de pequenas cidades dos 262 municípios de El Salvador, mas se transformaram em uma força social e suas doações aumentam a qualidade de vida. Concentrados principalmente em Los Angeles, Washington e Houston, esses grupos de 5 a 50 voluntários arrecadam anualmente em média US\$5.000 a US\$10.000 por meio de rifas, festas e comidas ao ar livre para financiar projetos na respectiva cidade natal: um trecho de uma rodovia, um parque, serviço de energia elétrica, um sistema de abastecimento de água, um centro comunitário, equipamentos rela-

cionados com cuidados da saúde, materiais escolares e outras melhorias. Uma associação construiu e equipou na aldeia de Santa Marta, perto da fronteira com Honduras, uma sala de computadores que prepara os jovens para o futuro. Em geral, um familiar de um dos líderes da associação, um amigo próximo ou um residente destacado da comunidade maneja os fundos e supervisiona o projeto até sua conclusão.

Ao considerarmos as enormes mudanças causadas pela emigração em um país no qual quase metade da população vive na pobreza, a IAF se perguntava se as remessas familiares podiam constituir meios para conseguir o desenvolvimento comunitário e não apenas a melhoria marginal de determinados domicílios e se as associações podiam ser parceiras no desenvolvimento de base. Já financiamos vários enfoques que já produziram resultados suficientes para serem de interesse das organizações que estão considerando iniciativas transnacionais.

O trabalho com as remessas familiares

A IAF apóia três projetos que promovem a poupança e o investimento de uma parte das remessas recebidas pelas famílias. A Asociación Cooperativa de Ahorro, Crédito y Agrícola Comunal de Paraíso de Osorio (COPADEO) maneja um fundo de poupança e crédito com sede em Cojutapeque e escritórios em diversos povoados menores. Recebeu uma doação da IAF depois dos terremotos de 2001 para ajudar as microempresas de Paraíso de Osório a se recuperar e voltar à normalidade. No monitoramento do projeto descobrimos que muitos clientes usavam uma parte de suas remessas para pagar seus empréstimos e que a COPADEO normalmente levava em conta essa fonte de renda ao avaliar um pedido de crédito. Dado que a taxa de inadimplência no pagamento entre os recebedores de remessas é praticamente zero, parecia que COPADEO tinha acertado no alvo. Em reuniões que congregavam os donatários da IAF para estudar a forma como as remessas e a migração se relacionam com o desenvolvimento, instou-se a COPADEO a expandir seus esforços. Como resultado, associou-se à Western Union em um serviço de transferências com tarifas reduzidas para clientes da COPADEO e começou a educar os recebedores de remessas sobre outros serviços financeiros. Agora esses clientes depositam 10% de suas remessas em uma conta de poupança, a uma taxa duas vezes maior do que a média poupada, de acordo com estudos sobre recebedores de remessas e que é igual à taxa recomendada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento como meta para as instituições de microfinanciamento.



Pyle e Rolando Gutiérrez, oficial de ligação da IAF em El Salvador, durante uma visita de acompanhamento a uma loja de um cliente da COPADEO.



Kathryn Smith Pyle

Jesús Aguilar com membros da Mesa Amigos de Acajutla, AMICAXUAL. A Mesa, constituída pela CARECEN, representa os bairros participantes e o governo municipal de Acajutla e funciona como ponto de contato para as associações para o desenvolvimento de Acajutla sediadas nos Estados Unidos.

Outras duas experiências demonstram que as famílias que dependem das remessas podem beneficiar-se da incipiente tecnologia de transferências e investir em microempresas. A Asociación de Organizaciones de Microfinanzas (ASOMI) simplesmente oferece melhor serviço, demonstrando que os fundos creditícios de base comunitária podem participar com êxito do mercado internacional. A ASOMI é uma rede de 10 organizações de crédito com uma carteira de empréstimos de US\$58 milhões e 57.000 clientes, na maioria mulheres, espalhadas por todo El Salvador. Há dois anos a ASOMI associou-se à Microfinance International, uma empresa sediada em Washington, D.C. para oferecer serviços de transferência mais rápidos, mais econômicos e mais acessíveis pela Internet por meio de cinco membros da ASOMI. Mais de 13.000 remessas já foram transferidas até esta data por meio desse serviço.

A Asociación Alianza para el Desarrollo de la Microempresa (ALPIMED) empreendeu um projeto mais ambicioso em termos do desenvolvimento comunitário. As 10 organizações membros da ALPIMED manejam fundos de microcrédito em todo o país como parte de programas mais amplos de desenvolvimento econômico e serviço social. Sua carteira de crédito eleva-se a US\$4 milhões em empréstimos a 19.000 clientes. A meta da ALPIMED neste projeto é aumentar o uso das remessas para o investimen-

to, especificamente por meio de 200 créditos para fins comerciais destinados a famílias que recebem remessas. Por meio de um programa que chega às famílias nos Estados Unidos (onde se determina a alocação das remessas) e em El Salvador, a ALPIMED educa os remetentes e destinatários em gestão de pequenas empresas, empréstimos para o investimento nesses negócios e a forma de manejar o crédito. Sua campanha, chamada “Não gaste tudo”, chega a associações de desenvolvimento da cidade natal, aos clientes dos membros da ALPIMED e a funcionários públicos dos nove municípios salvadorenhos em que trabalha o donatário. Restando ainda um ano antes de terminar o período da doação, seus membros já concederam 160 empréstimos para fins empresariais, atingindo uma média de US\$475 e um total de US\$68.000. Mas não foi fácil convencer as pessoas a não “gastar tudo”.

“As pessoas têm medo de usar as remessas para obter crédito”, diz Margarita Montenegro, da REDES, um membro da ALPIMED que faz parte da comissão de supervisão do projeto. “Oitenta por cento das pessoas que recebem remessas têm mais de 40 anos e não querem a pressão de uma dívida, sobretudo ao levarmos em conta que muitos dos remetentes estão expostos à perda de emprego”. Segundo os membros da rede, outros fatores incluem o fato de muitas vezes as remessas serem enviadas a uma família e não apenas a uma só pessoa que

poderia optar por iniciar um negócio.

O pessoal de ALPIMED viajou aos Estados Unidos para se reunir com as associações para o desenvolvimento da cidade natal e outras organizações latinas e deixaram cartazes da campanha e materiais informativos, mas educar as famílias que vivem aqui tem sido difícil. O pessoal da ALPIMED admite que é necessário ter mais flexibilidade na avaliação da capacidade creditícia de alguém e permitir, por exemplo, que as remessas que recebe toda uma família sejam usadas como garantia de um empréstimo pessoal. “Mas devemos ter muito cuidado”, insiste César Ríos, Diretor da ALPIMED. “Somente podemos ajustar os regulamentos de crédito até um determinado ponto, de tal maneira que possamos atrair esses clientes e mesmo assim manter as normas de responsabilidade fiscal necessárias”. De modo geral, mais de 90% dos destinatários do microcrédito são mulheres e a maioria dos remetentes são homens. O gênero poderia ser um fator na hesitação em investir em negócios?

O pessoal da ALPIMED também esperava conseguir que as associações para o desenvolvimento da cidade natal apoiassem projetos geradores de renda identificados por meio dos planos de desenvolvimento municipal. Até o momento não apareceu nenhum projeto desse tipo nos nove municípios em que opera o donatário, embora a maioria dos prefeitos tenha acolhido com satisfação a campanha da ALPIMED e um deles até mesmo tenha proporcionado local para a realização de sessões de treinamento em crédito e administração de negócios. No entanto, a ALPIMED teve certo êxito no lado das associações de desenvolvimento da cidade natal; por meio de um cliente que recebeu empréstimo, um membro da ALPIMED tomou conhecimento da existência de uma cooperativa do departamento de São Vicente que produz doces de cana de açúcar. Como os membros da cooperativa desejavam ter acesso aos mercados de nostalgia dos salvadorenhos residentes nos Estados Unidos, Ríos levou 500 amostras de doces a um congresso nacional de salvadorenhos realizado aqui no ano passado e os distribuiu às associações de emigrados dessa região. Agora uma rede de associações da área de Boston procura ajudar a cooperativa a elevar a produção a um nível que torne viável a exportação.

Para entender o contexto transnacional de El Salvador, a IAF convocou uma série de reuniões nesse país das quais participaram representantes de nossos donatários, organizações comunitárias interessadas e outros doadores, bem como acadêmicos e jornalistas. Nas mesmas reuniões que levaram a COPADEO a procurar contato deliberado com as famílias receptoras de remessas, funcionários da CARECEN Internacional-El Salvador (CARECEN) e da Fundación Salvadoreña para la Reconstrucción y el Desarrollo (REDES) determinaram também que um enfoque nas remessas poderia fortalecer seus programas de desenvolvimento.

As associações para o desenvolvimento da cidade natal como parceiras

Antes de a CARECEN receber uma doação da IAF, tínhamos convidado Jesús Aguilar, seu Diretor, a falar em uma de nossas reuniões. Aguilar, que tem ampla experiência

como ativista em assuntos relacionados com a migração, desafiou os donatários da IAF a se aproximarem das associações para o desenvolvimento da cidade natal e procurar convencê-las a fazer doações em dinheiro para o trabalho dos donatários. A subsequente doação da IAF à CARECEN tinha como objetivo testar se as associações poderiam ser abordadas como doadores e, além disso, se as comunidades podiam motivar a formação dessas associações onde nenhuma existisse. Embora isso tenha sido mais difícil do que Aguilar tinha imaginado, até o momento tem havido bons resultados e algumas mudanças tangíveis de longo prazo. Trabalhando a partir da base, a CARECEN organizou 21 comunidades de três municípios para discutir as necessidades locais, formular projetos de atendimento e conseguir o apoio das associações. Com a ajuda de CARECEN, as comunidades sem associação para o desenvolvimento da cidade natal entraram em contato com antigos residentes emigrados para os Estados Unidos e os convenceram a formar 12 associações, o que foi uma realização sem precedentes. Com o acréscimo das três associações já existentes, o total de associações que atendem a todo o grupo de comunidades eleva-se a 15, faltando apenas seis para que se alcance a meta de uma associação por comunidade.

Em geral, as associações decidem unilateralmente os projetos de que necessitam a respectiva cidade natal, mas a CARECEN introduziu um novo processo participativo. Até esta data, as comunidades já identificaram 21 projetos a serem financiados pelas associações. Destes, cinco obtiveram a participação do município e figuram entre os 10 projetos que as associações decidiram financiar até o momento. Tudo isso representa uma mudança radical com relação às práticas tradicionais. Os governos municipais envolvidos assinaram acordos para a prestação de assistência e um deles destinou fundos de até 30% para cada projeto sob sua jurisdição. Essas implicações têm grande alcance. Com o apoio certo, os governos locais, os grupos de cidadãos e as associações para o desenvolvimento da cidade natal podem trabalhar em conjunto na identificação das necessidades da comunidade. Comissões locais podem ser formadas e capacitadas para negociar com as associações. É até mesmo possível que as comunidades de El Salvador estimulem a formação das próprias associações nos Estados Unidos. Uma organização sólida e bem constituída que represente a comunidade parece ser fundamental para conseguir o êxito. A comissão de um povoado salvadorenho rejeitou educadamente o oferecimento de sua respectiva associação de abrir uma rua e a convenceu de que seu próximo projeto devia ser o que os residentes do aldeia realmente queriam: um novo sistema de abastecimento de água.

A estratégia de CARECEN beneficiou-se das lições que a IAF tinha aprendido de uma doação anterior destinada a ajudar grupos de cidadãos de seis povoados a conseguir fundos, os materiais e a perícia das associações para projetos de desenvolvimento comunitário. Embora tecnicamente competente na gestão de projetos de habitação e outros semelhantes de infra-estrutura, o donatário não tinha desenvolvido suficientemente os grupos de cidadãos. Como resultado, os projetos nunca foram totalmente formulados e não havia um grupo local com



Kathryn Smith Pyle

Da direita para a esquerda, diversos membros da AMICAXUAL, entre eles José Domingo, Manuel Figueroa, Elias Escobar e Salvador Cruz Herrera, cujo sobrinho, que trabalha como porteiro na Califórnia, enviou o dinheiro com o qual foi comprada e melhorada uma propriedade (página 17) que a família oferece à AMICAXUAL como sede para suas reuniões.

o qual as associações pudessem negociar. Além disso, quando o donatário não pôde fazê-las participar adequadamente de suas atividades, as associações, que desejavam ser mais do que um bolso sem fundo, abandonaram o projeto. A IAF teve de terminar a doação apenas um ano depois de seu início, mas aprendeu uma lição valiosa que tem aplicado em propostas subsequentes.

O enfoque da CARECEN na comunidade salvadorenha como fonte de iniciativas de base e ponto de contato para as associações de desenvolvimento da cidade natal é a direção correta. “Sabíamos que o processo de criação das associações tinha de provir das comunidades para que o impacto fosse realmente de longo prazo”, explica Aguilar, “e conseguimos isso por meio das redes existentes de famílias e amigos. Foi a etapa mais importante do projeto, porque gerou a confiança necessária”.

Por meio de visitas de seu pessoal aos Estados Unidos e de conferências em Los Angeles e Cojutapeque, El Salvador, a CARECEN planejava educar as associações de desenvolvimento da cidade natal nas vantagens de financiar



O cartaz da ALPIMED que aconselha aos recebedores de remessas: “Não gaste tudo”.

projetos decorrentes da colaboração com os governos municipais por iniciativa da comunidade, um enfoque que a IAF denomina de “desenvolvimento local”. As conferências não proporcionaram treinamento suficiente, embora tenham sido uma oportunidade para o intercâmbio de experiências e para fortalecer a participação das associações. Com o financiamento da IAF, a CARECEN contratou um organizador comunitário sediado nos Estados Unidos para treinar os membros das associações no respectivo lugar de residência.

A REDES acaba de iniciar um projeto que beneficiará 240 famílias de 12 comunidades, incluindo 90 jovens, por meio do treinamento em administração de pequenas empresas e empréstimos cuja garantia sejam as remessas recebidas pelas famílias. Além disso, as comissões que representam as comunidades pedirão às associações que apoiem projetos que oferecem aos jovens uma alternativa à emigração; eventos sociais e recreativos complementarão os incentivos a pequenas empresas destinados a conseguir a permanência dos residentes. Com base na experiência de donatários salvadorenhas anteriores, a REDES já contratou um consultor dos Estados Unidos para explicar o projeto às associações e conseguir sua participação.

E aquele laboratório de computação de Santa Marta financiada por uma associação? Quando a IAF recebeu uma proposta da Asociación de Desarrollo Económico y Social Santa Marta (ADES) para financiar um projeto agrícola com alguns componentes de alta tecnologia em um lugar muito pobre e isolado, precisávamos assegurar-nos de que a comunidade dispusesse das aptidões e visão necessárias. Durante nossa visita de campo para avaliar a proposta notamos a existência do laboratório de computação, no qual havia um grande movimento de adolescentes, coordenado por um professor altamente competente e um prato de satélite nas proximidades, levando a Internet a essa aldeia montanhosa. Tudo isso confirmou o grande valor atribuído à educação e a um plano de longo prazo. Coincidentemente, a associação tinha proporcionado um elemento essencial que nos convenceu de que o plano de Santa Marta funcionaria – e mais um exemplo do papel que podem desempenhar as associações para o desenvolvimento da cidade natal como parceiras no desenvolvimento de base.

Compartiendo Anhelos y Esperanzas: Género, Migración, Remesas y las Organizaciones Salvadoreñas (Compartilhando anseios e esperanças: Gênero, migração, remessas e as organizações salvadorenhas)

De Manuel Benítez, Melany Machado, Sarah Gammage e Alison Paul

CEASDES: San Salvador, 2005

Disponível em espanhol

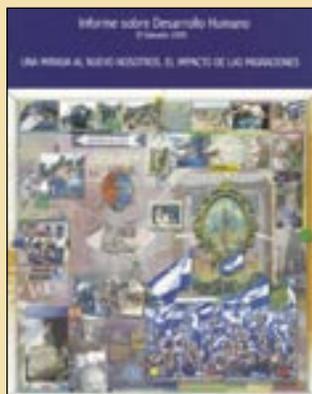


Na última década, a comunidade de desenvolvimento tomou conhecimento do constante aumento da migração internacional nas Américas e do fenômeno das remessas coletivas enviadas por grupos organizados de migrantes para o respectivo país natal. A aptidão de gerar tais fundos é prova da capacidade institucional, do capital social e, freqüentemente, do poder político e também mostra a possibilidade de desenvolvimento da comunidade estrangeira. Contudo, apesar da agitação, há relativamente pouca análise sistemática de organizações migrantes e suas práticas de desenvolvimento de comunidades. As análises existentes são mais focadas no México e, com notáveis exceções, não são dirigidas a migrantes ou profissionais liberais. Embora os relatórios recentes investiguem todos os aspectos acerca das remessas, eles não dispensam muita atenção à questão do gênero, por exemplo.

Compartiendo Anhelos y Esperanzas fornece um corretivo valioso. Nesse trabalho – parte relatório e parte instrumento de educação popular – Benítez, Machado, Gammage e Paul compartilham as descobertas de um projeto de pesquisa financiado pela Ford Foundation e pela Fundação Interamericana. Seu panfleto amplia o escopo geográfico da matéria sobre o desenvolvimento de comunidades liderado por migrantes com pesquisas e estudos de caso de quatro organizações salvadorenhas dos Estados Unidos e suas contrapartes de El Salvador. Sua especial atenção à questão do gênero proporciona novas percepções sobre poupanças e remessas. Foram também incluídos exercícios de educação popular que podem ser usados por profissionais que trabalham com migrantes para melhorar a equidade e a transparência em suas organizações. Como observador das cenas das associações mexicanas para o desenvolvimento da cidade natal, achei mais interessante a presença forte e visível de mulheres na liderança de organizações salvadorenhas – as mulheres são bem menos visíveis na liderança dessas associações mexicanas – mas não consegui descobrir o motivo disso.

Os governos de países com êxodo intenso geralmente procuram manter laços com suas “diásporas” por motivos políticos e econômicos. Os grupos da sociedade civil desejam ajudar as organizações de migrantes a canalizar seu capital social e financeiro.

Mas os migrantes podem ter apenas um impacto limitado sobre a situação das comunidades que eles deixaram e naquelas em que se estabeleceram; a realidade é a escassez de financiamento e a redução do investimento público em programas sociais. Entretanto, conforme destaca esse panfleto, a migração tem altos custos sociais, inclusive dolorosas separações de famílias e problemas associados ao uso de drogas e atividade de quadrilhas. O desenvolvimento de comunidades transnacionais tornou-se atraente por muitas razões, mas requer mão-de-obra intensiva e um único modelo talvez não sirva para todas as comunidades. Esse panfleto apresenta um recurso extremamente eficiente para os grupos comunitários e profissionais interessados na realização ou no fortalecimento de projetos de desenvolvimento transnacionais e de associações.—*Luin Goldring, Professor Adjunto de Sociologia da York University em Toronto. Para obter informações sobre o panfleto ou material correlato, favor consultar o site www.rci.rutgers.edu/~migrate1/.*



El Salvador's 2005 Human Development Report: The Impact of International Migration (Relatório sobre o Desenvolvimento Humano de El Salvador em 2005: O Impacto da Migração Internacional)

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: San Salvador, 2005

Disponível em espanhol e inglês

Todos os anos, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) produz um relatório sobre o desenvolvimento humano no mundo inteiro referente às oportunidades que um país oferece a seus cidadãos em termos de saúde, educação, emprego e outros fatores relacionados ao bem-estar. Mas como se analisa o desenvolvimento humano quando uma porcentagem significativa da população de um país vive no exterior? Esse foi o desafio que o PNUD enfrentou quando decidiu examinar El Salvador através das lentes de sua massiva migração de mão-de-obra.

O relatório resultante foi apresentado publicamente no dia 1º de dezembro de 2005, em San Salvador, com apresentações posteriores programadas para Los Angeles, New York e Washington, D.C. Está disponível em espanhol no site <http://www.desarrollohumano.org.sv/migraciones>. O relatório de 2005 inclui 10 capítulos e um apêndice com estatísticas que incorporam uma análise macroeconômica e impactos setoriais, dinâmica local e rural, bem como questões relacionadas à família, gênero, cultura e cidadania. Mais de 50 especialistas trabalharam no relatório em El Salvador e no exterior, coordenados pela equipe central do PNUD.

A análise desses especialistas revelam que, primeiro, a migração é o principal meio pelo qual El Salvador parti-

cipa do processo de globalização. Aproximadamente 20% desses cidadãos vivem no exterior; suas remessas equivalem a 16% do BIP, 133% de todas as exportações e 355% de investimento estrangeiro direto. A migração estimulou a economia permitindo que firmas multinacionais e empresários engenhosos abrissem nichos no setor de turismo, viagens aéreas internacionais, telecomunicações e exportação de produtos étnicos, para citar apenas alguns exemplos. Mas enquanto a integração econômica avança por meio de acordos formais, tais como o Tratado de Livre Comércio da América Central (CAFTA), reduzindo barreiras entre os países, a emigração de El Salvador, como fenômeno social e econômico, flui sem o apoio do Estado. Os migrantes viajam em primeiro lugar para encontrar melhores ou, no mínimo, mais opções. Uma vez no exterior, muitos passam a viver na obscuridade, conseguem empregos precários e trabalham em condições perigosas.

Os autores do relatório do PNUD argumentam também que a migração criou um novo e desconhecido El Salvador. A migração tem sido uma constante nesse pequeno país de 6,2 milhões de habitantes, mas a grande maioria, desde a década de 1980, tem afetado a economia, a estrutura social, o sistema político e a cultura salvadorenhas de modo ainda não inteiramente compreendido. A fragmentação familiar produziu uma mudança nos papéis sociais de homens e mulheres, com um aumento acentuado de domicílios chefiados por mulheres e separações de pais e filhos que duram anos. As remessas têm a função de atender às necessidades materiais básicas de muitas crianças, mas a um custo terrível: a falta de orientação paterna na formação dos valores pessoais e sociais e da afeição, tão necessária para o desenvolvimento emocional e físico. Em um nível local, a nova dinâmica define a propriedade e o uso de terras. A migração também resulta na perda de jovens trabalhadores e líderes comunitários. Enquanto isso, o governo salvadorenho continua a avaliar e a planejar uma nação que não existe mais.

Todavia, os laços com a população migrante oferecem às pessoas que ficaram para trás uma oportunidade histórica de desenvolvimento humano. Os salvadorenhos que vivem nos Estados Unidos têm um índice de desenvolvimento humano de 0,851, inferior ao índice global da população dos Estados Unidos (0,944), porém muito superior ao índice dos salvadorenhos em El Salvador (0,731). Pelo menos as famílias que recebem remessas têm reduzido as condições de pobreza e melhorado as condições de moradia e os indicadores educacionais, além de fornecerem aos idosos uma forma de pensão. Outras atividades estrangeiras – tais como empresas transnacionais, associações das cidades natais dos migrantes, organização política, visitas periódicas ao país de origem – têm impacto, mas não se sabe qual o potencial completo dessas iniciativas. É crucial para a exploração da oportunidade apresentada a existência de uma política do Governo salvadorenho para fortalecer os laços econômicos, políticos e culturais entre os migrantes e o novo país que sua migração está criando. Sem uma forte conexão com esses cidadãos, El Salvador perderá seu mais valioso recurso.—*Katharine Andrade-Eekhoff, ex-bolsista da IAF e consultora do relatório.*

Destaque transnacionais da carteira da IAF no México

De Jill Wheeler

Desde 1999, a IAF já financiou cerca de 20 projetos de base voltados para as relações diretas e indiretas entre a migração e o desenvolvimento. Seis projetos estão em atividade no México. Alguns são formulados em torno de uma parceria explícita entre uma associação para o desenvolvimento da cidade natal e uma organização na cidade de origem. Como parceiros, os migrantes oferecem não só recursos financeiros, como também idéias, experiências e acesso aos aspectos políticos e a mercados. Em outros projetos, a migração é um fator contextual que inspirou a fundação de uma organização ou desencadeou novas atividades. Uma meta de grande alcance é o fornecimento de alternativas para a migração, que os donatários consideram ser impulsionada pela necessidade econômica. A IAF reconheceu que há riscos no financiamento de projetos transnacionais, mas também encontrou oportunidades. Embora a consolidação de atividades e parcerias possa levar anos, percebemos avanços e tomamos conhecimento das possibilidades e limitações dessa colaboração.

Transferências de remessas mais rápidas e menos dispendiosas

Uma das relações mais diretas e concretas entre os migrantes e suas famílias é o fluxo de remessas. A Asociación Mexicana de Uniones de Crédito del Sector Social (AMUCSS) opera 20 microbancos rurais com mais de 16.000 clientes nos estados de Oaxaca, Puebla, Guerrero e Michoacán. Há mais de 10 anos, a AMUCSS vem trabalhando para ampliar o acesso ao crédito e à poupança para os mexicanos de baixa renda nas áreas rurais. Os recursos da IAF estão ajudando a organização a desenvolver sua capacidade de processar as transferências de remessas. Em vez de viajar horas de ônibus até uma cidade grande, algumas famílias podem agora receber os recursos em sua própria aldeia, o que representa uma economia substancial de tempo e dinheiro. A AMUCSS também se dedica a parcerias com empresas de transferência de remessas e cooperativas de crédito que atendem a latinos com o objetivo de atingir as populações excluídas e integrar os migrantes no sistema financeiro formal.

Cultura e empregos

Há mais de 30 anos, os jesuítas e o pessoal leigo do Fomento Cultural y Educativo (Fomento) trabalham e vivem em algumas das comunidades indígenas mais pobres do México, inclusive a Sierra Norte de Veracruz. Nesta última década, os padres e os líderes comunitários estão cada vez mais preocupados, uma vez que a necessidade



Gustavo Sánchez explicando o programa da AMUCSS.

econômica faz que jovens procurem empregos longe de casa. Embora o Fomento tenha enfoque local, seu pessoal se tem dedicado muito a entender o fenômeno da migração em ambos os lados da fronteira. Uma vez por ano, um empregado do Fomento vai a Nova York para visitar ex-residentes de Sierra Norte que trabalham lavando carros e em restaurantes no Bronx e no Queens. No ano passado, o pessoal do Fomento utilizou os recursos de uma doação da IAF para explorar o fundamento lógico das escolhas que os jovens fazem e avaliar o impacto da migração sobre as famílias e as ricas tradições Nahuatl, Tepehua e Otomi deixadas de lado.

Para contrapor-se ao impulso da migração, o Fomento apóia atividades que oferecem alternativas. Seu pessoal e os promotores locais fornecem treinamento em agricultura e medicamentos naturais, oferecem ajuda a grupos de mulheres e recentemente criaram um novo programa voltado para jovens. A iniciativa do Fomento de valorização da cultura, aliada ao renascimento da música tradicional, propiciou a identificação de uma atraente opção econômica. Com instrumentos e treinamento fornecidos pelo Fomento, jovens músicos formam bandas e ganham dinheiro com apresentações. Em uma recente conferência de donatários mexicanos da IAF, um grupo de talentosos rapazes indígenas apresentou um concerto magnífico, fazendo o público dançar a noite toda. O Fomento deseja que a medida que as bandas aprimoram suas habilidades e continuarem a apresentar-se, seu sucesso estimule os jovens a permanecerem em Sierra Norte e orgulhar-se de sua cultura.

Huipiles e totopos, uma lembrança de casa

Em Juxtlahuaca, Oaxaca, as mulheres que fazem parte da Desarrollo Binacional Integral Indígena, A.C. (DBIIAC), uma organização indígena de base, descobriram que vender em mercados distantes pode ser tão atraente quanto vender para os vizinhos. Ou melhor, os vizinhos mudaram-se para outras partes do México e para a distante Califórnia e estão dispostos a pagar mais. Com os recursos da IAF e o apoio de programas do Governo mexicano, tais como o Culturas Populares e Indígenas, o DBIIAC auxilia seus membros com agricultura de pequena escala, apóia pequenos grupos de poupança e crédito e oferece diversos programas de treinamento.

Os empregados e os consultores estão ensinando novas aptidões e trazendo novas idéias tanto para os artesãos que fazem trabalhos manuais Mixtec, Triqui e Zapotec, inclusive as coloridas *huipiles*, ou blusas bordadas, quanto para mulheres que preparam as especialidades da culinária



Jill Wheeler

Centolia Maldonado, coordenadora de projetos da DBIIAC.

local. Esses produtos eram tradicionalmente vendidos de porta em porta ou na praça da cidade, mas hoje a DBIIAC quer exportar para mercados “nostálgicos”. Com a ajuda de parceiros migrantes nos EUA, a organização está explorando a logística e as preferências dos consumidores. Enquanto as bolsas e tapetes são populares, as pesadas

huipiles não vendem bem na Califórnia. Então, a DBIIAC contratou especialistas da indústria têxtil para ensinar as mulheres a usar um algodão mais leve e a confeccionar modelos mais curtos. As artesãs aprenderam a usar réguas em vez das mãos para medir e com isso, podem atender a outra expectativa dos consumidores, os tamanhos padronizados.

A DBIIAC trabalha em coordenação com um parceiro sediado nos EUA, a Frente Indígena de Organizaciones Internacionales (FIOB) e com uma afiliada da FIOB de Baja Califórnia, México. Recentemente, os membros da DBIIAC enviaram a suas contrapartidas de Fresno, mercadorias com valor superior a US\$ 1.000,00 para serem vendidas em festas e eventos da FIOB. Nem todos os produtos suportaram bem a viagem. Um lote de teste de totopos, tortillas grandes e crocantes, quebrou durante o transporte, o que motivou a decisão da DBIIAC de limitá-las ao mercado local até que uma embalagem protetora esteja disponível. Embora ainda relativamente pequenas, as vendas estimularam a DBIIAC a continuar a explorar o promissor mercado da nostalgia da Califórnia.

O desafio das parcerias com migrantes

Uma doação para a Fundación para la Productividad en el Campo, A.C. (APOYO) em 1999 foi uma das primeiras tentativas da IAF para financiar uma abordagem transnacional para o desenvolvimento empresarial. A ONG com sede na Cidade do México, dirigida por Roberto Ramírez, oferece treinamento,

Patrick Breslin



Roberto Rodríguez, Diretor da APOYO, com Julieta Méndez, Coordenadora Executiva da International Community Foundation, parceira da comunidade oaxaquenha de San Diego para promover o desenvolvimento.



Cortesia: MIDE

Jill Wheeler, Representante da IAF no México, com apicultores do Abeja de Oro.

assistência técnica e crédito para agricultores e pequenos empresários de vários estados do México. A APOYO tentou várias abordagens para conseguir a ajuda dos migrantes para atividades geradoras de renda em seu país de origem. Para recrutar parceiros e identificar compradores, o pessoal da APOYO realizou várias reuniões nos EUA, produziu vídeos, visitou exposições de alimentos, além de ter estimulado de outras formas os migrantes a pensarem em fazer investimentos, em lugar de doações, em empresas no México. Com recursos da IAF, a APOYO vem auxiliando empresários, de artesãos a proprietários de cyber cafés, a plantadores de milho e à associação de produtores de nopal destacada no artigo de Patrick Breslin na página 26. O trabalho da APOYO demonstra que a criação de parcerias é um longo processo de escolha da contrapartida adequada, construção da confiança e desenvolvimento de acordos claros e viáveis.

Abelhas, política e migrantes: uma combinação delicada

A Migración y Desarrollo, A.C., (MIDE-ac), uma pequena ONG recém-criada no estado sulista de Zacatecas, está trabalhando com afinco para atrair o apoio dos migrantes nos EUA para empreendimentos produtivos. A MIDE-ac direciona recursos da IAF e doações de órgãos do governo de Zacatecas para um programa que proporciona treinamento, assistência técnica e equipamentos à Abeja de Oro, organização de produtores de mel. Inicialmente, a Federação Zacateca de Fort Worth, Texas, também prometeu apoio, mas isso mudou quando seu presidente,

Martín Carvajal, fundador e forte incentivador da Abeja de Oro, deixou o Texas para retornar a Zacatecas, onde foi eleito presidente de seu município. Em seu novo cargo, ele podia ajudar a canalizar os recursos estaduais e locais para o projeto, mas, sob a nova liderança, a federação de Fort Worth não estava mais interessada na Abeja de Oro. Além disso, no primeiro ano de atividades, a produção de mel ficou abaixo do previsto por causa da seca e da falta de experiência dos produtores. Apesar dos empecilhos, apicultores das cidades vizinhas querem juntar-se ao programa no próximo ciclo do mel. Para contrabalançar a perda de apoio do Texas, o pessoal da MIDE-ac está criando novas parcerias com outras organizações de migrantes para apoiar empresários, desde mais apicultores até fabricantes de balas.

Construindo pontes com investidores migrantes

Financiados por um prêmio concedido pela IAF à Red Internacional de Migración y Desarrollo (RMD), pesquisadores da Universidade de Zacatecas (UAZ) estão explorando novas formas de ajudar os migrantes da Califórnia a apoiarem o crescimento de pequenas empresas em seus estados de origem. Rodolfo García Zamora, professor de estudos do desenvolvimento da UAZ, criou o Centro de Ayuda al Desarrollo Empresarial y Comunitario (CADEC) para prestar serviços de assessoramento à Federación de Clubes Zacatecanos del Sur de California (FCZSC), uma organização com uma respeitada história de apoio à infraestrutura e outros projetos comunitários por intermédio do programa três por um do Governo mexicano. Há



Women Who Organize Make Progress (Mulheres que se organizam fazem progresso)

Por Yolanda Cruz
Petate Productions:
Los Angeles, 2003
Disponível em espanhol
(legendas em inglês,
opcional)

Women Who Organize Make Progress é um rápido relance em DVD de 15 minutos aos bem-sucedidos clubes de poupança formados por grupos de mulheres indígenas Mixtec em

Oaxaca, México. Geralmente abandonadas à própria sorte quando os homens saudáveis de suas comunidades migraram para os Estados Unidos, as mulheres reuniram-se inicialmente em torno de sua necessidade comum de materiais de construção e acesso a crédito a um custo razoável. O filme começa apresentando a Frente Indígena Oaxaqueño Binacional, que promove a revitalização das comunidades no México e nos Estados Unidos. A FIOB tem a missão de orientar as mulheres em um seminário sobre planejamento que recebeu o mesmo nome do filme. No filme, as poupadoras explicam as experiências negativas anteriores com os organizadores do microcrédito, que demonstraram ser inescrupulosos ou não estarem dispostos a aceitar as mulheres na tomada de decisão.

As mulheres membros do clube definiram quantias iniciais modestas para a poupança, 100 pesos mexicanos ou US\$ 10, uma soma significativa para quem sobrevive das remessas ou da fabricação de tortillas. As mulheres definiram também taxas de juros baixas para os empréstimos concedidos: de 2% a 6% contra a taxa de 10% a

15% cobrada pelos agiotas vizinhos. Desde sua fundação, alguns clubes já obtiveram fundos de contrapartida de fontes externas e pode-se mesmo conseguir um lucro líquido anual de até 2.000 pesos ou US\$200. Todos os clubes funcionam na base da confiança, como quase tudo que acontece nessas comunidades coesas que consideram obrigatórios os acordos verbais. Os mutuários sempre honram seus compromissos de pagar seus empréstimos concedidos por períodos que variam de um mês a um ano; uma taxa de pagamento perfeita é um fator no retorno que cada membro recebe de seu investimento em poupança.

Além da FIOB, as mulheres poupadoras do filme também agradecem a Centolia Maldonado, coordenadora de projetos da donatária da IAF, a DBIIAC, braço administrativo da FIOB em Oaxaca. Além de orientar os clubes de poupança, a DBIIAC ajuda as mulheres afiliadas interessadas com atividades produtivas, tais como o cultivo de cogumelos. Fora das câmeras, Maldonado explicou que um Conselho Regional de mulheres líderes, representando várias comunidades participantes, supervisiona os clubes e decide que comunidades devem receber apoio financeiro da DBIIAC. Maldonado relatou também que as filhas de algumas afiliadas do clube aprendem a usar os computadores e as copiadoras da DBIIAC enquanto prestam ajuda trabalhando no escritório, aptidões que podem abrir oportunidades.

Essa produção de Yolanda Cruz foi financiada por uma doação concedida pela Ford Foundation à University of California em Santa Cruz. Yolanda Cruz, que cresceu na cultura binacional indígena, na qual foca seu trabalho, obteve o Mestrado em Belas Artes em Cinematografia pela UCLA. Recebeu um financiamento considerável da referida Fundação com o objetivo de documentar as experiências de suas companheiras de Oaxaca – o que inclui também um livro de receitas bilíngüe, *Oaxaca Sabores Simples*. Para obter mais informações sobre Yolanda Cruz e sua empresa, a Petate Productions, favor consultar o site www.petate.com. — Hilary Brand é Assistente de Pessoal de Programas da IAF

vários anos os líderes da FCZSC, inclusive seu diretor de projetos, Efraín Jiménez, vêm buscando formas de direcionar o apoio da federação a projetos de geração de renda. Eles exigem sólidas análises técnicas que a CADEC espera fornecer. No início de 2006, a FCZSC enviou à CADEC seu primeiro lote de propostas de empresários e agricultores de Zacatecas com solicitações de fundos para idéias que variavam de processamento de alimentos e serviços de turismo a investimentos em agricultura. A equipe da CADEC identificou alguns candidatos interessantes para fornecer apoio, mas muitas propostas careciam de metas definidas, orçamentos detalhados e outros aspectos de um plano de negócios necessários para um estudo completo de viabilidade. Agora a equipe está preparando seminários, sessões comunitárias e materiais de treinamento para ajudar os proponentes a aprimorar conceitos, identificar oportunidades e transformar em pequenas empresas bem-sucedidas as idéias que estão no papel.

Não há um único modelo

As discussões sobre migração, remessas, associações para o desenvolvimento da cidade natal e o potencial da cooperação transnacional sempre parecem sugerir uma necessidade de projetar e repetir um único modelo. Isso não leva em conta a grande diversidade de aptidões, interesses, relacionamentos, prioridades e contexto das pessoas envolvidas. A experiência da IAF no México tem demonstrado que cada projeto transnacional tem suas características próprias que refletem a cultura local, a história, política, economia e diferentes padrões de migração e não esperamos o surgimento de um modelo “reproduzível” em pouco tempo. Contudo, o aprendizado obtido de uma grande variedade de iniciativas deverá finalmente permitir que compartilhem lições para a cooperação com as comunidades de base em um mundo em transição, cada vez mais transnacional.

Um grupo de base aproveita um mercado da nostalgia

De Patrick Breslin

Fotos de Patrick Breslin

Os nopales, delicadas palmas da figueira-da-índia, são um ingrediente essencial da cozinha mexicana. Podem ser grelhados e misturados à salada com um pouco de limão ou azeite. Geralmente são misturados aos ovos mexidos servidos no café da manhã. Também são usados em sopas, guisados e saladas, e como recheio de tortillas. A população da pequena cidade de Ayoquezco de Aldama, em

Oaxaca, afirma produzir os melhores nopales do México. Nos últimos anos, muitos ayoquezcanos migraram para o norte e, como a maioria dos migrantes, sentem falta da comida de casa. Esse tipo de saudade dá origem a um “mercado da nostalgia”; fornecer os produtos com os quais os consumidores migrantes estão acostumados pode significar desenvolvimento econômico para as cidades



Emblema da MENA. Ayoquezco significa “lugar das tartarugas”.



Catalina Sánchez Jiménez em suas plantações de nopal.



Preparando nopales e torrando grãos de cacau para chocolate para vender na Califórnia.

natais que eles deixaram para trás.

Catalina Sánchez Jiménez já foi migrante um dia, trabalhou em agricultura na Califórnia antes de retornar para Ayoquezco, onde ela e o marido tinham plantações de nopales. Insatisfeita com a qualidade dos nopales à venda na Califórnia, ela teve a idéia de importar as inúmeras espécies de Ayoquezco. Ela levou sua idéia para a Mujeres Empacadoras de Nopal de Ayoquezco (MENA), uma organização composta de 68 membros, a maioria mulheres produtoras de nopal, da qual ela já havia participado ativamente. Os membros decidiram entrar no mercado da nostalgia aproveitando o festival mais importante de Oaxaca. Todo mês de julho, os oaxacanos que vivem no país e os que vivem no estrangeiro celebram o Guelaguetza, um festival de música, dança, trajes típicos, comidas e exposições que mistura a cultura hispânica com as tradições indígenas. No ano passado, os oaxacanos que vivem no sul da Califórnia planejaram um fim de semana repleto de festividades no campus de San Marcos da California State University, ao norte de San Diego.

Carmén Estela Cruz Chavez, Presidente da MENA, e Asela Rosa Barrios Pérez, secretária, levaram caixas de nopalitos em conserva do grupo, molho mole e chocolate para o festival. Como coordenador da outra ponta estava Felix Cruz, um nativo ayoquezco que é presidente da organização Migrantes por Ayoquezco (MIGPAO) e também da Chapulin Distributors Inc., a corporação da Califórnia que os migrantes criaram para trabalhar com a MENA. A APOYO, descrita na página 23, ajudou a criar esse vínculo em iniciativas pioneiras para envolver migrantes no desenvolvimento de suas cidades natais. Carmen e Asela começaram sua incursão no mercado da nostalgia em um ônibus noturno que sai de Oaxaca para a Cidade do México, onde elas pegaram um avião para Tijuana, onde Felix Cruz e vários outros migrantes que residem na Califórnia foram buscá-las. Na manhã seguinte, os viajantes estavam ocupados em um armazém de embalagem de flores de corte pertencente a outro nativo ayoquezco, ajudando a preparar comidas e arranjos de flores para o Guelaguetza.

O festival, com música ao vivo que embala dançarinos, figuras mascaradas e um corredor repleto de barracas comerciais, atraiu milhares de pessoas e muitos ficaram espremidos na multidão em frente à barraca dos ayoquezcos. As vendas rápidas do Guelaguetza demonstraram que eles poderiam comercializar ainda melhor do que previa Catalina para a produção crescente quando o novo centro de embalagem estiver em plena operação.

Patrick Breslin é Vice-presidente da IAF para Relações Exteriores.



Carmén Cruz Chávez (à direita) e Asela Barrios Pérez aguardam o ônibus com destino à Cidade do México.



Recentemente, a MENA ganhou uma competição patrocinada pelo Ministério da Agricultura do México e está usando o prêmio de US\$594.000 para construir um centro de processamento e embalagem.



No aeroporto de Tijuana, Carmén ajuda a carregar os caminhões com destino a San Marcos, local onde se realiza o festival Gueleguetza.



Preparativos em San Diego para a celebração.



Os estudantes divulgam o festival no campus de San Marcos.



Festival de Guelaguetza.





Nativos de Baja California: Raízes Profundas, Grandes Esperanças

De Miguel Wilken-Robertson

Há milhares de anos, os povos nativos que compartilharam idiomas e culturas extremamente interligados das nações Yuman povoaram as paisagens que finalmente se tornaram parte do noroeste do México e do sudoeste dos Estados Unidos. Através de gerações de interação com o meio-ambiente, eles desenvolveram o conhecimento que hoje detêm dos ecossistemas costeiros, montanhosos e desérticos da região. Aprimorado ao longo dos séculos, esse conhecimento técnico possibilitou que grupos altamente móveis de caçadores, coletores de frutos e pescadores se apossassem da terra nativa e desenvolvessem tecnologias para a aquisição, armazenamento e preparo de alimentos, para o transporte de seus poucos pertences durante viagens, para a própria proteção e para fins religiosos. Eles participaram de extensivas redes de comércio e intercâmbios sociais com outros grupos indígenas. Hoje, as nações Yuman são separadas por uma fronteira internacional. Os Kumeyaay do sudoeste da Califórnia são diretamente ligados aos Kumiai de Baja California, México, assim como aos Cocopah do Arizona e os parentes da parte sul, os Cucupá. Do mesmo modo, os Yavapai, Hualapai e Havasupai do Arizona têm parentes Paipai em Baja Califórnia, México. Embora ainda tenham muito em comum, existem algumas diferenças notáveis. Os grupos americanos, principalmente, embora por muito tempo marginalizados, conseguiram conquistar um nível confortável de desenvolvimento econômico.

Os grupos de Baja California, por outro lado, estão entre os residentes mais pobres da península. Vivendo em vales remotos, os poucos enclaves isolados que ainda existem do antigo e vasto território, cerca de 1.800 nativos de Baja California lutam para sobreviver, suprindo suas necessidades com a criação de gado, produção agrícola, artesanato ou como trabalhadores mal remunerados. Muitos jovens eventualmente deixam suas terras em busca de melhores condições de trabalho nas cidades e vilas, fazendo que alguns pesquisadores declarem essas tribos a um passo da extinção. Na verdade, os nativos de Baja California são muito mais ativos e compartilham um notável senso de esperança oriundo de uma nova visão de suas tradições e dos laços de parentesco e cultura que os unem aos grupos indígenas da parte sudoeste dos Estados Unidos. A função dos mais idosos é reforçada à medida que uma geração mais jovem com maior acesso à educação redescobre sua herança.

Com o desejo de maximizar oportunidades decorrentes dessa renascença, as comunidades indígenas de Baja California e dos Estados Unidos vêm trabalhando há diversos anos com as organizações de base Terra Penin-

sular, cujo enfoque é a conservação, e com o Instituto de Culturas Nativas – (CUNA) de Baja California para gerar emprego por meio do ecoturismo organizado pela comunidade, produção sustentável de artesanato e gestão de recursos naturais. Um subsídio de três anos da IAF em 2004 ajudou a consolidar essa rede em prol da Aliança para um Desenvolvimento Sustentável nas Comunidades Indígenas (ADESU) de Baja California (cujo site da Web é www.adesu.org).

Paisagens vivas

Antigamente, os caçadores e coletores se movimentavam por toda a parte norte de Baja California em ciclos sazonais, colhendo recursos naturais em uma variedade de habitats. Eles faziam redes de fibra de agave onde transportavam todo o material considerado indispensável: ferramentas de pedra, cestos, cerâmica, cordões e ervas medicinais. No inverno, os nativos se deslocavam para o litoral, onde os recursos da terra e do mar forneciam uma grande quantidade de alimentos e materiais. Após as chuvas de inverno, pequenos grupos de grandes famílias começavam a se deslocar para os vales e montanhas para caçar e buscar variedades de recursos da flora, incluindo plantas silvestres, mudas de plantas, brotos de iúca, corações de agave e sementes de produção anual. Muitos desses alimentos nativos foram cozidos e armazenados em potes simples e resistentes de argila. No final do verão, os grupos encontravam-se nas altas montanhas para a coleta das pinhas e a realização de cerimônias em honra aos mortos, e também para intercâmbios sociais e comerciais com grupos indígenas de áreas agora conhecidas como a parte sul da Califórnia, a região do Rio Colorado e o Arizona. Quando a temperatura esfriava, os grupos se separavam e desciam das montanhas rumo aos vales mais baixos onde as grandes quantidades de carvalho da região litorânea fornecia glandes, outro produto alimentar essencial, que eles armazenavam em celeiros de vime para o inverno.

Com o início dos assentamentos não-indígenas, a maioria das populações indígenas foi forçada a abandonar seus locais de habitação no litoral e a iniciar giros sazonais de assentamentos sedentários em áreas mais seguras e mais distantes da península. Por questões de sobrevivência, eles adotaram estratégias de subsistência introduzidas pelos missionários e colonizadores, como a moradia e o trabalho em fazendas, além da agricultura, mas seu conhecimento tradicional da terra, suas tecnologias e suas ligações com outros grupos indígenas continuaram inabalados.



Michael Wilken Robertson

As crianças Paipai aprendem a fazer um cesto trançado com pinha no workshop da ADESU.

O antigo, o novo

As oito comunidades indígenas federativamente reconhecidas de Baja California possuem importantes territórios, sendo a maioria paisagens naturais bem preservadas. Alguns líderes indígenas são otimistas quanto ao fato de o conhecimento tradicional da terra e das habilidades adquiridas pelos membros das comunidades como cowboys no decorrer dos dois últimos séculos poderem ser aplicados para a geração de receita por meio do ecoturismo. O índio Kumiai, Angel Domínguez, coordenador de ecoturismo da comunidade de San Antonio Necua, tem trabalhado há anos para ajudar o seu povo a se desenvolver. Procurando angariar fundos de uma tribo Kumeyaay afim nos Estados Unidos, Domínguez explicou ao tesoureiro da tribo: “Há muito tempo nossas paisagens têm atraído turistas; as pessoas estavam vindo até a nossa comunidade para acampar, fazer caminhadas, andar a cavalo e fazer todos os tipos de pergunta sobre o nosso modo de vida, mas não tínhamos nenhum tipo de benefício a nosso favor. Finalmente, decidimos nos organizar. Agora que começamos a trabalhar com a ADESU, estamos progredindo cada vez mais rápido”. A pequena cidade atualmente oferece áreas de camping e de churrasco, comidas regionais, caminhadas com guias e passeios a

Técnicas tradicionais reforçam os laços com as comunidades ao norte da fronteira

cavalo, trilhas de ciclismo, artesanatos tradicionais e aulas para visitantes no Centro de Recreação Kumiai Siñaw Kumatay (*Big Acorn*). Pacotes estão sendo elaborados para atrair passeios dos transatlânticos que visitam as imediações do porto de Ensenada.

Através de um processo de participação, e com a assistência técnica das organizações parceiras, a comunidade de Necua desenvolveu um plano mestre para o desenvolvimento do ecoturismo (que pode ser encontrado com mais detalhes no endereço http://www.adesu.org/PlanIntegral_ecoturi_necua.pdf). Está trabalhando atualmente em prol de um objetivo central: um centro de ecoturismo que inclua um restaurante, lojas, um museu da comunidade, uma aldeia Kumiai tradicional, jardins botânicos, um centro de informações ambientais e um anfiteatro, tudo administrado como uma empresa baseada na comunidade. O apoio e o treinamento por parte



Michael Wilken Robertson

A artista Paipai, Dionisia López, ensina a arte da cestaria em Santa Catarina.

da ADESU têm ajudado Domínguez a promover o projeto nos dois lados da fronteira e ele está confiante que uma tribo Kumeyaay nos Estados Unidos formará uma parceria com a sua comunidade.

Tecnologia fora do tempo

Não tão longe de Necua, escondida entre o Vale de Guadalupe e a costa do Pacífico, San José de la Zorra é a casa dos tecelões de cestos indígenas da península. Do mesmo modo que seus ancestrais, os tecelões Kumiai aguardam colher os feixes de junco durante a lua cheia, sabendo que as folhas estarão mais robustas e mais flexíveis. Eles colhem algumas folhas e se dirigem até outra planta, sabendo que quando retornarem, as plantas ainda estarão no mesmo lugar. Trabalhando com junco e vime, os artesãos criam depósitos de cereais e cestos enredados com desenhos tradicionais para serem vendidos como objetos de arte. A ADESU treina os tecelões no desenvolvimento das habilidades necessárias para terem acesso aos mercados apropriados: cerimoniais indígenas, reuniões em reservas americanas, exposições em museus, parques estaduais e universidades.

Somente algumas horas de distância da comunidade indígena Paipai de Santa Catarina, os ceramistas têm revivido uma tradição cerâmica antes comum por toda a região Yuman. Por volta de 1980, apenas quatro ceramistas ainda praticavam a arte conhecida dos arqueólogos como Tizon Brownware. De carretel em carretel, utilizando a pá e a tecnologia de bigorna passada desde seus ancestrais, os artistas Paipai têm transformado esses objetos utilitários em uma nova fonte de renda, apesar de esporádica devido à distância de sua comunidade. Para ajudar a expandir seus mercados, a ADESU tem fornecido aos artesãos um treinamento prático na comercialização básica de mercadorias, atendimento a clientes, planejamento e adminis-

tração de negócios em canais americanos onde também podem vender seus produtos. Recentemente, um pedido de 2.500 cestos de pinha para a comunidade americana Yavapai forneceu uma oportunidade aos artesãos mestre Paipai de ensinar sua arte diretamente a membros de outras comunidades indígenas e de se organizar para uma produção em maior escala.

As habilidades tradicionais dos artesãos servem para reforçar seus vínculos com as comunidades da parte norte da fronteira. “Antigamente, as pessoas zombavam de mim por eu fazer cerâmica e diziam que eu deveria desistir das tradições do passado”, explicou Josefina Ochurte, artista Paipai. “Agora eu viajo até a Califórnia e o Arizona, e tenho ensinado muitos alunos nativos”. Teodora Cuero, 85 anos, da comunidade Kumiai de La Huerta, possui um recurso bastante valioso em seu conhecimento com relação aos usos tradicionais de plantas medicinais e comestíveis. “Aprendam tudo isso que estou contando a vocês”, ela avisa aos jovens alunos de uma comunidade americana afim. “Qualquer dia desses, eu não estarei mais por aqui e vocês ficarão se perguntando que planta usar no caso de febre ou como preparar os frutos da Manzanita (uva-ursina)”.

Fazendo a coisa funcionar

Para tirar vantagem de sua rica herança cultural e natural, as comunidades indígenas de Baja California devem superar incríveis desafios em nome da auto-suficiência. Com o crescimento de suas empresas de ecoturismo e de artesanato, as comunidades devem continuar fortalecendo suas organizações, reinvestindo em infra-estrutura e mantendo processos de treinamento adequados. (A ADESU passou do treinamento em sala de aula para exercícios práticos.) Para ter acesso aos mercados internacionais e para desenvolver redes de apoio com as tribos americanas, os membros das comunidades indígenas precisarão de habilidades de comunicação em inglês. Com o aumento das atividades comerciais nas terras das tribos, uma nova geração de especialistas indígenas treinados como biólogos, antropólogos e assistentes sociais precisará monitorar o impacto ambiental e cultural, contanto que a sustentabilidade a longo prazo seja garantida. No final, a grandeza de suas raízes, o compromisso com a sua cultura e a capacidade de aproveitar ao máximo as oportunidades podem permitir que os nativos de Baja California desafiem os “especialistas” que normalmente prevêem sua extinção.

Miguel Wilken Robertson, Diretor de Projetos da ADESU, é um antropólogo dedicado que tem trabalhado com os nativos de Baja California há mais de 25 anos. Ele é membro do Conselho Administrativo de Terra Península e co-fundador do Instituto CUNA.

Cruzando uma fronteira nos Andes

Desde o lançamento do seu programa de microcrédito em 2001, a Asociación de Mujeres Warmi Sayajsuqno, donatária da IAF, tem concedido 1.500 empréstimos em cerca de 40.000 quilômetros quadrados na região de Puna, a alta planície dos Andes na parte noroeste da Argentina (consulte Grassroots Development, 2003). Agora, sua líder, Rosario Quispe, deseja levar os serviços da Warmi até a Bolívia.

A Puna que se estende desde a Argentina até a parte sul do Peru, nordeste do Chile e Bolívia tem sido o lar de diversos povos indígenas desses países como os Coya, Quechua, Atacamenhos, Aymaras e Omaguacas. Onde quer que vivam, esses povos normalmente estão entre os mais pobres dos pobres. Hoje, a maioria dos habitantes da Puna na Argentina raramente sobrevive da agricultura, criação de gado e artesanato; a renda mensal média de uma família de oito pessoas gira em torno de US\$ 138 dólares; os jovens têm deixado suas comunidades em



Rosario Quispe discute a qualidade dos fios com as bolivianas.

busca de trabalho. Quispe, uma Coya, desenvolveu suas habilidades de liderança como voluntária nos programas de alívio patrocinados pela Igreja Católica após o fechamento das minas em sua província nativa dos Jujuy, reduzindo a renda familiar ainda mais. Cerca de 10 anos atrás, ela fundou a Warmi, cujo nome completo é Quechua para as mulheres perseverantes, e começou a inserir nas comunidades Coya noções contemporâneas de desenvolvimento, além da cultura e dos valores tradicionais que definem as pessoas do planalto em todas as fronteiras nacionais.

Com sede em Abra Pampa, uma cidade exposta ao vento com 14.000 pessoas, a Warmi consegue chegar até os minúsculos povoados espalhados na árida paisagem ao redor. Em 2001, a Warmi recebeu um subsídio da IAF para o seu programa de microcrédito e de desenvolvimento de empresas. Com esse financiamento e outros tipos de ajuda, a Warmi criou 70 bancos comunitários, além de um programa de empréstimos que incentiva um índice perfeito de reembolso. Ela investiu em um posto de gasolina, um restaurante, uma fazenda de criação de chinchilas, uma loja de tecidos e artesanatos, um ciber-café e um armazém para lã de carneiro e fibra de lhama que permitem aos produtores ignorar os intermediários. Abra Pampa é um ponto central onde as estradas da Argentina, Chile e Bolívia se cruzam. A viagem continua como se as fronteiras não existissem; normalmente, é mais fácil atravessar Abra Pampa do que achar um caminho direto entre dois pontos na Bolívia. Sendo assim, as proezas da Warmi se espalharam e as comunidades na Bolívia têm prestado atenção. Somente 230 quilômetros de distância e cinco horas de carro da sede da Warmi são necessários para se chegar a San Antonio de Esmoruco, na Bolívia, um povoado isolado na província de Potosí, cujos habitantes sobrevivem das lhamas, ovelhas e cabras. Há dois anos, em uma visita à Argentina, Angel Gutiérrez, Presidente da Asociación de Criadores de Camélidos (ACCE) que recruta membros de sete comunidades, tomou conhecimento de um banco operado pela comunidade a que atende, e desejou ter um recurso semelhante para a ACCE. Ao perceber que os membros da Warmi compartilhavam sua cultura e seus valores, Gutiérrez entrou em contato com Quispe que concordou em fornecer o treinamento que melhoraria a produção de lã e fibras da ACCE, além de abrir novos mercados. Desde então, os tecelões de San Antonio de Esmoruco têm viajado até os workshops em Abra Pampa, às vezes ficando alguns dias, e os técnicos os visitam na Bolívia. Recentemente, Quispe se encontrou com os membros da ACCE em San Antonio de Esmoruco para discutir sobre as próximas etapas. Com o apoio da Warmi, as comunidades da ACCE podem finalmente ter um banco comunitário próprio.—*Gabriela Boyer, Representante da IAF. Para obter mais informações sobre a Warmi, consulte a página 62.*

Wyclef Jean: mega-estrela trabalha para mudar o Haiti

De Tina L. Balin-Brooks



Wyclef Jean em um concerto com seu violão diamante.

Apesar de uma infância muito pobre em projetos no Brooklyn e uma adolescência precária em Nova Jersey, Wyclef Jean estava decidido a seguir sua paixão pela música. Em 1996 ele alcançou seu grande sucesso com *The Score*, o álbum que gravou naquele ano como um dos três principais vocalistas do Fugees, termo usado para descrever os imigrantes haitianos. Além de receber dois prêmios Grammy, como o melhor disco de Blues e o melhor álbum de rap daquele ano, a gravação vendeu 24 milhões de cópias. Em junho de 2006 *Hips Don't Cry*, com Shakira, foi a primeira canção a alcançar o topo das paradas de sucesso, tanto na categoria principal quanto nas Quarenta Mais da Música Latina.

Agora, Wyclef assumiu um desafio muito maior do que qualquer coisa que a indústria fonográfica lhe pudesse propor: o Haiti. Para melhorar as condições da nação mais pobre do Hemisfério, Wyclef fundou em 2004 o Yélé Haiti, nome de uma das músicas de seu álbum *The Carnival*. Wyclef está financiando seu trabalho com a renda de espetáculos beneficentes. Atualmente, poucas organizações podem chegar até os haitianos, desesperados por ajuda; desde 2004, a IAF não consegue fazer as visitas ao país necessárias para a concessão de novas doações. Mas o Yélé Haiti tem conseguido trabalhar nas áreas mais pobres e mais perigosas, onde a carência é incomensurável. Agora, Wyclef está apelando para que a Diáspora Haitiana ajude sua ONG a prestar assistência a um bairro do Haiti de cada vez.

O vínculo de Wyclef Jean com o Haiti vem desde seu nascimento, em 17 de outubro de 1972, em Croix-des-Bouquets, ao nordeste de Port-au-Prince. Na década de 1980, seu falecido pai, um ministro da Igreja Nazarena, partiu para trabalhar em uma congregação haitiana nos EUA. A família foi juntar-se a ele oito anos mais tarde, quando Wyclef tinha 9 anos e a adaptação do menino não foi fácil. Depois de ter sido chamada inúmeras vezes pela escola de New Jersey, sua mãe aconselhou-o: "Use sua energia para mobilizar pessoas para as causas certas." Depois, ela lhe entregou o violão que ele aprenderia a amar e dominar.

Em 1987, Wyclef, seu primo Prakazrel "Pras" Michel e sua amiga Lauryn Hill deram os primeiros passos no sentido de se tornarem os Fugees. Depois do álbum *The Score*, o grupo dissolveu-se. Mas Wyclef iniciou uma carreira solo que inclui uma indicação para o Globo de Ouro pela música *Million Voices*, escrita para o filme *Hotel Ruanda*; a trilha sonora para o filme "O Agrônomo", de Jonathan Demme, a primeira apresentação de rap no Carnegie Hall; trabalhos em colaboração com Whitney Houston, *Destiny's Child*, Mick Jagger, Orquestra Filarmônica de Nova York e Kenny Rodgers, entre outros. Entre os concertos com lotação esgotada na Europa estão os da turnê Fugees Reunion em dezembro de 2005 em 16 países. No dia 28 de dezembro, Wyclef já estava novamente em seu estúdio de gravação editando o filme de seu concerto final na Suíça para uma transmissão exclusiva de Ano Novo para o Haiti. Depois, ele se reuniu com o Desenvolvimento de Base para falar sobre o Haiti e a importância do envolvimento da diáspora no desenvolvimento do país.

Fotos: cortesia Orsa Consultants

Como você manteve seu vínculo com o Haiti depois que veio para os EUA?

As gerações mais antigas gostam de preservar sua cultura. Se uma pessoa vem para a América do Norte, ela pode ser o que quiser fora de casa, mas dentro de casa, tudo está relacionado a sua cultura. Portanto, embora esteja na América do Norte, essa pessoa é haitiana em casa!

De que forma a música moldou sua adaptação à escola?

Eu cheguei à conclusão que o hip-hop era uma saída para a violência, porque eu poderia dizer o que sentia por intermédio da música. Portanto, estava decidido a tornar-me o maior rapper de meu bairro em Nova Jersey. Eu queria ser melhor do que os garotos americanos. Comecei a prestar atenção às aulas de inglês. Depois, comecei a competir em concursos de rap entre escolas. Agora, consigo que os garotos da escola ficassem assustados, mas no bom sentido. Depois, o hip-hop tornou-se um veículo para eu falar das questões sociais. O primeiro álbum dos Fugees, *Blunted on Reality*, não teve um bom resultado comercial, mas falamos sobre os estereótipos dos haitianos. Nosso segundo álbum, *The Score*, estourou. Quando fui receber o Grammy levei minha bandeira do Haiti e, pela primeira vez, as crianças do meu país viram sua bandeira na TV.

O que explica seu compromisso social?

Embora eu tenha vindo para os Estados Unidos com 9 anos, lembro-me do casebre em que morávamos, de não ter sapatos e de ter apenas um uniforme para ir à escola. Se olharmos as fotos de crianças no Haiti e as minhas fotos quando eu era menino, não há qualquer diferença. Eu sempre pensava: “Como posso voltar e fazer alguma coisa por essas crianças?” As pessoas que sempre me conheceram podem confirmar que qualquer coisa que eu faça profissionalmente para ajudar aquelas crianças, é exatamente o que eu queria fazer.

Qual é a importância da música e da arte para o Haiti?

É muito grande. Acho que alguns dos melhores artistas são haitianos. Lembro-me de ter assistido a um documentário sobre como os músicos cubanos vibravam com os ritmos haitianos e os levavam para seu país. A arte, a música e os esportes estão sempre mudando as comunidades e transformaram as comunidades no Haiti. Não existe cor ou classe social naquele espaço. Vejo o governo fazer coisas incríveis para tentar melhorar o país e penso: “Por que eles não criam um centro de música lá? Ou uma quadra de esportes aqui?”

O que é o Yéle Haiti?

O Yéle é um movimento criado para desenvolver as crianças haitianas. O Yéle pretende dar-lhes um sentimento de esperança. Nossa fundação apóia projetos nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e agricultura.

Como o Yéle Haiti ganhou impulso?

Comecei a ir ao Haiti depois dos *Grammys*. Fiz uma apresentação beneficente com os *Fugees* no Haiti em 1997 para ajudar as crianças haitianas na República Domini-

cana; esse foi o concerto a que você assistiu, Tina. Voltei várias vezes para ajudar da maneira que eu pudesse, mas a missão começou a crescer. Percebi como a necessidade era urgente quando li um dia no *New York Times* que os haitianos estavam decapitando crianças. Foi logo após a saída de Aristide, em 2004. Peguei um avião para o Haiti sem dizer nada à minha esposa nem à minha mãe. Fui a um dos bairros, o Cité Soleil, para falar com os chefes da gangue. Fui recebido como se eu fosse Che Guevara! Ninguém foi baleado naquele dia. Um dos problemas havia sido que ninguém tinha conseguido distribuir comida nesses guetos, porque esses caras atiravam nos caminhões do Programa Mundial de Alimentação (WFP) e da UNICEF! Então eu disse para o WFP e para a UNICEF: “Vou montar uma equipe para percorrer o bairro e distribuir os alimentos. É só vocês escreverem Yéle Haiti no caminhão e eles não vão atirar.” Deu certo. Desde aquele dia, ninguém foi baleado durante a distribuição de alimentos.

Qual foi a reação da Diáspora ao seu trabalho?

Eles não entenderam. Ficaram pensando: “Por que esse garoto volta ao Haiti? Ele está nos EUA e tem tudo o que precisa.”

Qual foi a reação no Haiti?

Eles haviam esquecido que há haitianos de bom coração.

Qual é a abordagem do Yéle Haiti?

É ir aos guetos e conversar com as pessoas. Eu fui e perguntei: “O que vocês todos fazem neste gueto?” Eles responderam: “Nós praticamos rap. Cantamos. Dançamos”. Depois de ouvir alguns deles, disse que os colocaria em estúdios locais, financiaria os custos da produção de fitas de demonstração que eles poderiam vender nas ruas. Mas eles teriam que concordar em ajudar na distribuição de alimentos no gueto. Músicos de hip-hop distribuindo alimentos em suas próprias comunidades – como eles poderiam atirar nas pessoas?

Que programas o Yéle Haiti está patrocinando?

Temos um programa de limpeza de ruas, um de bolsas de estudo e outro de distribuição de alimentos. O Yéle se concentrará em levar tecnologia para o país. Estamos começando a levantar fundos para criar Centros Yéle em todo Haiti. O Centro Yéle será equipado com um *cyber café* e tudo mais que um jovem pode desejar. As crianças poderão fazer cursos on-line, por exemplo, e talvez preparar-se para estudar no exterior. Não quero que esses centros tenham uma aparência pobre só porque estamos no Haiti e no meio do mato.

E o seu programa “conectando estudantes”?

A idéia é interligar crianças de todo o mundo. Trazemos o mundo da computação para o Haiti. Então, se eu pegar um garoto de Cité Soleil, ensiná-lo a usar o computador, ele logo estará se comunicando com alguém na Califórnia. Esse é o primeiro passo para ampliar os horizontes. Acho que depois que iniciarmos essa conexão, seremos capazes de estabelecer um verdadeiro vínculo entre as crianças haitianas que estão nos EUA e aquelas no Haiti.

Comprei uma rede de comunicação de massa no Haiti, a Télémex, para criar um outro meio de educação – levar para as crianças a Vila Sésamo em créoule, por exemplo. O plano é ter, dentro de cinco anos, uma rede em créoule que possa ser acessada via satélite nos EUA ou qualquer outro lugar. Acho que isso ajudará a fortalecer os laços entre a Diáspora e o Haiti.

Qual tem sido o envolvimento da Diáspora com o Yéle Haiti?

Muitas organizações de diáspora nos Estados Unidos estão tentando ajudar, mas eu não vejo seus líderes andarem nas ruas do Haiti. É preciso haver mais colaboração entre as organizações que causam impacto. Se elas têm um plano eficaz, o Yéle Haiti quer trabalhar com elas. Qual tem sido o maior desafio para seu trabalho no Haiti? Conseguir dinheiro. Devido à corrupção no país, é difícil fazer as pessoas acreditarem em nós e dar dinheiro para as nossas causas.

Então de onde vem o financiamento?

O financiamento vem de nós, uma parte da Comcel, uma empresa de telefones celulares, e de outras empresas e organizações haitianas. Todo leão é primeiro um filhote. Penso que mais pessoas e organizações internacionais nos darão apoio financeiro quando virem esse filhote tornar-se um leão.

Com tanta carência no país, como você decide que projetos financiar?

Isso é o mais complicado. Todo mundo no Haiti tem um projeto. Todos têm um grupo de crianças que necessita de ajuda. Pesquisamos as comunidades e baseamos nossa decisão no contexto. Em Gonaïves, por exemplo, distribuímos bolsas de estudo para crianças após a inundação de outubro de 2004. Focamos principalmente as áreas dos guetos – Cité Soleil, Bel Air, Croix-des-Bouquets – porque aquelas crianças são as mais carentes. Examinamos os projetos e decido qual deles fará diferença neste momento. Acho que as pessoas sempre ficam sem saber por onde começar porque há tanta coisa a fazer. A chave está em não focar um bilhão de crianças. Pode-se começar com 25 aqui e 25 ali. Alguém começou somente comigo e veja o que me tornei. Portanto, encontre um foco e concentre-se nele.

Como as comunidades participam?

Todos os projetos são comunitários. Se formos a Bel Air, as pessoas de Bel Air controlam o projeto. Temos, por exemplo, o dia da sopa em Bel Air em janeiro para 10.000 crianças. O Yéle envia o dinheiro e os mais velhos fazem a sopa e a distribuem. Quando damos responsabilidade às pessoas, as olhamos nos olhos e dizemos que confiamos nelas, elas usam essa responsabilidade com sabedoria.

Como você vê a evolução do Yéle Haiti?

Ele não pode evoluir sem parcerias.



Em Gonaïves, Wyclef planta mudas de árvores como parte do trabalho de reflorestamento do Yéle Haiti em colaboração com o Morehouse College.

Como você gostaria de ver o Haiti daqui a 10 anos?

Mais crianças lendo e escrevendo; o desenvolvimento do turismo; uma força de segurança capacitada.

O que será preciso?

O progresso do Haiti precisará que a Diáspora e os haitianos colaborem juntos. O Haiti não pode progredir sem nós, a Diáspora. É preciso que todos digam: “Sabe de uma coisa? Quero que esse país avance!”

De que maneira seu sucesso ajudou o seu propósito?

A música foi uma dádiva de Deus; foi um presente para eu poder ajudar a mudar o mundo. Todos os dias posso ajudar as pessoas através da música.

O que você espera realizar?

Eu só quero ajudar o país. Muitas pessoas tentaram trabalhar no Haiti e fracassaram. Elas perguntam: “E você, Clef, verá a mudança? Como vai conseguir?” Não sei se verei, mas talvez meus filhos vejam. Quando os franceses estavam prestes a executar Toussaint Louverture na prisão na França, ele não estava com medo porque já havia sido informado do que as outras pessoas estavam fazendo. Toussaint Louverture sabia que o que ele não veria, eu veria.

Tina L. Balin-Brooks é Representante da IAF no Haiti, República Dominicana e Caribe. “Yéle” foi extraído com a gentil permissão de Wyclef Jean. Para obter mais informações sobre o Yéle Haiti, favor consultar o site www.yele.org.

“Yéle” De Wyclef

Si ou gen zorèy, tande,
Si ou gen bouch, pale.
Si e pa sa, peyi nou li pral koule.
kankou yon bato ki plen refijye

Di mil sèkèy, gade tout se timoun.
Pèp ap kriye, men yo pap resisite.
Manman rele, men kadav, pa ka tande !

Yéle, yéle, yéle:
kriye, kriye, kriye:
Pèp la ya pe mande
ki lè, sa pral chanje!

Se você tem ouvidos, ouça.
Se tem boca, fale.
Se não for assim, nosso país sucumbirá
Como um barco repleto de refugiados.

Dez mil caixões; olhe, todos são crianças
As pessoas choram, mas elas não voltarão a viver.
Mães gritam, mas cadáveres não escutam!

Yéle, yéle, yéle
Choro, choro, choro:
As pessoas perguntam
Quando isso vai mudar!



Wyclef com o Prefeito de Pétion-Ville e trabalhadores do Projeto Limpeza das Ruas”.



Robynn O. Brooks

Com Tina Balin-Brooks.

Men anpil, chay pa lou.

Muitas mãos tornam a carga mais leve
—provérbio haitiano



Em Gonaïves com algumas das 3.600 crianças que receberam bolsas de estudo do Yéle Haiti .

A Superpoupança de Ayacucho

Introdução de bancos comunitários nas aldeias dos Andes peruanos

De Kevin Healy



Daniel Cima

O visionário Aquiles Lanao, em 1995, com um cliente da FINCA.

Em um clima de desigualdade socioeconômica crescente e esforços desanimadores para reduzir a pobreza, as instituições de microfinanciamento destacam-se como faróis de salvação. Dados os resultados impressionantes que geram no nível de base, o seu enfoque tem conquistado aceitação quase universal na comunidade de desenvolvimento. O material técnico sobre o tema é abundante, significativo e cada vez mais sofisticado.

A FINCA International é uma das principais instituições de microfinanciamento do mundo. Lançada na América Latina, atende atualmente a 460.000 clientes em 23 países. Um aspecto importante de sua eficiência são as pessoas que executam o sistema bancário nas aldeias; a FINCA Peru, um dos ex-filiados, oferece um excelente exemplo do lado humano deste empreendimento social e de um compromisso de longo prazo com o empoderamento. A FINCA Peru, um programa de vanguarda, vem nas últimas décadas impulsionando mulheres de localidades andinas empobrecidas e assoladas pela violência a formar uma rede de bancos comunitários que atendem a 4.483 clientes, treinadas em sólidas práticas fiscais. Trabalhando com grupos de 20 a 30, as bancárias peruanas fizeram empréstimos em ciclos de crédito estabelecidos

e também uniram suas poupanças para aumentar seu capital creditício. Sua cultura de poupança é a principal realização da FINCA Peru.

Recentemente, no número de 17 de abril de 2006 de *The Nation*, Joseph Stiglitz, laureado com o Prêmio Nobel, chamou a atenção para o valor da promoção da poupança entre as pessoas de baixa renda nesta área da globalização econômica. O sucesso da FINCA Peru com a poupança e o microfinanciamento em geral remonta à extraordinária dedicação de dois visionários talentosos, às pessoas por eles treinadas e às injeções oportunas de ajuda externa. Começou nas décadas de 1940 e 1950 quando dois adolescentes, Aquiles Lanao Flores, recém-diplomado da escola secundária, e Lucinda Flores Paredes, ainda estudante, deixaram a cidade do sul andino de Huamanga, também conhecida como Ayacucho, para ir a Lima, onde seus caminhos se cruzaram. Eles se apaixonaram, casaram-se e criaram sete filhos, entre os quais há atualmente um médico, um economista, um educador e vários profissionais que criaram instituições de desenvolvimento de base influentes no comércio equitativo, treinamento de ONGs e, naturalmente, microfinanciamento.

Entretanto, a saga de Aquiles e Lucinda gira, acima de



A maioria dos membros da FINCA se ocupa do micro-comércio.

tudo, em torno de um compromisso social compartilhado que se tornou uma carreira também compartilhada. Lucinda, conhecida como Morena, tornou-se professora, uma das poucas opções profissionais para mulheres peruanas de sua geração, e começou a trabalhar em uma nova escola fundada pelos padres Maryknoll, na qual suas opiniões foram influenciadas pela “opção dos pobres” pós-Concílio Vaticano II da Igreja Católica. Aquiles, matemático brilhante, obteve diplomas em contabilidade e economia, conseguindo um cargo público. Foi também contratado para auditar as paróquias dispersas dos missionários Maryknoll, que incluíam a paróquia de San Juan em Puno, cidade portuária no Lago Titicaca, onde entrou em contato com uma cooperativa de poupança e empréstimos organizada pelo Padre Dan McClellan, missionário Maryknoll e conhecido guru financeiro. “Eu certamente tinha ouvido falar de McClellan”, disse Aquiles a respeito do encontro que lhe abriu os olhos, “mas nunca tinha visto de primeira mão uma cooperativa que mobilizasse tão eficazmente as poupanças entre as pessoas de baixa renda, um fenômeno que tinha sido subestimado e certamente não foi explicado em meus manuais universitários por pessoas como Adam Smith.”

Aquiles começou a promover cooperativas de poupança e empréstimos no início da década de 1960 e sua perícia profissional aumentou. Finalmente ele deu cursos universitários sobre o assunto e se tornou o principal arquiteto da primeira Lei de Cooperativas do Peru. Em 1965, quando La Morena se tornou diretora da escola Maryknoll, Aquiles fazia parte do quadro de pessoal do Corpo da Paz, supervisionando diplomados de colégios universitários estadunidenses espalhados pelo país para promover cooperativas. Como um desses voluntários em 1968, fiquei impressionado pela sua esperteza, seus conhecimentos sobre o assunto e seu carisma. Com um bigode de estilo Zapata, uma voz retumbante de barítono, otimismo imperturbável, simpatia espontânea e presença teatral impressionante, era uma figura que captava a atenção de nós que apenas nos iniciávamos no Terceiro Mundo. Além disso, ele se identificava com suas raízes culturais em Ayacucho e falava quéchua com grande fluência. Radioamador, fundou a primeira associação de radioamadores de língua quéchua do Peru e seus membros o conheciam quando ia ao ar como *Wiracocha*, que em quéchua significa respeitável senhor e que acabou sendo um apelido em toda a sua vida.

Quando o Corpo de Paz deixou o Peru depois de uma junta militar nacionalizar uma empresa petroleira dos Estados Unidos que operava no país, ficou sem emprego e, devido a seus contatos nos Estados Unidos, as perspectivas de conseguir um cargo no governo peruano não eram as melhores. Decidiu então associar-se a John Hatch, antigo colega do Corpo de Paz, para lançar a entidade de consultoria Servicios de Desarrollo Rural. Nos 15 anos seguintes, os dois obtiveram contratos de curto prazo com a USAID, permitindo-lhes estabelecer uma rede sólida em diversos países, entre eles a Bolívia, onde trabalharam no Servicio Nacional de Desarrollo de la Comunidad (SNDC), um dos poucos meios pelos quais o governo canalizava ajuda diretamente às comunidades rurais na década de 1970. Nesse período, quando viajava às aldeias remotas, suas filhas o acompanhavam com frequência como ajudantes de campo, desenvolvendo o próprio compromisso com as pessoas de baixa renda e uma visão social que seu pai tinha começado a cultivar quando as levava às visitas de campo como membro do Corpo de Paz.

Nos princípios da década de 1980 Aquiles e Hatch tinham concebido a estrutura do que seria a Fundação de Assistência Internacional à Comunidade, cuja sigla em inglês (FINCA) refletia a intenção de aplicar uma metodologia de bancos comunitários rurais em todas as Américas. Imaginavam uma entidade de auto-ajuda flexível que se adaptasse aos ritmos das práticas democráticas rurais e que estivesse livre da dependência e do paternalismo que afligiam os programas de desenvolvimento concebidos e controlados de cima para baixo. A FINCA, inicialmente com sede em Nova York e em seguida em Washington, D.C., foi lançada inicialmente na Bolívia com fundos da USAID, em um contexto de hiperinflação e nas condições que se seguiram a uma seca. Tomou como ponto de partida uma rede formada pelos contatos que Hatch e Lanao tinham desenvolvido quando trabalhavam para o SNDC.

Como representante da IAF na Bolívia, cabia a mim naquela época considerar as propostas e pareceu-me que os fundos rotativos comunitários da FINCA eram um enfoque eficaz e receptivo ao desenvolvimento de base. Em contraste com o banco agrícola do governo e outras estruturas burocráticas, a FINCA Bolívia permitia às comunidades utilizar os próprios documentos e selo de aprovação como registros oficiais dos créditos. Uma assembléia comunitária decidia os empréstimos, o que estimulava a transparência. A FINCA exigia que 20% de cada empréstimo fossem depositados em uma conta de poupança para acumular juros, os quais, em seguida, se transformavam em uma fonte adicional de créditos. Até aí tudo bem e em 1985 a IAF concedeu à FINCA Bolívia uma doação de US\$98.000.

No entanto, a estratégia inicial tinha um defeito básico: querer abranger um território demasiadamente grande. O programa na Bolívia incorporava 300 comunidades de sete extensas regiões montanhosas desse país disperso, exercendo muita pressão sobre a capacidade administrativa da FINCA. Além disso, permitia aos mutuários pagar seus empréstimos em espécie e ficou demonstrado que deixar à FINCA Bolívia a tarefa de comercializar bens – como

batatas e ovelhas – tinha sido um erro enorme. Embora o pagamento em espécie ajudasse a indexar o valor do crédito durante o período de hiperinflação na Bolívia, afirmou Aquiles, a comercialização tinha sido “incrivelmente complexa e absorvente, mais do que o previsto. Estávamos metidos em uma grande enrascada.” Em 1984, quando foi lançada uma segunda filial da FINCA na Costa Rica, a organizadora Maria Marta Padilla, especialista em crédito rural desse país, decidiu que, com base na experiência boliviana, deveriam ser eliminados os componentes de comercialização e poupança, por não serem realistas. A IAF concedeu à FINCA Costa Rica uma doação de US\$42.000 e durante a década seguinte o modelo demonstrou ser eficaz assim adaptado. (Embora a filial boliviana tenha iniciado a metodologia da FINCA, a da Costa Rica foi a primeira filial a usar o nome de FINCA).

Aquiles sempre sonhara em regressar a Ayacucho e aplicar ali a metodologia da FINCA, inclusive com o programa de poupança. Em 1979, ele e La Morena, ambos com mais de 50 anos de idade, mudaram-se para sua rústica casa nos arredores de Huamanga, na comunidade de Quinua, de onde se avistava o local da última batalha do Peru pela independência da Espanha. Sua filha Rocio e seu esposo, Juan Arce, que também eram empresários sociais, uniram-se a eles para montar um centro de treinamento de agricultores. No entanto, pouco depois o Sendero Luminoso, o intransigente grupo guerrilheiro maoísta, transformou Ayacucho em um lugar muito perigoso. Rocio e seu marido regressaram a Lima, mas Aquiles e Morena (voluntária de uma organização humanitária que prestava assistência às vítimas da violência) permaneceram até 1984, quando Ayacucho passou a ser uma “zona de emergência” e o exército obrigou o casal a mudar-se para o Hotel Prefecto, de propriedade do governo e isolado do restante do centro de Huamanga.

Lá, frequentemente como os únicos residentes do hotel, realizaram suas atividades, apesar de uma ameaça de morte anônima que acusava Aquiles de “trabalhar para os imperialistas da USAID”. No restante da década, a guerrilha que se intensificava matou ou mutilou milhares de civis inocentes e obrigou muitos a fugir para Huamanga ou Lima, a 10 horas de distância de ônibus. A insegurança obviamente limitava o acesso às comunidades rurais e o casal dividia o tempo entre Lima e Ayacucho. Não obstante, Aquiles convenceu o Ministério da Educação do Peru a selecionar 12 professores para serem treinados como promotores de seus bancos comunitários. Em seguida, em 1986, o Presidente Alan García emitiu um decreto mediante o qual, com uma penada, exonerou os agricultores do pagamento de dívidas com o banco de desenvolvimento rural do governo, sua principal fonte de crédito. Isso condenou ao fracasso as esperanças de Aquiles de instalar uma “cultura de crédito” entre as pessoas de baixa renda da zona rural. “Os camponeses participantes de nosso programa bancário comunitário não respeitavam nossas regras, porque outros agricultores tinham sido isentos de suas obrigações com o banco agrário nacional”, explicava referindo-se à recusa dos devedores de pagar os empréstimos concedidos pela FINCA Ayacucho. Embora desalentado, Aquiles manteve-se fiel



Morena treinando bancárias da FINCA..



As bancárias eleitas como líderes explicam as cifras atualizadas de poupança e a conta interna nas reuniões semanais.

às suas aspirações e continuou testando diversas estratégias, para ver qual funcionava melhor.

Nesse ínterim, graças às viagens de Aquiles e Hatch pelo mundo como consultores, a FINCA International tinha começado a transferir sua estrutura e operações do campo para o setor informal urbano, consistindo na maior parte de mulheres dedicadas ao comércio, transporte e produção artesanal. Nos últimos anos, quando lhe perguntavam sobre essa drástica mudança de destinatários de seus programas, Hatch dizia que tinha ficado impressionado com a rápida movimentação de dinheiro, comércio e pessoas no setor informal da América Latina. Um sistema financeiro de serviços oferecia vantagens com relação a trabalhar com uma economia agrícola vinculada às oscilações do clima e a um sistema de amortização de empréstimos que fluía principalmente na época da colheita. As ondas migratórias, juntamente com o lento cresci-

mento da economia de salário formal aumentavam a importância do setor. Os principais doadores, como a USAID, queriam investir em seu potencial por meio de instituições como a FINCA. Nesse mundo corajoso do desenvolvimento de base, os bancos comunitários urbanos substituíram os fundos rotativos comunitários e as mulheres substituíram os homens como centro da ação.

Em 1989, apesar da violência contínua, Aquiles e La Morena deram os primeiros passos para aplicar esta nova versão do banco comunitário na zona urbana de Huamanga, onde a população tinha aumentado de 50.000 para 185.000 habitantes devido à guerra. A maioria dos refugiados procurava criar o próprio nicho na economia informal, mas suas necessidades de crédito estavam nas mãos dos usurários locais. Nessa época, segundo o casal Lanao, o sistema bancário formal de Huamanga se tinha transformado em um mecanismo para transferir US\$8 de cada US\$10 depositados em contas de poupança para investimentos “de menor risco” em outras cidades do Peru – uma fórmula propícia para o subdesenvolvimento crônico e exclusão contínua da maioria quéchua da zona que vivia na pobreza.

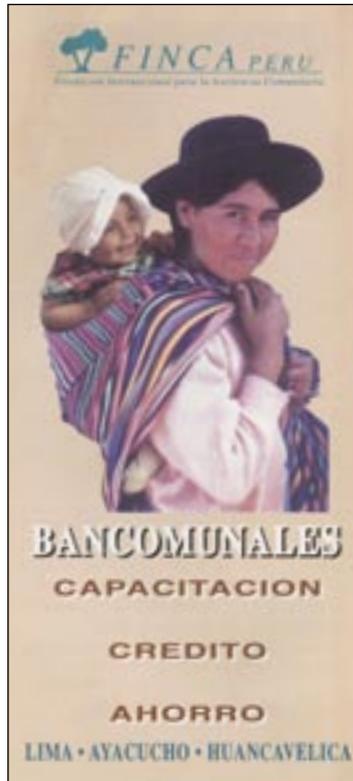
A FINCA Peru começou a tomar forma quando ainda operava sob a estrutura legal da Servicios de Desarrollo Rural. Às modestas doações de US\$500 a US\$1.000 trazidas por um punhado de amigos dos Lanao aos primeiros dez bancos comunitários, Morena, a principal arrecadadora, juntou outros US\$2.000 das próprias poupanças para custear os serviços de um promotor. E – pronto! – a nova instituição de microfinanciamento de Ayacucho atendia a uma rede de 180 bancárias, muitas das quais tinham enviuvado em consequência do terrível conflito armado.

Para consolidar os pujantes avanços da FINCA Peru em uma rede mais formal, os Lanao precisavam de um promotor e outros sete bancos comunitários como manda a lei. Por pura coincidência, eu passei para vê-los no caminho de La Paz a Washington e Aquiles, La Morena e eu discutimos uma proposta preparada por eles. Dado o modesto financiamento requerido, apenas US\$10.000, pude incluí-la em meus planos de financiamento para 1992 e a entidade, prestes a tornar-se a FINCA Peru, foi lançada em órbita com Aquiles como presidente e La Morena como diretora regional em Ayacucho. Entre os filhos dos Lanao que ajudaram o lançamento, Iris foi o personagem fundamental. Tinha a habilidade do pai para processar números, o talento docente e administrativo da mãe e o compromisso e a paixão de ambos pelo microfinanciamento como motor para empoderar mulheres oprimidas – além de diplomas da Stanford University e da London School of Economics. Com o tempo se transformaria em diretora executiva da FINCA Peru.

A filial da FINCA International no Peru teria o selo da família Lanao, mas manteve-se fiel ao modelo original da FINCA que previa a existência de duas contas de crédito: uma externa e outra interna, para cada banco comunitário. A conta externa tinha origem em cada FINCA.



Iris Lanao, Diretora Executiva da FINCA Peru.



Folheto promocional de FINCA Peru.

A FINCA Peru era financiada por doadores como a IAF. A conta interna era mais complicada: era financiada pelas poupanças tanto voluntárias como obrigatórias de seus membros (20% de cada empréstimo provinham da conta externa) e pelas cotas de pagamento dos créditos transferidos da conta externa da FINCA. Os membros do banco comunitário manejavam a conta interna, com o apoio decisivo da FINCA. À medida que as poupanças se acumulavam, a conta interna se transformou na principal fonte de empréstimos da FINCA Peru.

Cada bancária entra no mundo do microfinanciamento com um empréstimo inicial de US\$50,00 pago com juros em cotas semanais e, em seguida, avança para empréstimos de maior quantia. A FINCA Peru concentra sua estratégia de fortalecimento institucional em uma reunião semanal de cada banco comunitário durante um ciclo de crédito de 16 semanas que leva todos os membros a analisar as operações financeiras e as decisões de investimento, bem como participar do treinamento prático. Desde a primeira reunião, os promotores da FINCA Peru empenham-se em infundir a auto-segurança necessária para adquirir as aptidões das operações bancárias comunitárias e para o processo mais amplo de desenvolvimento humano. Dá-se ênfase a valores como a pontualidade, juntamente com a disciplina financeira. As reprimendas públicas e as multas desestimulam as chegadas tardias e outros comportamentos indesejáveis. A pressão dos colegas tem uma longa tradição de eficácia no desenvolvimento rural internacional e aqui também tem funcionado bem. Todos os mutuários têm “responsabilidade

conjunta” pelo pagamento de todos os empréstimos concedidos aos membros de um grupo antes de serem concedidos novos empréstimos. De vez em quando os grupos atrasam os pagamentos e se retiram, como muitos fizeram durante a crise econômica peruana de 1998, mas os registros da FINCA Peru mostram um crescimento quase ininterrupto dos indicadores-chave do microfinanciamento.

A consolidação do programa ocorreu em 1992, graças ao apoio da IAF e à derrota de Sendero Luminoso no mesmo ano. Quando os Lanao, já próximos dos 70 anos de idade, planejavam regressar permanentemente a Huamanga, a família mostrou descontentamento e criticou a sensatez dessa decisão. Iris recorda que, entre outras considerações,

estava o problema respiratório de Aquiles, que piorava com a grande altitude. “Quando estava em Huamanga dormia com um tanque de oxigênio perto da cama. Atendendo aos conselhos de seu médico, procuramos convencê-lo a não se mudar, mas nossos argumentos produziram pouco resultado. Com o tempo aceitamos que privá-lo desta nova fase de seu trabalho com os pobres em seu povoado equivaleria a uma sentença de morte. Seu coração nunca tinha saído de Ayacucho”.

Aquiles estava decidido e a instituição entrou em ação e mobilizou poupanças no montante de US\$26.000, o que permitiu o lançamento de 30 novos bancos comunitários por ano nos três anos seguintes. Este aumento de 17 a 111 bancos comunitários, dos quais alguns pertenciam a um programa em Lima supervisionado por Iris, foi possível graças a uma doação de US\$300.000 da IAF e US\$200.000 conseguidos da USAID). A doação da IAF refletia o decidido interesse da então representante Denise Humphreys Bebbington, forjado durante sua experiência na Catholic Relief Services, em Lima. No fim de 1996, 2.473 mulheres de Ayacucho e Lima tinham recebido US\$1.408.100 sob a forma de novos empréstimos e as contas externa e interna do sistema, combinadas, tinham gerado poupanças de US\$747.055. Esta elevada taxa de poupança, em média de US\$320 por pessoa, era, segundo o relatório anual da FINCA Internacional para 1996, uma característica que distinguia a FINCA Peru e superava “em quase US\$230 a média de poupança de qualquer outra filial da FINCA”.

Na qualidade de Representante para o Peru de 1997

a 1998, tomei conhecimento dos progressos da FINCA Peru. Seus escritórios e salas de aula em Huamanga tinham passado do apartamento dos Lanao a uma sede situada a uma quadra da praça principal, com sua catedral imponente da época colonial e grandes edifícios municipais. Estas instalações, situadas no centro, tinham boa iluminação, ventilação e espaço suficiente e contavam com a supervisão de um pessoal acessível, tudo isso conducente ao aprendizado. Havia maior segurança para a movimentação freqüente de dinheiro vivo; o complexo estava rodeado de muros altos e os membros deviam mostrar documentos de identificação aos guardas de tempo integral que vigiavam a entrada. Um pátio pequeno estava rodeado de diversos edifícios de dois andares que se assemelhavam a colméias. Encontrei Aquiles em seu pequeno e estreito escritório, rodeado de admiradores e incentivando-os. Os empregados de contabilidade e os contadores debruçavam-se sobre seus computadores analisando fluxos financeiros. De todas as direções iam e vinham mulheres, entre elas Morena, que sempre estava em movimento assistindo a reuniões e aconselhando promotores. Nas paredes lia-se uma série de exortações, tais como “a poupança é a chave do progresso” e a classificação do desempenho financeiro dos bancos em diversos indicadores. Quatro ou cinco bancos comunitários se estavam reunindo; os assistentes usavam quadros-negros, giz, cartolina e marcadores para fazer tabelas com informações quantitativas.

Vi tesoureiros que desembolsavam empréstimos em dólares dos EUA e recebiam dólares para amortizar empréstimos anteriores, a fim de proteger-se contra a desvalorização do sol, moeda peruana. As operações de cada “banquinho” eram registradas; as bancárias atualizavam as informações sobre suas cotas de pagamento e suas poupanças em cadernetas de contas pessoais. Suas práticas pareceram-me transparentes. Incluíam momentos cerimoniais solenes para ritos da organização e comemorações como Dia das Mães, aniversários, Dia da Mulher e Natal para incentivar a camaradagem. O pessoal dedicava tempo para oferecer treinamento informal em temas como o papel da mulher na família e a nutrição infantil. Imediatamente após cada reunião, o dinheiro vivo era guardado em um cofre para depois ser levado a um banco comercial. Em cada ciclo se adquiria maior aptidão financeira e eram eleitos novos líderes dos grupos. Para coordenar os workshops que ofereciam assistência técnica e assessoramento, Morena e um assistente escolhiam e treinavam um pequeno grupo de promotoras sociais, freqüentemente entre as bancárias mais talentosas, instruídas e motivadas. Recebendo um salário modesto de US\$200 por mês, cada promotora trabalhava com um número determinado de “banquinhos” em reuniões semanais e supervisionava 300 bancárias. As promotoras também compartilhavam relatórios semanais sobre a administração do banco.

Os dados de pesquisas domiciliares da FINCA Peru mostravam que o sistema de operações bancárias comunitárias estava atingindo mulheres na base da pirâmide econômica com rendas anuais de US\$500 a US\$1.000. Vinte e cinco por cento delas eram mulheres solteiras



Uma cliente da FINCA.

chefes de família e somente 30% tinham concluído o segundo grau. Sobreviviam na relativamente pequena e deprimida economia agrária, comercial e de serviços de Ayacucho por meio de uma série de atividades de produção, transporte e comércio de pequena escala. A preparação de alimentos em casa para a venda nas ruas da cidade era comum e os empréstimos permitiam às mulheres adquirir o equipamento que antes estava fora de seu alcance, por exemplo, para assar pão ou fazer bebidas de produtos locais. Um dos principais usos do crédito era a expansão do negócio. Todos os dias, quando eu ia para os escritórios da FINCA Peru, comprava o jornal de uma mulher que tinha uma pequena banca própria pequena e uma clientela formada, graças a um empréstimo da FINCA Peru.

Alguns mutuários aproveitavam seus contatos com as comunidades de agricultores para vincular produtores rurais com os comerciantes atacadistas e com os mercados a varejo ligados aos consumidores urbanos. “Eu costumava ficar de cócoras para vender pequenas quantidades de batatas que um atacadista me tinha vendido”, disse uma mulher que parecia segura de si mesma e tinha um chapéu de aba larga que indicava suas raízes na província. “Graças a uma série de microcréditos do sistema de bancos comunitários, pude transformar-me também em atacadista. Agora, em vez de ficar de cócoras todo o dia junto às minhas batatas, viajo na boléia do meu próprio caminhão que leva sacos de batata de 50 quilos das comunidades rurais. Eu os distribuo a muitos pequenos vendedores a varejo que trabalham de cócoras como eu fazia antes”.

Total das poupanças dos membros

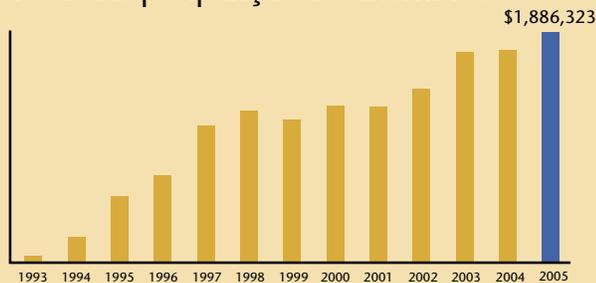


Gráfico do Relatório Anual da FINCA PERU para 2005.



Aquiles Lanao em 2005.

Em 1996, a IAF contratou os serviços de Sara Pait Volstein, especialista em microfinanciamento do Peru, para avaliar os progressos da FINCA Peru em Ayacucho. Ela confirmou que o donatário tinha alcançado sua meta de gerar muitos novos bancos comunitários e de aumentar as oportunidades de emprego por conta própria para as mulheres marginalizadas da sociedade. Determinou que os empréstimos e a poupança tendiam a exceder os montantes previstos como metas iniciais. Também documentou aumentos dos investimentos em fogões a gás, geladeiras e máquinas de costura; e que todas as bancárias tinham televisores, rádios e equipamento de som. O sistema de banco comunitário era responsável pela melhoria das habitações, que já estavam utilizando cimento e tijolo e dispunham de encanamento, sistemas de água potável e energia elétrica. Segundo Volstein, 59% das mulheres participantes dos programas da FINCA Peru se tinham levantado para falar em público pela primeira vez na vida. No entanto, Volstein afirmou que as bancárias não estavam fazendo a transição para o setor bancário formal; talvez a FINCA Peru não fosse muito realista ao supor que o fariam. No entanto, concluiu que a FINCA era freqüentemente mencionada como ponto de referência no setor do microfinanciamento no Peru e que os grupos dedicados a esta atividade estavam ansiosos por aplicar sua metodologia. Quando a IAF me designou para a América Central, continuei acompanhando a FINCA Peru por telefone, e-mail e registros da IAF e a avaliação positiva de Volstein foi constantemente confirmada.

No fim da década de 1990, os Lanao tomaram medidas para começar a desvincular a FINCA Peru da FINCA International. O processo culminou em 2002. A seu ver, a sua instituição levava mais ao escritório de Washington do que dele recebia em termos de serviços e apoio e que, além disso, a FINCA International se estava afastando de seu compromisso original com a cultura da poupança.

Parecia estar passando de uma ênfase no desenvolvimento humano – consequência das reuniões semanais e da gestão da conta interna – para dar ênfase ao crescimento, ou seja, ao aumento do número de bancos e novos clientes. Em um discurso decisivo perante um fórum realizado em Lima em 2003, John Hatch, que continuava sendo membro da Diretoria da FINCA Peru, assim se expressou: “Ao afirmarmos nossas novas áreas prioritárias dissemos adeus à conta interna e embora a FINCA Peru e outras ainda a mantenham, a maioria já não a utiliza, porque é um custo demasiado alto. Os promotores da FINCA eram obrigados a dedicar 70% ou mais de seu curto tempo para resolver problemas relacionados com a conta interna sem a instituição receber nenhum centavo desta atividade”. Sem mudar, a autônoma FINCA Peru continua realizando seu treinamento semanal em gestão da conta interna e repassa o custo às bancárias por meio de taxas de juros mais altas – e aparentemente elas estão dispostas a absorvê-lo. “Os membros dizem que a capacidade adquirida para poupar é a característica que mais apreciam no sistema de bancos comunitários da FINCA Peru”, comentou Denise Humphreys Bebbington, acrescentando que a maior liquidez lhes inspirava orgulho pessoal.

O crescimento institucional de FINCA Peru já não pode ser comparado com o das filiais em outros países, mas continua sendo impressionante. Seu relatório anual de 2005, que menciona a incorporação da cidade de Huacavelica, indicava a existência de um total de 306 bancos comunitários que atendiam a 7.221 bancárias. Ayacucho liderava com o maior número: 177 bancos comunitários com 4.483 bancárias que receberam novos empréstimos no valor de US\$974.500. De 1993, quando a IAF concedeu à FINCA Peru sua segunda doação, a 2005, 47.621 bancárias receberam um total de 179.413 empréstimos que se elevavam a US\$33.080.807. É significativo o fato de a FINCA Peru ter cruzado o umbral dourado do mundo

real da auto-suficiência e agora pagar os salários de cerca de 66 empregados (36 em Ayacucho) e outros custos de operação.

No entanto, a proeza mais impressionante da instituição continua sendo a formação da superpoupança. Mulheres com poucos conhecimentos de operações bancárias transformaram a poupança de uma condição necessária para receber um empréstimo a um hábito muito apreciado. As cifras falam por si próprias. No decorrer dos três anos posteriores à segunda doação da IAF, a poupança per capita aumentou em mais de US\$200. Somente em 2004, as poupanças atingiram US\$1.744.986, com uma média de US\$262 por membro.

Estas cifras refletem a entrada de novas bancárias com poupanças diminutas e as contas estabelecidas das quais se podem retirar até US\$1.000 para despesas de educação e melhoria da habitação. As poupanças transformaram-se na fonte mais significativa de mais de 20.000 empréstimos aprovados nas três regiões em que operava a FINCA Peru.

“Muitos programas de microfinanciamento têm promotores que fazem as vezes de oficiais de crédito e as reuniões só existem para receber as cotas de pagamento em vez do trabalho mais difícil e mais longo de ensinar as aptidões relacionadas com as decisões de poupança e investimento”, diz Viviana, neta de Aquiles e Morena, a qual, como estudante da Harvard Business School (Escola de Negócios de Harvard) fez pesquisas sobre as instituições de microfinanciamento da América Central. Iris, sua mãe, assegura que as taxas de poupança da FINCA Peru têm tendido a aumentar durante os nove anos de funcionamento. Afirmo que em Ayacucho a poupança tem gerado de 13% a 15% das rendas anuais e que a conta interna é três vezes maior do que a externa. Isso significou que em setembro de 2003 a FINCA Peru desembolsou 29,4% de seus empréstimos (1.628 empréstimos no valor de US\$320.000) com recursos de sua conta externa e 70,6% (4.000 empréstimos no valor de US\$767.000) de sua conta interna. Das seis instituições de vanguarda do microfinanciamento no Peru que participaram do Primeiro Fórum de Bancos Latino-Americanos Comunitários, a FINCA Peru, que tinha o menor número de bancos comunitários, ocupava o primeiro lugar no volume total de poupança mobilizado durante o ano.

Aquiles, vigoroso aos 83 anos, é o oráculo dos bancos comunitários e continua oferecendo seus conselhos no alto das montanhas de sua Ayacucho. Segundo ele, fazer poupança durante semanas, meses e anos é a chave para superar a pobreza. “As pessoas de baixa renda podem fazer poupança”, afirmou Aquiles, “e se não conseguirmos isso no Peru nunca escaparemos da pobreza generalizada e sempre estaremos esperando a próxima rodada de obséquios, doações e dádivas. A poupança precisa transformar-se em um hábito para que o verdadeiro desenvolvimento de base possa ocorrer”. Agora a responsabilidade cabe à geração de empresários sociais da qual faz parte sua filha Iris. Em reuniões, conferências e workshops ela tem desenvolvido incansavelmente o credo de sua família: “As bancárias da FINCA Peru aprendem a

tomar boas decisões sobre quem merece crédito, a exercer controle sobre os depósitos de poupanças e a praticar valores como responsabilidade, disciplina e jogo limpo. Sua gestão da poupança e do crédito representa um veículo para o desenvolvimento das aptidões e atitudes que permitem às mulheres superar sua condição de pobreza e descobrir seus talentos potenciais e seu sentido de dignidade humana”. —Kevin Healy é Representante da IAF para a Bolívia e a Colômbia. Seu artigo provém do capítulo de Denise Humphreys Bebbington “Rebuilding Social Capital in Pós-Conflict Regions: Women’s Village Banking in Ayacucho, Peru and in Highlands, Guatemala” (Reconstruindo o capital social em regiões que têm sofrido conflitos: atividade bancária comunitária de mulheres em Ayacucho, Peru e nos altiplanos da Guatemala) em *Microfinance Perils and Prospects (Perigos e perspectivas do microfinanciamento)*. (J. Fernando, eds.).



Morena Lanao 1924-2004

Com os filhos e netos a seu lado, Lucinda Flores de Lanao, Morena, faleceu de câncer em Lima em 28 de novembro de 2004. Apenas dois meses antes, sabendo que lhe restava pouco tempo de vida, ela tinha viajado pela última vez a Ayacucho para homenagear os bancos comunitários “modelo” e “estrela” durante a cerimônia semestral da FINCA Peru. Na presença do prefeito e de outros funcionários, também entregou às bancárias bem-sucedidas os apreciados diplomas de honra da FINCA Peru. A celebração incluiu um desfile pela rua principal de Ayacucho e uma grande festa com baile. Foi uma despedida digna de seu trabalho—K.H.

Depois de Mitch, o desenvolvimento local

De Luis González Amaya e John Reed

Neste hemisfério, os furacões estão normalmente associados a áreas que fazem fronteira com o Oceano Atlântico e o Caribe, mas em 1998 a devastação do Furacão Mitch atingiu quase toda a costa Pacífica da América Central. A destruição causada em El Salvador, Honduras e Nicarágua foi sem precedentes. Apesar de a missão de desenvolvimento de base da Fundação Interamericana (IAF) não prever alívios em caso de desastres, o seu programa para 1999 incluiu um financiamento especificamente destinado a servir de resposta ao Furacão Mitch. No total, a IAF aprovou 18 doações e emendas a doações especificamente para ajudar as vítimas dos três países a se recuperar e a reconstruir suas comunidades. Isso representou mais de 20% de todo o orçamento do programa da IAF para 1999; algumas outras doações em 2000 atingiram o montante de cerca de US\$5 milhões.

A maioria das vítimas já estava tentando obter mais do que o simples reparo do estrago panorâmico quando receberam as doações. Na cidade de Acajutla junto ao porto, na província de Sonsonate de El Salvador, a reconstrução foi liderada pelo Centro de Reorientación Familiar y Comunitaria (CREFAC). Tal como a IAF, o CREFAC não é um órgão de alívio em caso de desastres, mas com o seu know-how e o financiamento da IAF, a sua resposta aos desafios deixados no rastro do Mitch levou a um desenvolvimento de longo prazo. Fundado em 1967 como uma iniciativa social sem fins lucrativos por pessoas leigas religiosas, o CREFAC havia trabalhado por mais de 30 anos nas seções mais vulneráveis da área metropolitana de San Salvador, ajudando as pessoas de baixa renda no treinamento profissionalizante e liderança, bem como na prestação de serviços. Após 12 anos de guerra civil, terminada em 1992, e com as subseqüentes reformas econômicas que mudaram o mercado de trabalho e as demandas dos consumidores, o CREFAC começou a ensinar novas aptidões e a oferecer ajuda operacional aos ex-combatentes e suas famílias. Quando a organização decidiu expandir seu alcance além da capital em 1999, avançou em direção às comunidades mais necessitadas de Acajutla com um programa moderno para melhorar as oportunidades de trabalho e o diferencial competitivo dos negócios de família e microempresas.

Originalmente, o plano para Acajutla baseava-se em uma avaliação por parte dos alunos da Universidad José

Simeón Cañas da América Central. A meta era o desenvolvimento das áreas em depressão por meio de um treinamento profissionalizante, juntamente com um suporte técnico e financeiro de microempresas que se tornariam estruturas de estabilização para a comunidade. Mas após o Furacão Mitch, o CREFAC conseguiu recuperar a sua prioridade no projeto proposto à IAF. Uma vez proporcionado o alívio primário suficiente em termos de saneamento, habitação, alimentos e vestuário, a organização daria início ao desenvolvimento da comunidade.

“A solução para os problemas de Acajutla não era fácil, considerando-se que as comunidades estavam localizadas ao longo das margens do estuário e costumavam sofrer grandes inundações”, disse Reynaldo Cerón, Coordenador de Desenvolvimento de Negócios do CREFAC. O programa do CREFAC ofereceu crédito a quase 200 indivíduos sem acesso aos bancos, permitindo, juntamente com o treinamento do CREFAC, que fossem rapidamente reinseridos na economia de Acajutla. Essas primeiras etapas em prol da recuperação foram seguidas por uma segunda fase de estratégias para promoção de emprego e microempresas, um programa mais extensivo de crédito e treinamento em liderança. O trabalho junto ao CREFAC permitiu financiamentos por parte da municipalidade, dos ministérios do governo e de ONGs locais.

Ao determinar o número de jovens que treinaria como soldadores, costureiras e padeiros, o CREFAC estava atento ao perigo da saturação. O mercado local de trabalho era difícil, principalmente, para os soldadores devido aos altos custos iniciais. Mas 42% dos novos soldadores do CREFAC conseguiram aplicar seu treinamento no próprio local de trabalho. A maioria das novas costureiras e padeiros tornaram-se empregados autônomos e agora trabalham fora de casa. O pai de um jovem padeiro, de 18 anos, vendeu duas vacas para o filho poder comprar os equipamentos necessários, inclusive três bicicletas, para montar um negócio que ajudasse a si próprio, um de seus irmãos e uma pessoa para fazer as entregas. As vendas diárias mais que dobraram, sendo necessárias outras quatro bicicletas e três pessoas para fazer as entregas. O fornecimento do pão diário a seus clientes mostra que o jovem proprietário não tem dias de folga e que a demanda é ainda maior durante a época do Natal e da Páscoa, mas o sucesso permitiu que ele comprasse uma casa para ele e outra para a sua avó.



John Reed



John Reed

As padeiras Vicenta Lilián Jovel e Ana María de Funes receberam treinamento e empréstimos do CREFAC. O negócio de Funes cresceu de tal forma que seu marido deixou seu emprego para trabalhar para ela.

O financiamento por empréstimo do CREFAC é mantido com as inscrições dos workshops, juros e reembolsos. Uma vez que pessoas de recursos limitados significam pessoas não acostumadas ao crédito, os novos mutuários entrevistados mencionaram seus temores em contrair dívidas que talvez não pudessem pagar se os empreendimentos não dessem certo. O promotor de crédito do CREFAC teve bastante trabalho para fazer desaparecer esse tipo de resistência e incentivou aspirações como a vinculação do crédito a um melhor emprego e maior bem-estar. Ele se tornou uma figura familiar em Acajutla e eventualmente se deslocava de San Salvador para lá. Os progressos espalharam-se a outras comunidades cujos habitantes se candidatavam a empréstimos, expandindo assim o alcance do programa. Os juros em atraso eram mínimos.

O treinamento de liderança de mais de 100 indivíduos possibilitou a organização de conselhos administrativos onde antes não havia e o ressurgimento de alguns que se tornaram inoperantes. Os conselhos eram importantes no acesso a recursos de organizações governamentais e não-governamentais que somente canalizavam financiamentos para as necessidades de comunidades por meio de organizações legalmente constituídas. Também analisavam os problemas específicos de cada comunidade e geravam planos de desenvolvimento com base na participação da comunidade. Os alunos das universidades ajudavam os conselhos na preparação de uma monografia para cada comunidade, representando a primeira tentativa de um levantamento das condições locais. O jardim

botânico de Acajutla foi melhorado com um inventário que classificou suas plantas por meio da etiquetagem das árvores e do reflorestamento. A coordenação com a Prefeitura e com o escritório do Capitão do Porto foi essencial para a participação das escolas e dos conselhos da comunidade na melhoria do parque. Os alunos, treinados pelo CREFAC, também participaram das campanhas de erradicação da dengue promovidas pela Comissão de Emergência e Unidade de Saúde de Acajutla.

Graças à boa administração, o CREFAC ultrapassou as metas definidas. Uma administração cuidadosa dos financiamentos da IAF resultou em economias. E a própria IAF autorizou o CREFAC a investir em infra-estrutura, incluindo um novo centro comunitário e uma canaleta de drenagem para evitar inundações durante a temporada das chuvas e deter os mosquitos causadores de doenças. A estação de televisão e uma estação de rádio comunitária de Acajutla transmitem as informações sobre os eventos e programas do CREFAC, como a conclusão de cursos e a entrega de diplomas. Quando o proprietário da estação de televisão utilizou seu canal para elogiar esses esforços ao vivo, ficou evidente que o CREFAC se havia tornado parte da comunidade. Definitivamente, esse projeto mudou Acajutla.

Luis González Amaya é o Verificador de Dados da IAF em El Salvador e John Reed é o Representante da IAF para a Costa Rica, Honduras e Panamá.

Resposta Rápida em Honduras

Quando o Furacão Mitch atingiu Honduras, o Projeto Aldea Global (PAG) imediatamente solicitou e recebeu autorização para reprogramar os fundos recebidos da IAF. Os recursos foram essenciais para os esforços de recuperação, mas foi também graças à sua excepcional capacidade de previsão que o PAG entrou rapidamente em funcionamento.

De acordo com Norma Ulloa, Prefeita do Município de Las Lajas, em dezembro de 1999 o PAG já havia desenvolvido, um ano antes do desastre acontecer, uma organização regional que representava centenas de comunidades que rapidamente avaliaram os prejuízos.

“Os meios de comunicação foram cortados”, ela se recorda, “mas nós recebemos mensagens do PAG via estação de rádio regional e enviamos mensagens detalhando as condições das estradas, pontes e sistemas de abastecimento de água, além da necessidade de abrigos de emergência e serviços de saúde e alimentos. Em um dia, o PAG começou a reabrir os trechos das estradas. Atrás dos equipamentos pesados, chegaram caminhões com rolos de abrigos plásticos para barracas provisórias, alimentos básicos como arroz e feijão, e suprimentos para fazer as famílias retornarem para suas casas. Em uma semana, foram entregues a tubulação plástica e os acessórios, juntamente com cloro suficiente, para que pudéssemos ter nosso sistema de abastecimento de água novamente em funcionamento.

“Mas a ajuda mais importante veio quando o PAG lançou o desafio de que todos entrássemos em nossos campos e replantássemos nosso milho e feijão que haviam sido destruídos pelo metro de chuva. Mais de mil famílias atenderam ao pedido e em alguns dias vimos grandes caminhões carregados com fertilizantes, sementes e ferramentas subindo as estradas da montanha que haviam sido reabertas apenas algumas horas antes. A maioria dos agricultores estava preocupada com o fato de os esforços serem em vão, uma vez que a estação de plantio já havia terminado há dois meses, mas todos replantaram e ficamos felizes por isso; afinal foi uma colheita muito boa.

“Se não houvesse o desafio, não teríamos replantado e as nossas comunidades ficariam sem milho, feijão, legumes e verduras até setembro ou novembro do ano seguinte. A nossa retomada do plantio e do ciclo de colheita foi muito importante. Fomos chamados a juntar novamente os pedaços de nossas vidas estilhaçadas e esse ‘empurrão’ nos manteve concentrados em fazer algo sobre as perdas que tivemos. Somos agradecidos ao PAG por não nos fornecer um folheto, mas sim as ferramentas para reconstruirmos nossa vida”.

Além de apoiar essas atividades, o financiamento reprogramado da IAF foi usado para reassentar os habitantes de três comunidades em 200 novas casas e fornecer coberturas de telhado de metal a mais de 1.500 moradias danificadas. Os habitantes de Las Brisas, uma comunidade da encosta que não pôde ser construída no mesmo local precário, foram deslocados para um lugar próximo onde um novo sistema de abastecimento de água e latrinas foram instalados e construídos uma escola com quatro salas de aula e um auditório, além de um centro de saúde. Posteriormente, a IAF repôs o financiamento gasto na recuperação, cerca de US\$114.000, e o PAG deu prosseguimento às atividades planejadas antes do Furacão Mitch. “O PAG abastece atualmente cada uma dessas comunidades, além de outras, com ajuda agrícola, empréstimos para plantio e pequenos negócios, serviços de saúde e Deborah, um programa de tratamento da violência doméstica. —L.G.A. e J.R.



Protegida pelas práticas agroecológicas do PAG, esta propriedade agrícola sobreviveu ao Furacão Mitch, enquanto o lote vizinho na parte dos fundos foi totalmente destruído pela erosão.

Rumo à recuperação depois do Furacão Stan

De Patrick Breslin

Fotos de Patrick Breslin



Leticia Toj é diretora da Rxiin Tnamet, donatária da IAF situada em Santiago de Atitlán (favor consultar Desenvolvimento de Base 2003). Panabaj, uma comunidade vizinha do Lago Atitlán no cento da Guatemala, foi devastada por um deslizamento que varreu toda a área onde estava situada, matando centenas de moradores.

Às duas de uma madrugada castigada por temporais, no início de outubro passado, os habitantes maias de Panabaj, na região sul do lago Atitlán no altiplano da Guatemala, aconchegaram-se nervosamente em suas casas. O Furacão Stan há dias vinha derramando chuva no vulcão situado acima deles e eles sabiam que havia a ameaça de deslizamentos. Mas mesmo quando ouviram um estrondo nas encostas, não podiam imaginar o que se movia rápida e violentamente na direção deles.

Quando as chuvas inundaram a cratera, parte da borda do vulcão se rompeu provocando uma avalanche de lama, pedras e galhos quebrados montanha abaixo, atingindo o último pequeno cume acima de Panabaj e destruindo centenas de casas que rapidamente se transformaram em túmulos. Mais de 600 pessoas morreram.

Os sobreviventes estavam entre os mais de 120 mil guatemaltecos que perderam suas casas em todo o país. Onde passou a avalanche, somente aqueles abençoados por um milagre sobreviveram. Um bombeiro local salvou várias crianças colocando-as em telhados que permaneciam inteiros ou em galhos de árvores. Alguns conseguiram nadar durante a enchente e alcançar um local seguro em terra.

Os donatários da IAF no altiplano da Guatemala e na região ocidental de El Salvador sofreram trágicas perdas de vida, propriedade e infra-estrutura durante as chuvas torrenciais, deslizamentos arrasadores e inúmeras enchentes causadas pelo Furacão Stan. A IAF não é uma agência de assistência a desastres e seus recursos não são suficientes para lidar com furacões e terremotos devastadores.



O deslizamento destruiu inúmeras casas e prédios públicos em Panabaj. A força do deslizamento ergueu um caminhão e arremessou-o para dentro de uma garagem da delegacia de polícia, esmagando um policial e outro morador que buscavam abrigo no prédio. Os que tiveram sorte de escapar ficaram apenas com a roupa do corpo. Todos os outros pertences, incluindo uma máquina de escrever, foram enterrados pela lama.





Pessoal da Associação Mangle inspeciona os danos causados pela enchente do Rio Lempa, em El Salvador.

Mas nós sabemos que quando ocorrem desastres naturais, a população de baixa renda, que já vive precariamente, quase sempre sofre mais. Qual seria então a melhor resposta da IAF? No ano passado, após a devastação do furacão Stan na Guatemala e em El Salvador e danos em regiões do México, Nicarágua e Honduras, a IAF concentrou esforços em seus donatários atuais. Aqueles afetados foram imediatamente autorizados a realocar os fundos das doações para necessidades emergenciais e convidados a solicitar financiamento complementar para colocar novamente em prática seus projetos. Assim que terminou a crise imediata, Larry Palmer, Presidente da IAF, enviou um grupo de executivos para avaliar a situação, reunir-se com os donatários e saber o que as outras entidades estavam fazendo.

Seis donatários da Guatemala pediram ajuda para iniciar o processo de recuperação. Um deles, a Asociación de Salud y Desarrollo Rxiin Tnamet (RXIIN), donatário da IAF, teve um registro sólido de trabalho por meio de voluntários e parceiras para prestar atendimento médico e educação em saúde para quatro mil residentes das comunidades rurais vizinhas do Lago Atitlán, a maioria mulheres e crianças. Vários desses voluntários moravam em

Panabaj; cinco morreram vítimas da avalanche. Porém, em menos de três horas de terror, falta de energia e água, o RXIIN estava ajudando os sobreviventes atordoados e feridos em sua clínica próxima de Santiago Atitlán – a lama havia transformado o hospital de Panabaj em um pântano.

No final da primeira semana, disse Leticia Toj, diretora da organização e enfermeira registrada, o RXIIN havia mobilizado 50 voluntários para visitar as comunidades em que trabalhavam e fazer uma lista das necessidades mais urgentes. É óbvio que faziam parte da lista comida, alojamento e suprimentos médicos. Assim como simples utensílios domésticos e roupas – o que indicava que para muitos a perda havia sido total. O deslizamento literalmente arrancou a roupa do corpo que alguns sobreviventes de Panabaj usavam no momento da tragédia. E como sinal da determinação dos sobreviventes para recomeçar a vida para si próprios e para os outros, as parceiras de RXIIN indicaram como prioridade a reposição de seus kits médicos. Muitas mulheres voluntárias pediam simplesmente fios de algodão para começar a tecer novamente e costurar suas roupas tradicionais, a representação mais visível de sua cultura e identidade.



Josefa Sosof Pospoy, de 10 anos, cursa o primeiro ano da escola temporária de Panabaj; para ajudar a família ela confecciona pulseiras e bordados.

Em El Salvador, os cinco donatários da IAF atingidos pelo furacão Stan não tiveram vítimas de morte, mas seus meios de subsistência sofreram danos devastadores. Na região sul, as inundações catastróficas ao longo do Bajo Lempa varreram toda a produção de milho um pouco antes da colheita e acarretaram a evacuação de muitas comunidades atendidas pela Asociación Mangle. O serviço de rádio da comunidade do donatário, gerenciada por jovens residentes comunitários, foi fundamental para o sucesso da evacuação de famílias ameaçadas; muitos encontraram refúgio no centro de treinamento da Asociación Mangle até as águas baixarem. A instalação de um segundo andar em cima de pequenas moradias agrícolas, uma inovação da Mangle, funcionou conforme construída para limitar o prejuízo à propriedade. E o pessoal da Mangle conseguiu reunir recursos para dar respostas de emergência aos vizinhos também em situação de crise.

Perto dali, próximo de Jiquilisco Bay, cerca de 500 criadores de camarão de 18 cooperativas atendidas pela Asociación Salvadoreña de Desarrollo Campesino (ASDEC), trabalharam para abrir mercados internacionais nos Estados Unidos e no Canadá. Quando as maciças paredes de

estuco dos enormes tanques de camarão se romperam e suas comportas laboriosamente construídas para controlar os níveis da água foram destruídas, a ASDEC elaborou um plano para recomeçar. Os criadores, muitos deles veteranos da recente guerra civil de El Salvador, pareciam determinados a não desistir.

O ataque do Furacão Stan na América Central veio logo após a devastação do Katrina em New Orleans e somente três dias antes de um poderoso terremoto que deixou 83 mil mortos e milhares de desabrigados na região fronteira entre a Índia e o Paquistão. Para a mídia internacional, isso foi apenas um breve parêntese na cobertura desses eventos, embora tenham morrido centenas de pessoas em toda a América Central e mais de 150 mil tenham sido evacuados de suas casas. Mas o dano material e psicológico que atingiu toda a América Central permanece e somente a reconstrução gradual das vidas por parte dos sobreviventes e de suas organizações poderá saná-lo.

[Até o momento da impressão, a IAF havia aprovado US\$750.000 em financiamento adicional para ajudar 14 donatários no México, Guatemala e El Salvador na recuperação do Furacão Stan.—ED]



Leticia Rebeca Sosof Pospoy, de 12 anos, vive com Josefa e a mãe em um abrigo de refugiados a algumas centenas de metros do local que um dia se chamou Panabaj. Ela cursa o quarto ano e também borda. Quer estudar ciência da computação e tornar-se líder como Letícia Toj. Linda Borst Kolko Vice-Presidente da IAF, aparece ao fundo.



Os estudantes trabalham com crianças refugiadas traumatizadas pelo Furacão Stan. Ocorreram novas chuvas e inundações causando pânico, forçando algumas famílias a se retirarem novamente.

Jovens da Associação Mangle usaram o rádio do grupo para alertar os residentes do Baixo Lempa sobre a enchente.



Agenda de Igualdade Racial

Cerca de 75 líderes políticos, empresários, acadêmicos e de organizações não-governamentais de todas as partes do hemisfério, a maioria afrodescentes, reuniram-se em 28 de fevereiro para definir uma “Agenda de Políticas em Prol da Igualdade Racial nas Américas”.

O painel de abertura da conferência, sobre raça e desigualdade, rapidamente concentrou as atenções na questão da raça como fator determinante da pobreza. Edward Telles, da Universidade da University of California em Los Angeles, confirmou a deficiência geral de estatísticas confiáveis sobre os afrodescentes, exceto no Brasil. Marcelo Paixão, do grupo de peritos do Observatório Afro-Brasileiro, compartilhou alguns dos indicadores precisos sobre os afro-brasileiros: A sua expectativa média de vida é de seis anos a menos que seus conterrâneos; seus salários correspondem à metade dos salários recebidos pelos brancos pelo mesmo trabalho; representam de 2% a 4% das matrículas em universidades; 20% estão no trabalho doméstico. O Presidente do painel, Gay McDougall, Presidente da *Global Rights*, ressaltou a ausência de qualquer referência às minorias ou grupos excluídos nas Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs) definidas pelas Nações Unidas para cumprimento total em 2015; muitos participantes consideraram os dados oriundos das MDMs uma questão prioritária.

A abordagem da sub-representação dos afrodescentes na liderança política e econômica da América Latina foi realizada por quatro pessoas que desafiaram todos os prognósticos e alcançaram posições de autoridade. Conforme demonstrado por Epsy Campbell, parlamentar do Congresso da Costa Rica que se esteve preparando para uma campanha vice-presidencial altamente contestada, a América Latina e o Caribe totalizam 150 milhões de cidadãos afrodescentes e somente 100 são parlamentares negros. Apolinar Salcedo, Prefeito de Cali, nascido de uma família afro-colombiana pobre e cego aos 7 anos de idade em um acidente doméstico, falou de sua própria experiência ao enfatizar a importância das oportunidades educacionais para as crianças negras e o estímulo de uma atitude positiva. Benedita da Silva, ex-Ministra do Bem-Estar Social e a primeira Governadora negra do Rio de Janeiro, defendeu um procedimento afirmativo e a necessidade de se ter domínio de idiomas “estratégicos”, inclusive o inglês. Um dos artistas mais celebrados do Brasil, José de Paulo Neto, conhecido por sua imensa representação internacional na música como Netinho, enfatizou a importância do acesso a qualquer tipo de comunicação. Durante a conferência, ele definiu uma parceria estratégica com uma empresa dos Estados Unidos avaliada em US\$100 milhões para a TV Gente, canal por ele lançado no início deste ano.

Um painel final sobre o acesso à justiça indicou que em muitos países os réus são assustadoramente afrodescentes e as pessoas que os denunciam e julgam são normalmente de origem europeia. Graciela Dixon,

Cortesia do Diálogo Interamericano



Larry Palmer, Presidente da IAF, deu as boas vindas aos participantes da “Agenda de Políticas em Prol da Igualdade Racial nas Américas”. Os outros palestrantes da conferência foram Pamela Cox, Vice-Presidente do Banco Mundial para a América Latina, e Peter Hakim, Presidente do Diálogo Interamericano. José Miguel Insulza, Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos, foi o palestrante convidado para o discurso de abertura da conferência.



O Prefeito de Cali, Apolinar Salcedo, enfatizou a importância da educação e de uma atitude positiva.



O Deputado Edgardo Ortuño, único parlamentar afrodescente do Congresso do Uruguai, deseja reduzir a taxa de evasão de afrodescentes das escolas, validar sua herança cultural e reafirmar sua identidade.



Ivanir dos Santos, Diretora do CEAP, donatário brasileiro da IAF, uma organização de defesa dos afrodescendentes.



Juiz Reis e Deputado Meeks.



Judith Morrison da IAC, Deputado Rangel e Gov. da Silva



Netinho e Deputada Campbell.

Presidente do Supremo Tribunal do Panamá, investigou a complexa história dos afrodescendentes de seu país e descreveu a discriminação que enfrentam. Levando-se em consideração a proteção jurídica, Carlos Alberto Reis, um membro da Suprema Corte do Brasil, indicou que a maioria dos afro-brasileiros não conhece seus direitos e quando registra queixas com base nas leis que proíbem a discriminação racial, a maioria é demitida. Conseqüentemente, muitos juízes não acreditam que tal discriminação seja um problema e a maioria dos afro-brasileiros não confia no sistema judiciário.

Após a conferência, os presentes participaram de uma recepção em sua homenagem em Capitol Hill oferecida pelos escritórios do Senador Barack Obama (D-Ill.), e dos Deputados Gregory Meeks (D-N.Y.) e Rep. Barbara Lee (D-Calif.), bem como por outros membros do Grupo de Parlamentares Negros do Congresso dos EUA. Entre os 200 convidados estavam presentes os seguintes Deputados: Meeks, Charles Rangel (D-N.Y.), Donald Payne (D-N.J.), Gwen Moore (D-Wis.), Elijah Cummings (D-Md.), Eddie Bernice Johnson (D-Texas) e William Delahunt (D-Mass.).

“Os afrodescendentes que vivem nos Estados Unidos precisam participar integralmente desta luta”, disse o Deputado Meeks aos presentes. “Do mesmo modo que eu delego poder a vocês, vocês me delegam poder”.

“A Agenda de Políticas em Prol da Igualdade Racial nas Américas” foi patrocinada pelas seguintes entidades: IAF, Consultoria Interagencial em Matéria de Raça (IAC), Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e Fundação Canadense para as Américas (FO-CAL). Em seguida, foi realizada uma reunião sobre Raça e Pobreza no mesmo local no Banco Mundial em que fora realizada em 2000, a qual possibilitou a criação da IAC, um grupo de sete instituições de desenvolvimento internacional que trabalham juntas para tratar de problemas dos afrodescendentes na América Latina: a IAF, BID, Banco Mundial, OPAS, Departamento Britânico para o Desenvolvimento Internacional, Ford Foundation e Comissão de Direitos Humanos da OEA. A IAC compilará a agenda dos procedimentos da conferência.

Um papel para o Canadá

Levando-se em consideração seu histórico como sociedade multicultural, o Canadá deve assumir a liderança no apoio às comunidades de descendentes afro-latinos da América Latina. Essa foi a conclusão de cerca de 40 afro-latinos, líderes de ONGs, membros da IAC e autoridades canadenses após uma discussão em mesa-redonda de um dia inteiro patrocinada pela IAC e pela Fundação Canadense para as Américas (FOCAL) em 2 de março em Ottawa. A reunião “Apoio às comunidades Afro-latinas: Existe um Papel para o Canadá? Sessões Informativas dos Especialistas e Análise dos Programas das Agências de Desenvolvimento e Agenda Regional”, foi presidida por Jean Augustine, ex-Secretário de Estado de Multiculturalismo e Membro do Parlamento Canadense. A reunião prosseguiu com o evento do dia 28 de fevereiro e muitos desses participantes compareceram, entre eles figuravam Benedita da Silva, Wania Sant’anna, Romero Rodríguez e representantes da IAD, Banco Mundial, BID, IAF e FOCAL.

Na mesa-redonda, os afrodescendentes ressaltaram um histórico de escravidão que durou 350 anos. Embora abolida a instituição da escravidão, eles disseram que os descendentes de escravos continuam a ser marginalizados e excluídos e, ao contrário das mulheres e dos indígenas, não tiveram vantagens com a legislação para melhorar sua condição. Recentemente, contudo, os afro-latinos se têm organizado, na América Latina e no exterior, e estão ativamente buscando apoio para suas comunidades.

O Banco Mundial, o BID e a IAF estão incentivando as organizações canadenses, incluindo a Agência de Desenvolvimento Internacional do Canadá – CIDA), a explorar oportunidades de colaboração. A experiência do Canadá com aborígenes foi mencionada como um recurso importante na promoção da diversidade e o compromisso existente do governo canadense em promover os direitos

humanos pode servir para promover a Convenção Interamericana contra a Discriminação Racial atualmente em negociação na OEA. Os participantes da mesa-redonda também sugeriram que o Canadá coordenasse os “Devemos trazer os brancos para esta conversa; eles precisam nos escutar”, disse Wania Sant’anna, ex-Secretária de Direitos Humanos do Rio de Janeiro e Coordenadora de Pesquisa do Centro de Apoio ao Desenvolvimento, doador da IAF.



Romero Rodríguez, Diretor do Mundo Afro, doador uruguaio da IAF, e da Alliance of African Descendent Organizations (Aliança das Organizações de Afrodescendentes) recebeu com satisfação o interesse do Canadá.

programas em prol dos afro-latinos, juntamente com os participantes de outras entidades de assistência, além de apoiar a CanAFRO, um website de coleta de recursos para as comunidades afro-latinas e desenvolvido pelo FOCAL, pelo Centro de Inovação para Governança Internacional do Canadá e pela IAC. Os participantes da mesa-redonda desejam que o impulso desse diálogo tenha continuidade em Ottawa. Para obter todas as informações sobre o relatório da conferência, visite <http://www.canafro.theigloo.org>.—Linda Borst Kolko, Vice-Presidente de Operações da IAF.

Afro-andinos

Um grande contingente de pessoas participou da reunião “Vozes da África, Raízes da África”, realizada em 27 de outubro de 2005, em Washington, D.C., sede do Conselho Nacional de La Raza (NCLR). Entre os presentes estavam representantes de doadores internacionais e pessoal do Grupo de Parlamentares Negros e do Grupo de Parlamentares Hispânicos do Congresso dos EUA. A discussão do painel foi o sexto evento desse tipo que a IAF co-patrocinou na tentativa de promover a conscientização pública a respeito das questões dos afrodescendentes, inclusive a sua luta contra a discriminação. Um sétimo evento sobre os afrodescendentes foi realizado no dia 11 de maio de 2006 na República Dominicana.

Falando em nome de suas comunidades afro-andinas, estiveram presentes o folclorista equatoriano Juan García do Centro de Formación de Líderes Martin Luther King; o advogado limenho Jorge Reyna, da Asociación Negra de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos; Instituto Peruano de Desenvolvimento das Comunidades Afro-Peruanas e Indígenas (INDEPA), uma das poucas entidades governamentais da América Latina dedicadas à promoção da igualdade racial, além do ativista colombiano Leonardo Reales da Louisiana State University. A reunião foi dirigida por Judith Morrison, ex-Representante da IAF e Diretora-Executiva da Consultoria Interagencial em Maté-



Juan Garcia, Judith Morrison, Leonardo Reales e Jorge Reyna em "Voices dos Andes, Raízes da África".

ria de Raça (IAC). De acordo com os participantes do painel, a impaciência de suas comunidades com as injustiças praticadas sob o *status quo* tem aumentado mais em seus países do que uma estrutura de combate a essas injustiças. Os três solicitaram um censo com base na etnicidade, de modo que os números das comunidades sejam conhecidos, ou seja, um meio de reforçar as leis que protegem os direitos das minorias étnicas e as atitudes afirmativas para compensar os abusos do passado.

Em 31 de outubro, nos escritórios da IAF em Arlington, Virginia, EUA, três outros palestrantes compartilharam suas perspectivas sobre um projeto do Banco Mundial com os afro-colombianos residentes na Costa Pacífica da Colômbia: Luis Gilberto Murillo, ex-Governador na região de Choco e atualmente trabalhando com a Assistência Mundial Luterana; Shelton Davis, antropólogo do Banco Mundial; e Josefina Stubbs, uma dominicana que tem trabalhado para o Banco Mundial em questões de desenvolvimento de afro-descendentes. Na década de 1990, uma reforma agrária tornou-se parte de um esforço legislativo de abrir o processo político colombiano aos grupos sociais excluídos e o Banco Mundial começou a apoiar a concessão de títulos de terra e outros empreendimentos referentes às reivindicações afro-colombianas e indígenas.

Após o evento de La Raza, Garcia, afro-equatoriano membro único da comissão de folclore, apresentou na Smithsonian Institution um workshop sobre a importância da preservação da herança cultural. Ele compartilhou suas experiências na coleta de costumes afro-equatorianos na província de Esmeraldas e em outros lugares, posteriormente compilados por ele em edições adequadas para uso em escolas, "de modo que essa tradição oral não se perca quando os afro-equatorianos perceberem seu valor", disse Garcia. O workshop proporcionou um convite para um encontro com Lonnie Bunch III, Diretor do Museu Afro-Americano a ser construído na próxima década no Washington Mall, próximo ao Monumento a Washington.

Garcia presenteou Bunch com um banco esculpido em madeira-de-lei que sua avó usava para viajar de canoa pelos amplos rios da província de Esmeraldas. Garcia disse a Bunch que ela também se sentava naquele banco em sua casa para contar histórias da tradição oral da provín-

cia de Esmeraldas. Bunch conseguiu preparar os documentos de aquisição de forma rápida e o banco foi formalmente registrado como a primeira aquisição do novo museu. Isso simboliza, segundo Bunch, a missão do museu de contar a história da diáspora africana por toda as Américas.



John W. Franklin contempla um banco que pertenceu à avó de Juan Garcia, o qual se tornou a primeira aquisição do Museu Afro-Americano.



Garcia e Chuck Kleymeyer, ex-Representantes da IAF para o Equador, relatam um conto popular a um afro-equatoriano em espanhol e em inglês.

Vitória jurídica marcante

Os residentes das comunidades mais pobres e mais afastadas de Buenos Aires há muito padecem em repugnantes viagens em trens destruídos e sem horário regular – sabendo que os moradores dos subúrbios mais ricos do norte podem contar com trens limpos, modernos e pontuais. A mesma empresa, Trens de Buenos Aires, opera a Linha Sarmiento, que serve à região oeste, e a Linha Mitre, que atende à região norte, sob o mesmo contrato com o governo. Há quatro anos, estudantes e jovens advogados do escritório-modelo de uma universidade ajuizaram uma ação popular sob alegação de que a diferença nos serviços significava uma discriminação inconstitucional baseada na situação econômica. Em 7 de novembro de 2005, com um parecer pioneiro, o Juiz Ernesto Marinelli concordou.

Os litisconsortes Trens de Buenos Aires e o Governo da Argentina argumentaram que as discrepâncias nos serviços não podiam ser atribuídas à discriminação ilegal, mas sim à tecnologia. Alegaram, por exemplo, que o sistema elétrico da Linha Sarmiento não podia operar os 100 novíssimos trens alocados na Linha Mitre e que a cronometragem das passagens de nível da linha férrea impediam a maior frequência dos serviços na Linha Sarmiento. Mas o Juiz Marinelli, que havia viajado nas duas linhas, rejeitou essa defesa, bem como a argumentação de que os passageiros da Linha Sarmiento mereciam tratamento diferente porque a causa das más condições era o seu próprio vandalismo.

Segundo o juiz, todos os vagões que ele havia inspecionado na Linha Sarmiento estavam sujos, os assentos e janelas estavam quebrados ou eram inexistentes e não havia acesso para deficientes físicos – condições que ele definiu como de “segunda classe” e “abusivas”. Em contrapartida, os trens da Linha Mitre, além de estarem perfeitos e bem conservados, eram equipados com descansos para braço, lixeiras e outras comodidades. Essas conclusões e os dados do censo comparativo sobre índices de pobreza fundamentaram sua conclusão de que a discriminação ilegal era a causa da desigualdade dos serviços. O Juiz Marinelli caracterizou a referência ao vandalismo como “difamação”.

A corte baseou-se nas disposições da Constituição Argentina que garante a igualdade e o direito de impetrar ação legal contra todas as formas de discriminação. A sentença citava filósofos, como Alain Touraine e Ronald Dworkin, que vinculam a proibição de discriminação baseada na condição social ao princípio universal da igualdade. Ressaltando que os acordos internacionais ratificados pelo Governo da Argentina têm o mesmo peso que a Constituição, o tribunal mencionou também a Declaração Americana de Direitos e Deveres do Homem, a Declaração Universal de Direitos Humanos e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, entre outras fontes. (O Supremo Tribunal dos Estados Unidos está dividido no que tange a esses acordos terem algum peso nos casos julgados pelas leis dos EUA).

O Juiz Marinelli ordenou que os réus limpassem imediatamente os trens de Sarmiento e que garantissem que no prazo de 10 dias, independentemente de recurso, todos os trens tivessem portas e janelas em perfeito funcionamento. Sua sentença chama a atenção para as condições a que são submetidos os residentes de baixa renda da grande Buenos Aires. Se a decisão for mantida no recurso, os representantes de Moreno, última estação da Linha Sarmiento, terão um representante na mesa de discussões com altos funcionários do governo e da empresa de trens para negociar as melhorias adicionais necessárias. O grupo universitário que iniciou o processo transformouse na Asociación Civil por la Igualdad y la Justicia (ACIJ). A ACIJ tem um pequeno escritório em Moreno, na sede da Defensores del Chaco, organização donatária da IAF desde 2005, onde presta serviços jurídicos como um dos componentes das atividades do projeto.—*Jocelyn Nieva, Assistente do Assessor Jurídico da IAF*

Ativistas portadores de deficiência na ONU

Um grupo de latino-americanos patrocinado pela IAF estava entre os mais de 100 ativistas portadores de deficiência que participaram da sessão de janeiro da Comissão Ad Hoc das Nações Unidas para uma Convenção Internacional Ampla e Integral sobre a Proteção e a Promoção dos Direitos e da Dignidade dos Portadores de Deficiência.

Os portadores de deficiência de todo o mundo acreditam que essa convenção seja necessária, diante da insuficiência das leis existentes e das atuais convenções da ONU para a proteção de seus direitos. Mas eles insistiram também no lema “nada sobre nós, sem nós”, ou seja, querem que suas preocupações sejam ouvidas. Desviando-se radicalmente de seus procedimentos normais, a ONU convidou organizações da sociedade civil a colaborar com as sessões da Comissão Ad Hoc e a ajudarem a preparar o texto que poderá determinar o tratamento dos portadores de deficiências em leis internacionais para as próximas gerações. Muitos responderam com o envio de representantes.

Como convidados, eles têm o direito a palavra, mas não a voto. Para exercer uma influência maior, algumas organizações de portadores de deficiência criaram o Grupo Internacional dos Portadores de Deficiência e, antes da sétima sessão, cerca de 70 outras organizações já se haviam juntado a elas. Sem financiamento, infra-estrutura ou pessoal, o grupo utiliza e-mails e a Internet para manter seus membros informados e reuniões públicas abertas para tentar chegar a um consenso. Apesar das diferentes deficiências, auditivas, visuais ou mentais, uma exigência feita por um único grupo é considerada importante para todos. Depois de alcançado o consenso, o grupo apóia essa decisão; suas posições são sempre citadas pelo Embaixador Mackay da Nova Zelândia, Presidente Ad Hoc da Comissão em suas negociações com os membros.

As nações em desenvolvimento abrigam três quartos



dos portadores de deficiência do mundo, mas eles não estão adequadamente representados na comissão porque suas organizações são incipientes e não têm recursos para viajar a Nova York. Por esse motivo, a Handicap International e o Inter-American Institute for Disabilities lançaram o Proyecto Sur, uma associação de representantes de organizações de portadores de deficiência que trabalha com o grupo para ampliar a perspectiva de seus representantes, cujos desafios são diferentes de suas contrapartes em nações mais ricas. Os ativistas financiados pela IAF estavam entre os 32 membros do Proyecto Sur, de 20 países, que participaram da sétima sessão. Na condição de representante da IAF, acompanhei essa turma em sua movimentação pela cidade de Nova York, o cego guiado por pessoas em cadeiras de rodas, que por sua vez eram conduzidas pelos surdos. Eu também guiei, empurrei e algumas vezes servi de intérprete de inglês para espanhol para Maria Palma, do Chile, que transmitia a mensagem na linguagem dos sinais para Pamela Molina, uma ativista surda, também do Chile.

Os membros do Proyecto Sur participaram de comissões que discutiram a versão preliminar dos artigos, algumas vezes falaram em nome da comissão, realizaram um evento para apresentar seu trabalho, compareceram a um evento realizado pela delegação dos EUA e fizeram lobby junto às delegações dos respectivos países. Uma rodada final de negociações está marcada para agosto de 2006, na qual a IAF patrocinará novamente a participação

dos ativistas da América Latina. Com as questões mais controversas já resolvidas, só faltam à versão preliminar da Convenção as referências finais sobre o papel da assistência externa e sobre o monitoramento do cumprimento do documento. Em todo o mundo, o movimento dos portadores de deficiências tem sido fortalecido por essas medidas no sentido de se chegar a um dia em que os deficientes não sejam mais excluídos. O próximo obstáculo é a ratificação pelos governos de cada país.—Eduardo Rodríguez-Frías, assistente de operações.

Pesquisa com Prefeitos em Miami

Desde 1994, a Fundação Interamericana apóia a Conferência Interamericana de Prefeitos e Autoridades Locais, organizada pela Florida International University e realizada anualmente em Miami. Na conferência de 2005, os participantes responderam pela primeira vez a uma pesquisa sobre suas jurisdições e suas preocupações.

Seus questionários foram analisados pela FOCUS, a organização chilena que aplicou a pesquisa. Esses questionários demonstraram que 60% das 269 pessoas que responderam à pesquisa identificaram-se como prefeitos, 25% como vereadores ou detentores de outros cargos eletivos e 15% como executivos ou altos funcionários municipais. Quase a metade dos entrevistados era da América Central, principalmente Nicarágua, Honduras e El Salvador. Dos municípios representados, 55% têm

menos de 50.000 habitantes, mais da metade é caracterizada por níveis de pobreza altos e muito altos, sendo os da América Central os mais pobres.

Entre as necessidades que os entrevistados consideraram mais urgentes estavam as funções municipais tradicionais, tais como o fornecimento de água potável de boa qualidade e a pavimentação de ruas e calçadas. As mais novas e talvez mais desafiadoras são as expectativas de que as autoridades municipais cuidem do desemprego, da saúde, educação e segurança pública. Segundo a pesquisa, foram apontados como os maiores obstáculos a uma administração eficaz o treinamento precário e a falta de equipamentos, especialmente computadores para o pessoal, capacidade de desenvolvimento via Web e acesso à Internet. (Os entrevistados do México e de Puerto Rico mencionaram insuficiente autonomia administrativa). As repostas demonstraram que os municípios facilitam a participação da população com sessões abertas da câmara dos vereadores, orçamentos participativos e, no México, programas de rádio. Mais de dois terços dos municípios representados consultam a comunidade a respeito do plano de investimento municipal, bem como do orçamento. Por outro lado, há muito menos consultas a respeito de questões do dia a dia, tais como coleta de lixo, horário de funcionamento dos centros de saúde ou alterações no uso da terra.

A IAF patrocinou seminários durante a conferência de 2005. A declaração das prioridades dos participantes, apresentada na Reunião de Cúpula de 2005, incluiu a adoção das Metas de Desenvolvimento do Milênio, a melhoria da administração pública, participação da comunidade, desenvolvimento, redução da pobreza e criação de empregos.—*Ignacio Irarrazaval, FOCUS*

Valor agregado em Puna

A primeira vez em que *Desenvolvimento de Base* conversou com Vicente Alancay, ele estava no meio de uma salina

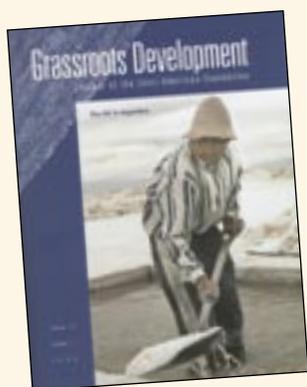
no norte da Argentina e tinha água salobra até os joelhos. Sua fotografia retirando sal tirada por Patrick Breslin foi capa da nossa edição de 2003 que incluiu a história da WARMI, fundada por Rosario Quispe (ver página 33). Ela tinha um sonho para Puna – o árido planalto onde a Argentina e a Bolívia se encontram – que o povo Coya viveria dignamente com os frutos de seu trabalho.

Em 2003, esse sonho parecia distante para Alancay, que trabalhava arduamente durante várias horas por dia no ar rarefeito de Puna, a quase 3.700 metros acima do nível do mar, em ofuscantes faixas brancas que se estendiam até as montanhas no horizonte. O trabalho

de um dia produzia uma tonelada de sal bruto e cerca de US\$3 para ele. Quispe considerava que esse era o trabalho mais brutal que ela conhecia. O sal, entretanto, era tudo que Alancay e seus vizinhos de Cerro Negro possuíam e Quispe estava convencida de que eles poderiam ganhar mais dinheiro se, além de extrair, pudessem também processar e embalar o sal.

Quando Desenvolvimento de Base encontrou Alancay novamente em dezembro de 2005, ele e alguns de seus colegas de trabalho estavam embalando sal processado, iodado e purificado em sacos de um quilo com a própria marca: Sal Puna. Eles vendem os caminhões de sal na vizinha Tucumán por cerca de US\$40 por tonelada, um aumento enorme em decorrência do valor agregado. Isso foi possível graças a um empréstimo de US\$9.000 da WARMI que, além de seu amplo programa de microcrédito que beneficia 78 comunidades, oferece também empréstimos maiores e treinamento empresarial para estimular a criação de empresas.

Alancay e 11 parceiros usaram o empréstimo para equipar sua pequena fábrica em Cerro Negro com uma máquina de processamento de sal e outros equipamentos. Eles se revezam morando nas salinas, uma semana cada um, em iglus cinzentos e sujos feitos de pesados blocos de sal. Seu trabalho ainda é exaustivo. A impiedosa luz do sol ainda reflete a brancura, ferindo seus olhos como facas de cristal e o pó de sal cobre sua pele e seus lábios. Mas agora, os homens sabem que serão recompensados com uma renda decente.—*Patrick Breslin*



Vicente Alancay em 2003.



Alancay em 2006 embalando sacos de um quilo de sal. O preço que ele e seus parceiros recebem por tonelada de sal processado é 13 vezes superior ao que recebiam quando vendiam sal bruto

IAF na LASA

A IAF reativa o Programa de Bolsas de Estudo



Heidi Smith

No XXVI Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos, realizado em San Juan, Puerto Rico, em 7 de março de 2006, Patrick Breslin, Vice-Presidente de Assuntos Externos da IAF, à esquerda, anunciou a reativação do Programa de Bolsas de Estudo da IAF em apoio a pesquisas para o doutorado com temas relacionados ao desenvolvimento de base na América Latina e no Caribe, por parte de estudantes matriculados em universidades dos Estados Unidos. Também estão na foto: Mitch Seligson, professor de Ciências Políticas da Vanderbilt University e ex-membro da Comissão de Seleção Acadêmica antes da interrupção do programa em 2000; Jonathan Fox, ex-membro da IAF, atualmente professor de Estudos Latino-Americanos e Latinos da University of California em Santa Cruz; e Paula Durbin, da IAF, que falou sobre as bolsas de estudo destinadas a fortalecer a comunidade de acadêmicos versados em desenvolvimento de base. As bolsas de estudo incluirão transporte internacional, de ida e volta, ao local da pesquisa e um estipêndio de US\$2.000 durante 12 meses. À medida que forem disponibilizadas, as informações sobre o programa serão divulgadas no website: www.iaf.gov.



Heidi Smith

A partir da esquerda, no sentido horário: Gabriela Boyer, Representante da IAF para a Argentina; Adriana Mota, da Nova Pesquisa e Assessoria em Educação (NOVA) do Rio de Janeiro; a estagiária Meredith Sanderson, da Georgetown University; Beatriz Febres-Cordero, da Fundación Papyrus de Caracas; e Nohra Padilla, da Asociación Cooperativa de Recicladores de Bogotá (ARB) participaram da LASA em uma sessão patrocinada pela IAF intitulada “Criação de parcerias para o poder: perspectivas a partir de iniciativas de reciclagem baseadas nas comunidades no Brasil, Colômbia e Venezuela”.

Padilla é uma recicladora que começou a organizar a cooperativa que chefia em 1990 com o objetivo de aumentar a renda e a eficiência por meio da redução da função do comprador intermediário. Mota trabalha em sua ONG há 23 anos ajudando os recicladores do Rio a descobrirem os benefícios do trabalho conjunto. Febres-Cordero comanda a fundação corporativa de uma importante empresa do ramo de produção de papel cujo programa foi apresentado a várias escolas da Venezuela como uma forma de ensinar práticas para sustentar o meio ambiente e obter dinheiro para investir na infra-estrutura educacional. “Fornecemos às pessoas as ferramentas para que superem suas condições”, disse ela.



Patrick Breslin

O Congresso da LASA, realizado a cada 18 meses, reúne mais de 5.000 acadêmicos de todo o mundo para discutir temas relacionados à América Latina e ao Caribe. Kevin Healy, Representante da IAF para a Bolívia e Colômbia e perito de destaque em movimentos indígenas, estava entre os que se pronunciaram nas mais de 900 mesas-redondas realizadas durante quatro dias. Falando para uma platéia que lotou a sessão sobre reforma política e social na Bolívia e no Equador, Healy comparou dois casos de empoderamento dos indígenas das micro-regiões bolivianas no altiplano andino e nas planícies.



Weaving a Future: Tourism, Cloth, and Culture on an Andean Island (Tecendo o futuro: turismo, produtos têxteis e cultura em uma ilha andina)



De Elayne Zorn

Iowa City: University of Iowa Press, 2004

Disponível em inglês

Revisto por Lynn A. Meisch

Por boas razões a globalização, a crescente interligação das sociedades por meio das comunicações de massa, transporte, tecnologia e turismo, assumiu o papel central na antropologia. Seus efeitos são evidentes em todas as partes, inclusive nas muitas comunidades remotas onde os antropólogos fazem pesquisas. A excelente etnografia de Elayne Zorn, *Weaving a Future*, examina os efeitos da globalização na pequena ilha de Taquile no Lago Titicaca, Peru, onde ela realizou trabalho de campo durante 30 anos.

A história começa no final da década de 1960 quando Kevin Healy, então voluntário do Corpo da Paz e atual representante da IAF para a Bolívia e a Colômbia, começou a ajudar a população indígena de Taquile a comercializar seus esplêndidos produtos têxteis feitos à mão. Isso coincidiu com o crescimento mundial do fascínio pelas artes étnicas. O interesse de Zorn pelos produtos têxteis andinos a levaram a Taquile em 1975, apenas um ano antes do início do seu crescimento como um destino popular de viajantes aventureiros. As tentativas dos habitantes de Taquile para controlar o turismo e o respectivo lucro incluíam a hospedagem organizada

em casas, o lançamento de uma cooperativa de produtos têxteis e artesanato e as solicitações de doação à IAF, com resultados positivos, para obter subsídios que permitissem a construção de barcos em 1978 e, posteriormente, a abertura de um museu. Os barcos inicialmente permitiam que os taquileanos se beneficiassem do turismo, mas depois os ilhéus perderam o controle para as agências de viagem e operadores de barcos de Puno, que anunciavam na Internet e também interceptavam os viajantes nas docas de Puno antes que eles chegassem aos moradores de Taquile.

Mesmo assim, as notícias não são todas ruins. O relatório cheio de nuances e detalhes ricos de Zorn evita as dicotomias de preto e branco que infestam tantos trabalhos sobre globalização, uma vez que ela analisa os efeitos positivos e negativos do turismo na comunidade. O turismo trouxe dinheiro a Taquile por meio da hospedagem em residência particular e das compras dos produtos têxteis. O interesse dos estrangeiros na sua cultura aumentou o orgulho dos taquileanos quanto à



Tecelagens da Ilha de Taquile

sua etnia indígena, uma identidade denegrada no Peru. Muitos taquileanos pedem aos estrangeiros para serem seus *compadres* (padrinhos de seus filhos), o que resulta em benefícios como viagens ao exterior para os moradores da ilha. Zorn é um exemplo de uma *comadre* muito útil; ela ajudou os ilhéus com a aplicação da IAF, hospedou algumas pessoas em uma visita a Nova York e serviu como intérprete e narradora quando Taquile fez parte do Festival da Vida Folclórica Americana da *Smithsonian Institution* em 1991 e 1994. Alguns moradores da ilha compraram painéis de energia solar para suas casas com os lucros das vendas dos produtos têxteis nesses eventos, um efeito positivo do contato com o mundo externo. O turismo também melhorou a situação das mulheres, dando-lhes um papel mais proeminente na vida pública, e estimulou a produção de novos tecidos, incluindo os cintos-calendário. A visibilidade e o status dos taquileanos no Peru também aumentaram.

Entretanto, os fluxos de turistas e seus dólares não beneficiaram os ilhéus de forma igual. A imposição de padrões para as acomodações em residência particular eliminou as famílias mais pobres desta fonte de renda. O desejo dos turistas de comprar artesanato dos seus anfitriões ocasionou menos vendas para a loja da cooperativa porque as vendas particulares não passam pela cooperativa e podem até usar preços mais baixos. Os artesãos de Taquile aprenderam atalhos que reduzem o tempo de produção, aumentando assim a renda de seus tecidos, mas esses atalhos resultam em um trabalho de menor qualidade, bem como em uso maior de fios sintéticos. Como os jovens da ilha estão aproveitando a oportunidade de frequentar a escola secundária e até a universidade, eles não têm tempo de aprender as habilidades têxteis tradicionais. Alguns taquileanos encontram maneiras menos demoradas de ganhar a vida como, por exemplo, abrindo restaurantes, e pararam totalmente de fiar e tecer. Os residentes da comunidade também sentiram a necessidade de enfatizar suas características “indígenas” porque os turistas querem ver “índios” no que eles imaginam ser um ambiente tradicional. Ultimamente os moradores da ilha concordaram em usar telhados de sapê em vez de telhados de chapas de ferro corrugadas, por exemplo. Esses desenvolvimentos também são comuns em Otavalo, Equador, outra comunidade indígena

que transformou em mercadorias tanto a sua identidade étnica com a tradição têxtil em resposta ao mercado. Além disso, o influxo de visitantes a Taquile trouxe problemas ambientais, incluindo problemas de descarte de resíduos humanos e de lixo.

De um modo geral, Zorn vê o copo de Taquile como mais da metade cheio. De acordo com ela, “Taquile está no primeiro plano das iniciativas para tentar tecer um futuro que ofereça as vantagens do desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, minimize os custos.” Resumindo, a população indígena de Taquile está longe de ser passiva quando enfrenta influências externas. Eles respondem com considerável criatividade aos desafios que enfrentam, assim como responderam durante séculos às dificuldades do seu ambiente físico. A maneira de escrever de Zorn é clara e acessível e seu livro passou pela prova de fogo: meus graduandos gostaram de *Weaving a Future* quando o indiquei em meu curso sobre os povos e a cultura dos Andes. Este volume também é adequado para seminários de graduação de desenvolvimento, globalização, estudos andinos, turismo e arte indígena, bem como para especialistas ou leitores gerais interessados nesses assuntos.

Lynn A. Meisch é professora de antropologia do Saint Mary's College of California, Moraga, e pesquisou os efeitos do turismo nos produtos têxteis tradicionais de Tarabuco, Bolívia, e Otavalo, Equador.



Dançarinos da Ilha de Taquile, onde uma doação da IAF ajudou a desenvolver as tradições indígenas e o ecoturismo, na abertura do Museu Nacional do Índio Americano, na Smithsonian.



**Ideas For Development
(Idéias para o desenvolvimento)**

De Robert Chambers

Earthscan: Londres, 2005

Disponível em inglês

Robert Chambers está indignado. Um profissional apaixonado, que dedica sua vida ao campo do desenvolvi-

mento, está preocupado e decepcionado com o pouco impacto dos astronômicos volumes de recursos humanos, materiais e financeiros investidos em programas de desenvolvimento em todo o mundo. Aproveitando seu amplo conhecimento e os anos de experiência na África e na Ásia, ele revela suas frustrações, seus pensamentos e observações em *Ideas For Development (Idéias para o Desenvolvimento)*, uma coleção de escritos recentes e trabalhos anteriores sobre os quais reflete enquanto busca os ingredientes essenciais para o sucesso.

O leitor entende rapidamente que, segundo Chambers, os profissionais do desenvolvimento precisam mudar. Como o cantor e compositor Jimmy Buffet, para ele o problema é uma questão de “atitudes e latitudes”. Os profissionais do desenvolvimento, como nós, precisam reconhecer que os participantes-beneficiários do “Sul” são capazes de uma análise complexa, conhecedores das estratégias mais adequadas para suas condições locais e inovadores no que diz respeito às suas soluções. “Precisamos admitir que eles têm percepção e aptidão muito maiores do que pensam muitos profissionais do “Norte”. A partir daí, podemos deixar o papel autoritário de controle e entregar grande parte da direção e da tomada de decisão para eles. Como Chambers nos adverte com franqueza, “trata-se de uma mudança pessoal que está ocorrendo e da vontade de ampliar o círculo de poder para além de seus limites tradicionais bem definidos”.

Chambers expõe seu caso nos sete capítulos de seu livro que aborda três grandes temas. O primeiro enfoca o empenho, a persistência e a perseverança do órgão doador quando se associa à população beneficiária – aspectos muitas vezes negligenciados e subestimados, diz ele, nas decisões relacionadas aos níveis de compromisso e de envolvimento. O segundo concentra-se na rigidez em comparação com a necessidade de constante revisão. Requer a adoção de princípios de participação que permitam um melhor entendimento do contexto e das condições singulares de um projeto, além da criatividade na adaptação de uma resposta para tratar de tal singularidade. O terceiro tema foca a pessoa do profissional do desenvolvimento que, afirma Chambers, é fundamental para o sucesso de um projeto ou programa.

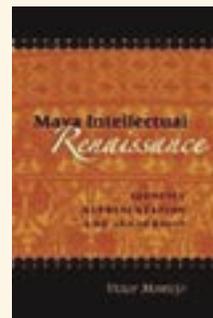
Quem quiser fazer uma contribuição positiva precisa adotar como seu mantra a redução da responsabilização e o bem-estar responsável, dois termos novos no léxico do desenvolvimento. O redimensionamento da responsabilização implica inverter as linhas tradicionais da responsabilidade, tornando-se responsável perante aqueles que recebem assistência e não perante os que a fornecem. O bem-estar responsável é algo mais geral. Chambers admite que não há uma única definição de consenso para esse termo; ele parece sugerir que signifique o atendimento das próprias necessidades de uma pessoa sem prejudicar os outros. Ele encerra seu livro com um apelo aos profissionais do desenvolvimento e a todos nós como seres humanos: subordinar os interesses pessoais, ser responsáveis em todo o espectro por nossas próprias ações e promover o bem-estar responsável como padrão em todas as nossas decisões.—Wilbur Wright, Representante Sênior da AIF para o Peru.

Maya Intellectual Renaissance: Identity, Representation and Leadership (Renascimento intelectual maia: identidade, representação e liderança)

De Victor Montejo

University of Texas Press: Austin, 2005

Disponível em inglês



Em *Maya Intellectual Renaissance: Identity, Representation and Leadership*, (Renascimento intelectual maia: identidade, representação e liderança), Victor Montejo explora os desafios que os Maias enfrentam atualmente e estimula a criação de uma Guatemala mais pluralista. Montejo, maia Jakalteq e antropólogo, professor da University of Califórnia em Davis, analisa esses povos indígenas a partir de uma ótica privilegiada. Ele próprio fugiu da Guatemala durante a Guerra civil. Voltou em 2003 para comandar o Ministério da Paz da Guatemala no Governo do Presidente Oscar Berger e para trabalhar como membro eleito do Congresso guatemalteco. Seu livro, um conjunto de textos escritos durante os últimos 10 anos, explora identidade, representação e liderança.

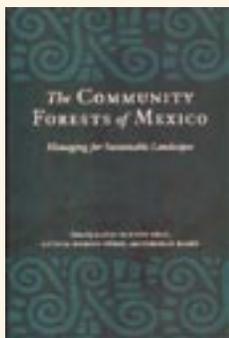
Para explicar a identidade maia, Montejo examina a repressão e a discriminação sofridas desde a chegada dos espanhóis à América Central. Após uma longa descrição da diversidade na região maia que inclui o México, Belize, Guatemala e Honduras, ele descreve como o atual movimento pan-maia busca “intensificar as raízes culturais comuns” e unir os numerosos grupos políticos e sociais. Inspirando-se nos valores compartilhados para criar uma identidade maia moderna, Montejo acredita que os

líderes indígenas possam criar um novo papel para os maias como parceiros do desenvolvimento de toda a região.

Nos capítulos seguintes, Montejo descreve detalhadamente o esforço para entrar na política local e nacional e influenciar políticas públicas. Conclama os líderes a começarem a representar as necessidades de suas comunidades em vez de confiar nos partidos políticos existentes; a permanecerem fiéis ao contexto maia e a resistirem à manipulação. Há um capítulo inteiro dedicado a Rigoberta Menchú, laureada com o Prêmio Nobel e a personalidade maia mais conhecida no mundo. Sua autobiografia apresentando as vicissitudes dos indígenas guatemaltecos provocou indignação internacional, embora posteriormente Menchú tenha enfrentado insinuações de ter embelezado ou falsificado os eventos que descreveu. Montejo usa a experiência dela para afirmar que os maias precisam falar por si próprios e não através de grupos com motivações políticas.

Montejo considera que seu país precisa de líderes de base que saibam como empregar o espírito maia de colaboração no sentido de eliminar as diferenças raciais e como incentivar o diálogo entre todos os guatemaltecos. Ele conclui propondo modos pelos quais os maias podem empregar sua visão de mundo e valores tradicionais para “resolver muitos dos problemas de violência e criminalidade.” *Maya Intellectual Renaissance* proporciona uma perspectiva de uma sociedade indígena dinâmica e oferece estratégias de apoio às comunidades maias àqueles que trabalham na Guatemala. Com seu livro, Montejo lidera pelo exemplo e transforma a história de sobrevivência dos maias em um mapa esperançoso do futuro da Guatemala.—*Megan Moriarty, Assistente de Programas da IAF.*

The Community Forests of Mexico: Managing for Sustainable Landscapes (As florestas comunitárias do México: Gestão de paisagens sustentáveis)



Editado por David Barton Bray, Leticia Merino-Pérez e Deborah Barry

Austin: University of Texas Press, 2005

Disponível em inglês e espanhol

David Barton Bray, um dos editores de *The Community Forests of Mexico: Managing for Sustainable Landscapes*

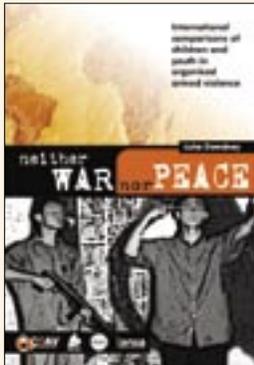
(*As florestas comunitárias do México: Gestão de paisagens sustentáveis*) notou pela primeira vez a existência das empresas de florestas administradas pelas comunidades do México quando era Representante da IAF para o México em 1980. Percebendo que estava diante de algo impor-

tante, começou a financiar esses projetos. No processo de monitorá-los, tornou-se um dos peritos pioneiros nesse assunto que revelou ser uma carreira inteiramente nova e, finalmente, Bray deixou a IAF para chefiar o Instituto de Ciência para a Sustentabilidade na América Latina e no Caribe da Florida International University. Entretanto, ele ainda estava na IAF em 1991 quando Desenvolvimento de Base dedicou uma edição inteira (vol. 15, Nº 3) à silvicultura comunitária reunindo algumas das poucas experiências documentadas existentes. *A Community Forests of Mexico* apresenta todo o conhecimento de uma década relacionado ao que é hoje uma crescente tendência de conservação ambiental e desenvolvimento econômico.

Os povos indígenas do México têm uma tradição de propriedade coletiva da terra que antecede à chegada dos espanhóis e hoje as vastas extensões de florestas comunitárias do país são as maiores do planeta. Até a década de 1980, entretanto, o Governo mexicano regulamentava a derrubada de árvores por meio de concessões feitas a grandes empresas e as comunidades indígenas que possuíam florestas tinham pouca oportunidade de opinar na transação. Em vez de estimular a conservação, o esquema de concessões acelerava o desmatamento. Os limites arbitrários da extração de madeira e os prazos para as derrubadas de árvores com os quais o governo pretendia proteger as florestas na verdade provocaram um grande dano. A extração ilegal era incontornável; os trabalhadores eram mal pagos e perderam o vínculo com sua herança ambiental.

Nas últimas décadas, contudo, políticas mais liberais e a descentralização da economia mexicana abriram as portas para mais empreendimentos em florestas de base gerenciadas pela comunidade como alternativa para esse cenário desolador. O livro *Community Forests of Mexico* reúne trabalhos escritos de sociólogos, economistas, historiadores, ecologistas e biólogos, todos concordando que a gestão comunitária tem beneficiado tanto os moradores das florestas quanto as próprias florestas. Essas comunidades entendem que possuem e dependem de um recurso ao mesmo tempo frágil e valioso. O incentivo para que usem sua terra sem esgotá-la vem resultando em práticas de conservação mais coerentes do que as normas governamentais.

Em seus estudos de caso que incluem florestas em Michoacan, Oaxaca, Quintana Roo, Durango e Guerrero, os autores não apresentam um único modelo “correto” de empreendimento em florestas comunitárias. Ao contrário, seus exemplos variam de acordo com os ecossistemas, a cultura, grupo étnico, conhecimento formal, estrutura de poder e contexto histórico. Eles confirmam que os silvicultores de base do México são administradores sensatos e eficazes que reconhecem a conservação como um investimento econômico. Como o *The Community Forests of Mexico* nos mostra, eles são um exemplo a ser seguido por todo o mundo.—*Eduardo Rodríguez-Frías*



Nem Guerra nem paz: Comparações internacionais de crianças e jovens na vio- lência armada organizada

De Luke Dowdney

Editora 7 Letras: Rio de Janeiro,
2005

Disponível em inglês e português

Em 2003, a Viva Rio, organização donatária da IAF, em colaboração com o Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER); o autor/coordenador Luke Dowdney; e ONGs afiliadas de vários países interessados concluíram três anos de pesquisa sobre o papel das crianças e jovens nas facções do crime organizado comandado pelo tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro. A publicação fruto da pesquisa, *Children of the Drug Trade* (As crianças do tráfico de drogas), foi considerada um recurso revolucionário para a análise e compreensão dos grupos que dominam as áreas mais pobres do Rio.

Na publicação subsequente de 2005, apropriadamente intitulada *Nem guerra nem paz*, Dowdney e sua equipe examinam mais profundamente a exploração das crianças como soldados. Embora os pesquisadores tenham reunido dados qualitativos e quantitativos de várias fontes, as informações mais valiosas do livro são certamente as extraídas de 120 entrevistas com jovens ex-combatentes, todos com menos de 18 anos, de 10 países espalhados em quatro continentes. Dowdney estabelece o tom realista do livro ao mencionar logo no início que pelo menos duas dessas crianças informantes foram mortas antes da publicação.

Os dois primeiros capítulos do livro apresentam os fatores que influenciaram a evolução de cada um dos grupos armados estudados —sua origem, estrutura de comando, relações com a comunidade e o papel do Estado, entre outros— e as ferramentas analíticas, a terminologia e os temas utilizados para identificar as características em comum e as diferenças. Mas a essência do livro está nos estudos de caso, que recebem um capítulo cada um. A estatística e as conclusões da pesquisa são complementadas com uma riqueza de informações que explicam como a história, a política e os fatores socioeconômicos locais moldaram o grupo armado.

Entretanto, *Nem guerra nem paz* não apresenta apenas o problema. Depois de centenas de páginas de análise da violência armada e das mortes extra-judiciais, Dowdney arrisca-se a oferecer soluções. Sua opinião mais contundente apresentada nesse capítulo de 11 páginas— expres-

sa em todo o livro —é a futilidade das políticas repressivas como forma de controlar grupos armados. Em vez disso, Dowdney apresenta uma série de recomendações que começam com a etapa fundamental de reconhecimento do problema, mas também defende a tese de que os legisladores devem concentrar-se em medidas mais amplas, tais como o tratamento da corrupção, controle de armas, reforma da política anti-drogas e abordagem baseada no conceito de inclusão social.

Nem Guerra nem paz é, antes de tudo um estudo voltado para profissionais que realizam trabalhos de campo com crianças e jovens em situação de violência armada organizada. Dowdney traduziu um conjunto de dados em uma narrativa coerente que, não obstante, reflete o processo doloroso de coleta que ocorreu durante 13 meses em vários continentes. Os leitores que tiverem interesse apenas superficial nos tópicos abordados podem ficar atordoados com a minuciosidade utilizada para expor esse pesado e comovente assunto. Para o público-alvo, porém, o livro é um recurso inestimável que demonstra a perícia e a preocupação das maiores autoridades nesse campo de estudo.—Courtney Brown, Assistente de Programas da IAF.

The Sixth Section (A sexta seção)

Dirigido e produzido por Alex Rivera

SubCine.com: EUA/México, 2003

Legendas em inglês e espanhol



Depois que uma seca devastou a economia de Boquerón, México, em 1982, muitos de seus residentes migraram para

Newburgh, Nova York, onde finalmente formaram uma associação para o desenvolvimento da cidade natal. *The Sixth Section* usa excelente fotografia de lapso de tempo e narrativas na primeira pessoa para explorar os êxitos e as dificuldades dessa associação na produção de uma mudança positiva em Boquerón. O título desse documentário de 27 minutos é uma referência direta ao papel ativo que os residentes mexicanos de Newburgh ainda desempenham em sua cidade de origem: considera-se atualmente que Boquerón tenha seis bairros ou secciones — cinco no México e a sexta em Newburgh.

Com pequenas doações de US\$5 a US\$20, as associações para o desenvolvimento da cidade natal financiaram melhorias em Boquerón, incluindo uma igreja recém-inaugurada, um estádio de beisebol, uma cozinha para o jardim de infância da cidade, uma ambulância para

seu centro de saúde e instrumentos musicais para sua banda local. Pelos padrões comuns, essas realizações são excepcionais. Na realidade, um político mexicano em campanha que havia sido apresentado na inauguração do estádio de beisebol, viajou até o estado de Nova York onde se reuniu com a associação para o desenvolvimento da cidade natal e relatou que estava trabalhando para conseguir a construção de uma estrada pavimentada para Boquerón, algo que os membros consideraram ter sido inspirado por seus esforços.

Mas também havia ocorrido uma séria falta de coordenação com as pessoas que ainda residiam em Boquerón. Após a construção do estádio e a compra da ambulância, os membros da associação chegaram à conclusão de que havia poucos jogadores de beisebol em sua cidade natal e que não havia como colocar a ambulância em funcionamento. O resultado foi uma mudança de foco, de projetos sociais para econômicos. Lembrando-se do motivo por que eles haviam deixado Boquerón, um membro afirmou que voltaria para lá se pudesse viver da agricultura —a associação para o desenvolvimento da cidade natal decidiu que seu próximo investimento seria a irrigação. O primeiro passo seria um poço, um projeto que o governo estadual havia iniciado mas nunca concluído. Quando o filme *The Sixth Section* foi lançado, a associação para o desenvolvimento da cidade natal já tinha arrecadado US\$ 12.000 para a execução do projeto.

As associações para o desenvolvimento da cidade natal são uma forma de continuar participando da vida da comunidade de origem e, como revela Rivera, uma fonte de empoderamento para as pessoas que são sempre marginalizadas e exploradas nos Estados Unidos. *The Sixth Section* examina profundamente de que modo, por meio da organização para a melhoria das condições de sua cidade natal, os migrantes podem ter voz.—*Therese Logan, Assistente de Programas da IAF*

The Remittance Sending Practices of Haitians and Jamaicans in Canada (As práticas de envio de remessas dos haitianos e jamaicanos no Canadá)

Elaborado pelo Centro de Pesquisas sobre América Latina e o Caribe (CERLAC)

York University: Toronto, 2005

Disponível em inglês

O Censo de 2001 do Canadá revelou que o número de seus residentes nascidos no estrangeiro atingia 5,4 milhões e representava 18,4% da população, a mais alta proporção em 70 anos. Mais de 500.000 dos estrangeiros identificaram-se como de “origem caribenha”: de An-

tigua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Bermuda, Cuba, República Dominicana, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, St. Kitts e Nevis, Martinica, Puerto Rico, Santa Lúcia, Trinidad e Tobago e São Vicente e Granadinas. Destes, os imigrantes jamaicanos e haitianos formavam os maiores grupos, com 211.720 e 82.405 pessoas, respectivamente. A maioria dos imigrantes que chegaram na década de 1990 fazem parte da população economicamente ativa, de 25 a 64 anos, um motivo para o aumento nas remessas para a região do Caribe dos cerca de US\$400 milhões por ano no início da década de 1990 para aproximadamente US\$4 bilhões em 2002, segundo o Banco Mundial. Na Jamaica e no Haiti, as remessas representam um importante percentual do PIB; no Haiti, respondem por 14%, a parcela mais significativa do Caribe.

CERLAC do Canadá examinou as remessas de jamaicanos e haitianos em 2005 e publicou suas conclusões no *The Remittance Sending Practices of Haitians and Jamaicans in Canada* (Práticas de envio de remessas dos haitianos e jamaicanos no Canadá), um relatório que descreve as duas comunidades, os remetentes e os destinatários, o volume e a frequência das transferências e os métodos usados. As quatro últimas páginas são dedicadas a sugestões para facilitar o processo de transferência. Embora esse relatório ofereça a percepção sobre o impacto das remessas nas comunidades da Jamaica e Haiti, ele é interrompido antes do final e oferece dados cuja importância não é explicada. O quadro de recebimentos de remessas da Jamaica e Haiti faz sentido, mas por que incluir um quadro sobre migrantes de El Salvador, Guatemala e Honduras no Canadá que, juntos, não atingem 40.000 residentes? Por que não apresentar números relativos a outros grupos caribenhos, tais como as mais numerosas comunidades da Guiana e de Trinidad e Tobago? Uma tabela sobre o emprego dos recursos financeiros remetidos deixa perguntas sem resposta, como, por exemplo, a situação socioeconômica dos destinatários. Por outro lado, porém, o CERLAC oferece idéias criativas sobre alterações nas políticas e sugestões de negócios para melhorar o processo de transferência, o qual poderia beneficiar os destinatários. Seu relatório, que pode ser encontrado no site <http://www.yorku.ca/cerlac>, é objetivo e acrescenta novas informações a uma literatura que tem enfatizado, até bem pouco tempo, El Salvador e México.—*Tina L. Balin-Brooks*

Publicações da IAF Disponíveis



Espanhol

As parcerias entre a sociedade civil, empresas e governo são um instrumento valioso do desenvolvimento e para isso *Formación de Alianzas Para el Desarrollo Sostenible* (Formação de Parcerias para o Desenvolvimento Sustentável) é um guia prático para os profissionais interessados em melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda. O livro conduz o leitor pelo processo

de formação de parcerias, desde a etapa de planejamento até a criação da aliança e termina com a técnica para medir o impacto. Inclui também exemplos de verdadeiras alianças de trabalho em toda a América Latina e o Caribe.



Inglês

Espanhol

Em 1969, o Congresso dos EUA criou a IAF com a finalidade de atender às necessidades da população de base. Oito anos mais tarde, o pessoal da IAF avaliou sua experiência com o desenvolvimento baseado na auto-ajuda e publicou *They Know How* (Eles sabem). O título faz alusão a outro livro intitulado *We Don't Know How* (Não sabemos), uma resenha anterior, sobre os fracassos da ajuda externa. O livro baseia-se na relação da IAF com 94 donatários para afirmar que a população de baixa renda organizada é quem mais sabe melhorar as condições de suas comunidades e que pode ser responsável por seus próprios projetos de auto-ajuda. A obra, um dos clássicos da literatura do desenvolvimento, foi reimpressa em 1991.



Inglês

Espanhol

Antes de ser suspenso em 2000, o Programa de Bolsas de Estudos da IAF para Doutorado em Universidades dos EUA concedia apoio financeiro aos estudantes em sua busca por tópicos cuja diversidade está refletida em *Inquiry at the Grassroots: An Inter-American Foundation Fellowship Reader* (Consulta na base: uma leitura das bolsas de estudos da Fundação Interamericana). Em 1993, Willian Glade, principal

pesquisador do Centro Internacional Woodrow Wilson; Charles A. Reilly, Diretor de Estudos Temáticos da IAF; e Diane Bendahmane, Diretora Técnica de Serviços de Informação do Instituto Internacional de Ciência e Tecnologia, uniram forças para publicar essa coleção de relatórios sobre os diversos aspectos do desenvolvimento e alívio da pobreza.



Inglês

Espanhol

A série de estudos *New Paths to Democratic Development in Latin America: The Rise of NGO-Municipal Collaboration* (Novos caminhos para o desenvolvimento democrático na América Latina: o surgimento da cooperação entre ONGs e municípios), editada por Charles A. Reilly, ex-Diretor de Pesquisas e Estudos Temáticos da IAF, examina a relação entre o governo e o terceiro setor em diversos países. Embora os estu-

dos tenham sido concluídos em 1990 e 1991, continuam a ser relevantes para o debate sobre quem deve prestar serviços sociais e como pagar por eles. O livro sustenta que 72% dos latino-americanos vivem em cidades. Para responder às necessidades desses moradores urbanos, a publicação vê as ONGs como instâncias de união, e não de oposição, aos governos municipais.



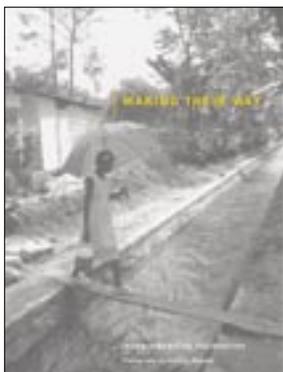
Inglês

Espanhol

O Uruguai é uma sociedade urbanizada, mas a maioria dos projetos da IAF nesse país foi realizada na zona rural. No livro *The Small Farmer Sector in Uruguay: A Partnership in Development Cooperation* (O pequeno setor agrícola do Uruguai: uma parceria de cooperação para o desenvolvimento), publicado em 1989, Cynthia Ferrin, especialista em movimentos cooperativistas no Uruguai e Representante da

IAF de 1974 a 1987, descreve como, por meio de esforços de auto-ajuda e assistência externa, as cooperativas do campo enfrentaram os desafios do contexto econômico e político uruguaio do final do século XX.

Para obter um exemplar gratuito dessas publicações da IAF, envie seu pedido a info@iaf.gov.



Passo a passo

*Exposição fotográfica:
Miguel Sayago*

*Disponível em empréstimo da
Fundação Interamericana*

A fim de documentar seu programa de auto-ajuda na América Latina e no Caribe, a Fundação Interamericana tem contratado vários fotógrafos profissionais nas últimas três décadas. *Passo a passo*, a primeira exposição fotográfica móvel da IAF, compõe-se de 30 fotografias montadas, selecionadas da obra de Miguel Sayago, um dos artistas que têm retratado beneficiários da assistência da IAF no lar, no bairro e no local de trabalho, onde os conhecemos. Sayago tem fotografado para a IAF quase desde o início de sua carreira como fotógrafo profissional em 1984. Em *Passo a passo* capta não somente o trabalho da IAF, mas também a diversidade de nosso Hemisfério: enclaves pesqueiros e aldeias nas montanhas, favelas urbanas e comunidades rurais, micro-empresas e pequenas propriedades agrícolas, panoramas cambiantes e antigos costumes, bem como o fato de os indígenas e afro-descendentes formarem uma porcentagem desproporcionalmente grande das pessoas de baixa renda. Frequentemente, por trás da pessoa ou da cena captada na foto, há uma história.

A coleção está disponível para empréstimo às instituições interessadas. Já foi exibida na reunião ministerial da Comissão Interamericana de Desenvolvimento Social da Organização dos Estados Americanos em Santiago do Chile; no Pátio Azteca da sede da OEA em Washington, DC; na Embaixada do Chile; no Centro Woodrow Wilson em Washington, D.C.; no Congresso Internacional de Estudos Latino-Americanos em Las Vegas e na Universidade do Texas em Austin.



Communauté Croix-Fer, Riaribe, Haiti. Raymonde Louis, de 11 anos de idade, é aluna de uma escola construída e equipada em 2001 graças à parceria estabelecida por sua comunidade e apoiada por uma doatária da IAF, Fondasyon Enstitisyon-yo pou Devlopman ki Sòti nan Baz-la (FIDEB), uma federação de organizações comunitárias e grupos de base que representam todos os departamentos haitianos. A FIDEB concede doações a projetos que mobilizam o dobro da doação da FIDEB em fundos de contrapartida de outras fontes.

Para ver fotos de *Passo a passo*, visite o website www.iaf.gov, selecione o idioma e clique em Ensaio de fotos. Para solicitar uma visita desta exposição à sua instituição, entre em contato com Mark Caicedo pelo e-mail mcaicedo@iaf.gov. A pedido dos interessados, a IAF também pode fornecer oradores para acompanhar a exposição e explicar o desenvolvimento de base.



Rio de Janeiro, Brasil. O Projeto Desportivo e Cultural Joãozinho, beneficiário do Centro de Educação e Articulação Popular (CEAP), donatário da IAF, inclui o treinamento futebolístico como parte de seu programa de liderança para crianças de famílias de baixa renda. Alguns jovens inscritos aprendem o esporte suficientemente bem para serem recrutados por times profissionais do Brasil.

Um Legado de Participação no Setor Privado

— BILL K. PERRIN: 1938-2005 —

O Embaixador Bill K. Perrin, o quarto Presidente da Fundação Interamericana (Inter-American Foundation - IAF), faleceu em agosto em Houston onde residia desde a sua aposentadoria. Durante o seu mandato de 1990 a 1994, foi pioneiro na participação do setor privado da IAF no suporte ao desenvolvimento de base.

Perrin destacou-se em uma carreira do serviço público em 1982, após um breve afastamento depois de 20 anos como proprietário e gerente de uma variedade de negócios. Antes de chegar à IAF trabalhou no Corpo da Paz dos Estados Unidos como Diretor desse programa em Belize, Diretor do Caribe Oriental e Diretor Regional da África, além de ser Embaixador em Chipre e Subsecretário de Assuntos do Leste Asiático e do Sul da Ásia no Departamento de Estado. Tudo isso, apesar de Perrin sempre se ter considerado um homem de negócios. Ele acreditava na “Escola de Administração de J. Paul Getty”: Bons líderes podem ser gerentes em qualquer setor. O Secretário de Estado James Baker elogiou Perrin por sua administração da missão de Chipre, reconhecida em 1989 com um dos quatro prêmios para as embaixadas melhor administradas.

Perrin familiarizou-se com a IAF pela primeira vez ao trabalhar no Corpo da Paz, colaborando em diversos projetos. Ressaltou que esses projetos foram bem-sucedidos por terem sido iniciados e administrados por pessoas locais. Afirmou que, “Como a Fundação responde a propostas do projeto em vez de propor projetos, estávamos bem posicionados para, de algum modo, nos tornarmos companheiros de trabalho das pessoas em seus esforços para melhorar a própria vida”. Em uma entrevista em 1991 a *Desenvolvimento de Base*, ele lembrou-se de uma



Em dezembro de 1992, o Presidente da IAF Bill Perrin reconfirmou um acordo de cooperação com a PDVSA.

visita de campo durante a qual havia observado uma reunião de mulheres microempresárias em Belize. Cada mulher havia recebido um empréstimo financiado pela IAF e conseguido transformar com sucesso suas idéias em um pequeno negócio. Ele lembrou que uma das mulheres havia aberto uma loja e agora tinha diversos empregados trabalhando para ela. “Eu fiquei impressionado com o orgulho que ela sentia. Conseguira economizar além de pagar seu empréstimo e fez tudo sozinha!”

Sob a liderança de Perrin, a IAF incentivou os donatários a colaborarem com as

organizações multilaterais e bilaterais de desenvolvimento, com outros órgãos do governo e com o setor privado. Durante a sua presidência, a IAF e a *Petróleos de Venezuela* (PDVSA) começaram uma parceria de oito anos de cofinanciamento das iniciativas de desenvolvimento de base.

A visão de Perrin deixou um importante legado. Acordos como o da IAF com a PDVESA transformaram-se na RedEAmérica, uma rede de fundações corporativas e corporações dedicadas ao desenvolvimento de base como ponto principal do movimento de redução da pobreza nas Américas. Iniciada em setembro de 2002 como uma iniciativa da IAF com 25 membros em seu quadro, incluindo muitos parceiros atuais e antigos da IAF, a RedEAmérica agora tem 55 membros corporativos de fundações e o apoio de 360 empresas. Baseia-se em duas premissas: as melhores idéias para o progresso econômico e social de uma comunidade são provenientes das pessoas e o setor empresarial tem interesse em apoiar projetos que aumentem o desenvolvimento e a governança democrática.—Linda Borst Kolko e Pam Palma, Diretora dos Serviços de Gestão de Informações.



www.iaf.gov

Índice

Carta de nossos leitores

Enfoque: Desenvolvimento Transnacional

Migração e desenvolvimento: encontros e desencontros

Jonathan Fox

O universo das associações de emigrados mexicanos nos Estados Unidos

Gaspar Rivera-Salgado, Xóchitl Bada and Luis Escala-Rabadán

Heróis locais: Como os emigrados mexicanos melhoram as condições de suas terras natais

Dan Gordon

Instantâneos das mesas-redondas da IAF: doações na era do transnacionalismo

Kathryn Smith Pyle

A IAF e as comunidades transnacionais de El Salvador

Kathryn Smith Pyle

Destaques transnacionais da carteira da IAF no México

Jill Wheeler

Um grupo de base aproveita um mercado de “nostalgia”

Patrick Breslin

Nativos da Baja California: raízes profundas, grandes esperanças

Miguel Wilken-Robertson

Wyclef Jean: mega-estre trabalha para mudar o Haiti

Tina L. Balin-Brooks

SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS

A superpoupança de Ayacucho: Introdução de bancos comunitários nas aldeias dos Andes peruanos

Kevin Healy

Quando ocorre um desastre

Depois de Mitch, o desenvolvimento local

Luis González Amaya and John Reed

Rumo à recuperação depois do furacão Stan

Patrick Breslin

NA IAF

Chegando aos afrodescendentes

A marcha do desenvolvimento

Revisão de livro: Weaving a Future: Tourism, Cloth, and Culture on an Andean Island (Tecendo um futuro: turismo, vestimenta e cultura em uma ilha andina)

Recursos

In Memoriam